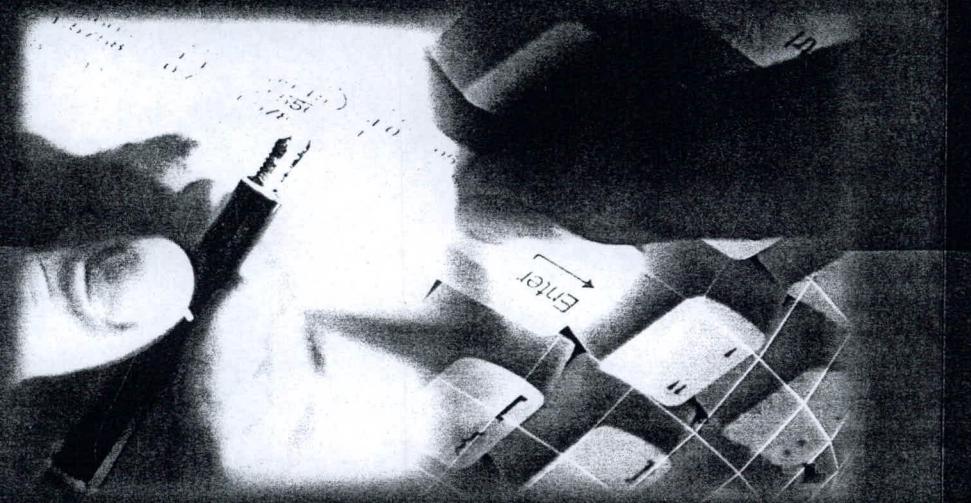


- ABNT Atualizada • Artigo • Resenha
- Short Paper • Position Paper
- Inclui:

Métodos e Técnicas

TCC



Antônio Carlos de Souza
Francisco Antônio Pereira Fialho
Nilo Otani

Souza / Fialho / Otani

TCC Métodos e Técnicas

Visual Books



Bela leitura e um excelente trabalho de pesquisa!

A motivação é escolha dos autores pelo tema baseiam-se nas dificuldades que os alunos normalmente apresentam; a identificação das estruturas dos diferentes trabalhos acadêmicos como Resenha Crítica, Artigo, Short Paper, Ensaio elegefíco, Monografia, entre outros. Um capítulo é dedicado especificamente ao TCC, por intermédio de exemplos praticos e considerando os padrões da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

O livro é dimensionado em seis capítulos: Introdução, O Método Científico, Classificação das Pesquisas, Formas de Apresentação de Trabalhos Científicos, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e A Etica na Pesquisa.

A obra TCC: Métodos e Técnicas orienta os alunos para a elaboração de seus trabalhos acadêmicos, buscando facilitar o entendimento, proposição, aplicação e estruturação das diferentes atividades didático-pedagógicas requeridas no transcorrer dos cursos de graduação ou mesmo de pós-graduação.

Antonio Carlos de Souza
Francisco Antonio Pereira Fialho
Nilo Otani

TCC:

Métodos e Técnicas

Visual Books

Copyright© 2007 by Antonio Carlos de Souza, Francisco Fialho e Nilo Otani
Copyright© 2007 by Editora Visual Books

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem autorização prévia e escrita de Visual Books. Este livro publica nomes comerciais e marcas registradas de produtos pertencentes a diversas companhias. O editor utiliza estas marcas somente para fins editoriais e em benefício dos proprietários das marcas, sem nenhuma intenção de atingir seus direitos.

Agosto de 2007

Editora Chefe: Laura Carvalho
Design da Capa: Julio Cesar Winck
Diagramação/Design: Editora Visual Books
Revisão: Carina de Melo
Realização Editorial: Visual Books Editora

So895t Souza, Antonio Carlos de

TCC: Métodos e Técnicas / Antonio Carlos de Souza, Francisco Fialho e Nilo Otani. - Florianópolis: Visual Books, 2007.

160 p.; 23cm.

ISBN 85-7502-216-4 (10 díg.)
978-85-7502-216-0 (13 díg.)

1. Metodologia da Pesquisa Científica. 2. Trabalhos Acadêmicos. 3. ABNT. I. Título.

CDU 001.8

Direitos reservados por:

Editora Visual Books

Filiada à CCL - Câmara Catarinense do Livro
Rua Tenente Silveira, 209, sl 3 - Centro
Florianópolis - SC - 88.010-300
Tel: (48) 3222-1125 Fax: (48) 3324-2886

Serviço ao cliente: atendimento@visualbooks.com.br

HomePage: www.visualbooks.com.br

Dedico este livro a meus pais, Waldemiro e Nardina, aos meus irmãos, Carlos, Edison e Eliane, à Lucilene, minha esposa, e ao Rodrigo, meu filho, pelo apoio.

Antônio Carlos de Souza

Dedico este livro ao Universo e a todas as pessoas e situações nas quais este está continuamente a se manifestar.

Francisco Antonio Pereira Fialho

Este livro é dedicado à minha esposa, Mitiko; à nossa filha, Mie; aos meus pais, Ichiro e Kimiko; aos colegas professores, em especial Pedro Melo, Ana Maria Franzoni e Esperidião Amin; e aos estudantes do ensino superior.

Nilo Otani

Sumário

Prefácio	11
Apresentação	13
1 Introdução	15
2 O Método Científico	17
2.1 O Conhecimento Científico	19
2.2 Método de Pesquisa	24
2.2.1 Método Dedutivo	25
2.2.2 Método Indutivo	26
2.2.2.1 Indução Formal	27
2.2.2.2 Indução Científica	27
2.2.2.3 Método Hipotético-dedutivo	28
2.2.2.4 Método Dialético	28
2.2.2.5 Método Fenomenológico	29
2.3 Metaconhecimento	29
2.4 Problema de Pesquisa	31
3 Classificação das Pesquisas	35
3.1 Tipos de Pesquisa	35
3.2 Pesquisa quanto à Técnica Empregada	36
3.2.1 Documentação Indireta	36
3.2.2 Documentação Direta	37
3.3 Pesquisa quanto à Natureza	37
3.3.1 Pesquisa Básica	37
3.3.2 Pesquisa Aplicada	38
3.4 Pesquisa quanto aos Objetivos	38
3.4.1 Pesquisa Exploratória	38
3.4.2 Pesquisa Descritiva	38
3.4.3 Pesquisa Explicativa	38
3.5 Pesquisa quanto à Abordagem do Problema	39
3.5.1 Pesquisa Quantitativa	39
3.5.2 Pesquisa Qualitativa	39
3.6 Pesquisa em Relação às Fontes de Informação	40
3.7 Pesquisa em Relação aos Procedimentos Técnicos	40
3.7.1 Pesquisa Bibliográfica	40
3.7.2 Pesquisa Documental	41
3.7.3 Pesquisa Experimental	41
3.7.4 Pesquisa Ex-post Facto	41
3.7.5 Estudo de Corte	41

3.7.6 Levantamento	41
3.7.7 Estudo de Campo	42
3.7.8 Estudo de Caso	42
3.7.9 Pesquisa-ação	42
3.7.10 Pesquisa Participante	42

4 Formas de Apresentação de Trabalhos Científicos 45

4.1 Linguagem na Publicação Científica	46
4.2 Formas Básicas de Apresentação de Textos de Trabalhos Científicos	49
4.2.1 Sinopse	50
4.2.2 Resumo	50
4.2.3 Fichamento	52
4.2.4 Resenha	54
4.2.5 Resenha Crítica	55
4.2.6 Relatório	55
4.2.7 Paper	56
4.2.8 Short Paper	56
4.2.9 Position Paper	57
4.2.10 Ensaio Científico	57
4.2.11 Informe Científico	58
4.2.12 Artigo	58
4.2.13 Monografia	63
4.2.14 Dissertação	64
4.2.15 Tese	66
4.3 Planejamento e Etapas da Pesquisa	68
4.3.1 Primeira Fase: Planejamento	68
4.3.2 Segunda Fase: Execução	69
4.3.3 Terceira Fase: Redação do Texto Científico	73

5 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) 77

5.1 Estrutura Física	77
5.1.1 Elementos Pré-textuais	78
5.1.1.1 Capa	78
5.1.1.2 Lombada	79
5.1.1.3 Folha de Rosto	80
5.1.1.4 Folha de Aprovação	80
5.1.1.5 Dedicatória	80
5.1.1.6 Agradecimento	80
5.1.1.7 Epígrafe	80
5.1.1.8 Resumo na Língua Vernácula	80
5.1.1.9 Resumo em Língua Estrangeira	81
5.1.1.10 Lista de Tabelas	81
5.1.1.11 Lista de Ilustrações	81
5.1.1.12 Lista de Abreviaturas e Siglas	81
5.1.1.13 Lista de Anexos e Apêndices	81
5.1.1.14 Sumário	81
5.1.2 Elementos Textuais	82

5.1.2.1 Introdução	82
5.1.2.2 Desenvolvimento	82
5.1.2.2.1 Fundamentação Teórica	82
5.1.2.2.2 Procedimentos Metodológicos	83
5.1.2.2.3 Resultados de Pesquisa	83
5.1.2.3 Conclusão	83
5.1.3 Elementos Pós-textuais	83
5.1.3.1 Referências	83
5.1.3.2 Glossário	84
5.1.3.3 Apêndice	84
5.1.3.4 Anexo	84
5.2 Regras Gerais de Apresentação	85
5.2.1 Tipo do Papel e Impressão	85
5.2.2 Margens da Folha	85
5.2.3 Fonte	85
5.2.4 Espacejamento	86
5.2.5 Notas de Rodapé	86
5.2.6 Paginação	86
5.2.7 Tabelas e Ilustrações	87
5.2.7.1 Tabelas	87
5.2.7.2 Ilustrações	90
5.2.8 Equações e Fórmulas	95
5.2.9 Siglas	95
5.3 Citações	96
5.3.1 Citação Direta	96
5.3.1.1 Citação Direta até Três Linhas	97
5.3.1.2 Citação Direta acima de Três Linhas	98
5.3.2 Citação Indireta	98
5.3.3 Citação de Citação	100
5.3.4 Outras Formas de Citação	100
5.3.5 Ênfase em Trechos da Citação	101
5.3.6 Texto Traduzido pelo Autor	102
5.3.7 Sistema de Chamada	102
5.3.7.1 Coincidência de Sobrenomes	102
5.3.7.2 Diversos Documentos de um mesmo Autor	102
5.3.7.3 Sistema de Chamada: Numérico	103
5.3.7.4 Sistema de Chamada: Autor-Data	103
5.3.8 Notas de Rodapé	107
5.3.8.1 Notas de Referência	108
5.3.8.2 Notas Explicativas	110
5.4 Como fazer Referências	110
5.4.1 Autor Pessoal: até Três Autores	111
5.4.2 Autor Pessoal: mais de Três Autores	112
5.4.3 Autor Entidade Coletiva	112
5.4.4 Bíblias	113
5.4.5 Dicionários	113
5.4.6 Documento Jurídico: Legislação	113

Prefácio

5.4.7 Documento Jurídico: Jurisprudência	114
5.4.8 Leis e Decretos	114
5.4.9 Trabalhos Apresentados em Eventos Científicos	114
5.4.10 Artigo de Revista	114
5.4.11 Fascículos	115
5.4.12 Artigo e/ou Matéria de Jornal	115
5.4.13 Periódicos como um Todo	116
5.4.14 Periódicos: Partes	116
5.4.15 Notas de Aula	116
5.4.16 Entrevistas	116
5.4.17 Meio Eletrônico	117
5.4.17.1 Parte de Monografia	117
5.4.17.2 Arquivo em Disquetes	117
5.4.17.3 E-mail	117
5.4.17.4 Artigos e/ou Matérias de Periódicos em Meio Eletrônico	117
5.4.17.5 Artigos e/ou Matérias de Jornais em Meio Eletrônico	118
5.4.17.6 Instituições Online	118
5.4.17.7 CD-ROM	118
5.4.17.8 Evento como um Todo em Meio Eletrônico	119
5.4.17.9 Trabalho Apresentado em Evento em Meio Eletrônico	119
5.4.17.10 Documento Jurídico em Meio Eletrônico	119
5.4.17.11 Imagens em Movimento	119
5.4.18 Repetição de Autor	120
5.4.19 Autor de Capítulos ou Partes	121
5.4.20 Evento como um Todo	121
5.4.21 Trabalho Apresentado em Evento	121
5.4.22 Patente	121
5.4.23 Outros Tipos de Responsabilidade	122
5.4.24 Monografia no Todo	122
5.4.25 Número de Páginas na Referência	123
5.4.26 Partes ou Capítulos de Publicações	123
5.5 Sobre a Data	123
5.5.1 Data de Publicação	123
5.5.2 Abreviatura dos Meses	124
5.6 Numeração das Seções	125
6 A Ética na Pesquisa	127
Referências	131
Bibliografia	135
Apêndice A: Modelo de TCC	139
Apêndice B: Quadro ABNT NBR	157

Que obra de Umberto Eco terá sido mais lida: *O Nome da Rosa* ou *Como Fazer uma Tese?*. A avaliação da pergunta e a resposta ficam por conta de cada um de nós! O certo, porém, é que o segundo livro não será levado ao cinema, mas, certamente, já foi consultado em todas as academias ocidentais como socorro ao alcance de estudantes e, por consequência, disponível à própria academia e à ciência. O primeiro é deleite; o segundo é socorro! Seus conselhos – simples e objetivos – têm sido úteis aos que enfrentam a tarefa, geralmente solitária, de formatar suas idéias e sonhos, consolidando-os numa monografia, numa dissertação ou numa tese.

A pesquisa, os procedimentos metodológicos e o domínio do foco de um trabalho acadêmico exigem disciplina inteligente ou, como dizem os que sabem comunicar, exigem “ralar”!

O transcurso do tempo, a evolução tecnológica, especialmente na área da informação e da comunicação, e a sociedade do conhecimento estão criando extraordinários campos para pesquisa, para aplicações e prospecção de tendências. Ao mesmo tempo, essa inédita e fascinante disponibilidade de informações enseja novas dúvidas e armadilhas para o trabalho dos que se lançam a pensar e a estudar.

O divisor de águas entre uma boa idéia que se transforma num turbilhão de vetores discrepantes e contraditórios e um trabalho bem ordenado e aproveitável é determinado, entre outros, pela capacidade de fazer opções racionais e concatenadas.

Este é o sentido da contribuição deste livro. Os professores Antonio Carlos Souza, Francisco Antonio Pereira Fialho e Nilo Otani nos oferecem uma bússola de fácil utilização e inestimável valor com esta obra.

Desdobrada em capítulos que informam sobre Método Científico, Tipos de Pesquisa, Formas de Apresentação de Trabalhos Científicos, oferece orientação muito clara e detalhada

sobre estrutura física, apresentação gráfica, citações e referências. Finalmente, aborda um dos assuntos mais importantes a que a Academia dedica atenção: a Ética na pesquisa.

Permito-me, ainda, externar meu agradecimento pela honra de oferecer estas linhas a um livro de que pretendo me valer para bem cumprir deveres acadêmicos assumidos como estudante e como professor.

Finalmente, desejo expressar depoimento singelo sobre dois dos autores com os quais tenho podido conviver regularmente. Refiro-me ao Professor Nilo Otani, colega na Pós-Graduação e companheiro no Departamento de Administração da UFSC, cuja capacidade de trabalho e de sistematização está presente neste estudo. Como aluno do Professor Fialho, sou testemunha de sua capacidade didática, sintetizada pela animação, no sentido de infundir alma, ferramenta com que cativa seus “clientes”, instigando curiosidade, marco inicial da busca de respostas que move o mundo e cria inteligência.

Ambos, com a colaboração competente do Professor Antonio, oferecem este verdadeiro manual, certamente útil para os que precisam ver facilitado o caminho para a apresentação adequada da produção acadêmica.

Esperidião Amin Helou Filho
Professor do Departamento de Administração da UFSC
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em
Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC/UFSC)

Apresentação

Tem-se como pretensão explícita nesta publicação, *Métodos e Técnicas para Trabalhos de Graduação*, fornecer subsídios na orientação dos alunos na elaboração de trabalhos acadêmicos, buscando facilitar o entendimento, propósito, aplicação e estruturação dos diferentes trabalhos que podem ser solicitados como atividades didático-pedagógicas, no decorrer de seus respectivos cursos de graduação. Abordam-se também aspectos relativos à linguagem a ser utilizada na apresentação da escrita e a sua formatação estrutural.

O método científico é apresentado no capítulo 2, considerando a origem e a evolução no decorrer do tempo, além de estabelecer de forma acessível a filosofia básica de cada um dos métodos que podem ser utilizados no desenvolvimento das pesquisas acadêmicas.

Outro aspecto o qual se acredita relevante para o posicionamento dos acadêmicos é como classificar as pesquisas. Assim, no capítulo 3, dentro de uma linguagem clara, objetiva e concisa, buscou-se desmistificar as questões relativas à classificação das pesquisas acadêmicas, possibilitando ao aluno ter clareza nos procedimentos a serem adotados no desenvolvimento de seus trabalhos de pesquisa.

Uma dificuldade que alunos apresentam, sobretudo os de graduação, é identificar as estruturas dos diferentes trabalhos acadêmicos. Nesse sentido, são descritos no capítulo 4 os principais objetivos, aplicações e formas de apresentação de trabalhos de comunicação científica, como: resenha, resenha crítica, *short paper*, ensaio científico, artigo, monografia, entre outros.

No capítulo 5 encontra-se o foco principal deste livro: como desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Por intermédio de exemplos práticos e bem caracterizados, identificam-se os principais aspectos a serem observados nesse procedimento, até a apresentação do relatório final com os

respectivos resultados de pesquisa em conformidade com os padrões das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Para melhor entendimento, o TCC é dimensionado em estrutura física, regras gerais de apresentação, citações, como fazer referências, sobre a data e numeração das seções.

No entendimento de que, entre outros aspectos, os avanços da comunicação contribuem para a disseminação “incontrolável” das informações, salientam-se as questões concernentes à ética na pesquisa no capítulo 6.

Por fim, fez-se necessária a inserção dois apêndices, que buscam contribuir para o entendimento e o conhecimento dos alunos. O Apêndice A, “Modelo de TCC”, trata-se de um exemplo completo com os tópicos que contemplam um trabalho de conclusão de curso; o Apêndice B, “Quadro ABNT NBR”, identifica as principais normas que balizam os trabalhos científicos.

Aos graduandos uma boa leitura e um excelente trabalho de pesquisa.

Os Autores

1

Introdução

Os graduandos, sejam das áreas de Ciências Sociais, Humanas, Exatas ou Biológicas, deparam-se logo nas primeiras fases obrigados a atender às solicitações dos professores quanto aos trabalhos acadêmicos. As solicitações podem ser desde uma sinopse a um *paper*, passando pelo resumo, fichamento, resenha, resenha crítica, relatório, *short paper*, *position paper*, ensaio científico, informe científico, artigo, até a monografia.

Para determinados cursos de graduação, sobretudo aqueles de caráter científico ou humanístico, a monografia é apontada como trabalho de conclusão de curso. Em sua escrita, devem ser considerados aspectos relacionados ao método científico, a classificação das pesquisas e as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é o órgão responsável pela normalização técnica no Brasil. As normas brasileiras, cujo conteúdo é de responsabilidade dos Comitês Brasileiros (ABNT/CB), dos Organismos de Normalização Setorial (ABNT/ONS) e das Comissões de Estudos Especiais Temporárias (ABNT/CEET), são elaboradas por Comissões de Estudo (CE), formadas por representantes dos setores envolvidos, delas fazendo parte: produtores, consumidores e neutros (universidades, laboratórios e outros).

Normalizar significa atividade que estabelece, em relação a problemas existentes ou potenciais, prescrições destinadas à utilização comum e repetitiva com vistas à obtenção do grau ótimo de ordem em um dado contexto. A normalização é utilizada cada vez mais como um meio para se alcançar a redução de custo da produção e do produto final, mantendo ou melhorando sua qualidade (ABNT, 2007).

Identificando mais especificamente o processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), além da divisão em elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais que devem

conter em um relatório final de pesquisa, são abordados, mais sistematicamente, os elementos textuais, que se constituem no principal elemento estrutural de um TCC. Para o desenvolvimento desse elemento-chave, é necessário, além de definir o tema de acordo com o interesse próprio, justificar a proposta de pesquisa, definir objetivos, o problema a ser investigado e a hipótese da pesquisa, que nada mais é do que tentar encontrar uma resposta viável ao problema proposto, para tanto, a leitura é imprescindível.

A busca pela leitura na área de conhecimento do tema proposto envolve obras clássicas – e não livros “velhos” – , livros contemporâneos, artigos publicados em periódicos, revistas e eventos científicos, busca na internet e leitura de outros TCCs, dissertações e teses publicadas. É a leitura selecionada, o caminho seguro para dar a devida e correta sustentação ao trabalho a ser desenvolvido, creditando o caráter da científicidade.

Após a fundamentação teórica, parte-se ao capítulo seguinte, que descreve nos procedimentos metodológicos os materiais, métodos e técnicas utilizadas no desenvolvimento do trabalho.

Na seqüência e, por fim, instrui-se o acadêmico a analisar, interpretar os dados coletados no processo de investigação e, finalizando o TCC, apresentar as conclusões. Neste último capítulo são demonstradas as contribuições do pesquisador, portanto, os alunos não devem buscar contribuir de forma significativa pela renovação dos conhecimentos específicos à área de pesquisa na qual se insere o trabalho.

Todo esse processo pode demandar mudanças no lazer e nas atividades familiares e até mesmo possíveis noites em claro, contudo, alicerçado sob a paráfrase de Marcel Proust: “A verdadeira viagem de descoberta não consiste em buscar novas terras, mas em vê-las com novos olhos”, entende-se que novos desafios fortalecem o comprometimento do indivíduo e desenvolvem a sua cidadania.

2

O Método Científico

A complexidade das ciências humanas e sociais demanda métodos cada vez mais sofisticados, como o fenomenológico, o dialético, o estruturalista e, mais recentemente, os etnográficos. Para Lakatos (1983), um programa de pesquisa é formado por um “núcleo”, um “cinturão protetor”, e uma heurística. O núcleo consiste nos pressupostos fundamentais de uma teoria e se mantém constante ao longo de todo o programa. O que muda são as heurísticas, os argumentos que utilizamos para justificar nossas crenças quanto às imagens que se projetam na sombra de nossa caverna mental, as representações pelas quais compreendemos ou construímos a realidade¹.

Feyeraband (1978) defende um “anarquismo epistemológico”. A visão de Feyeraband é uma visão extrema das idéias de Sir Thomas Kuhn² (1982) em que existe algo ilógico e irracional. No entanto, as perspectivas trazidas por essa irracionalidade prometem fazer da ciência do século XXI um universo encantado onde, mais uma vez, a mágica das conexões não locais se unirá à tediosa implicação causal de nossos desatinos cotidianos.

No tempo de Galileu³, o bom senso diria que a Terra estava parada e nenhum valor lógico poderia ter um instrumento como o telescópio, que ampliasse a Lua, mas não as estrelas. A vitória

¹ Dependendo da epistemologia (a filosofia que fundamenta e significa o ato de conhecer), a realidade existe de fato ou é construída por uma consciência.

² A obra de Thomas Kuhn gira em torno da noção do que seja um paradigma científico, compreendido como um conjunto de crenças compartilhadas por um grupo de indivíduos que se intitulam cientistas.

³ Os dois principais livros de Galileu são: *Diálogo sobre os Dois Grandes Sistemas do Mundo* (1632) e *Diálogos sobre as Duas Novas Ciências* (1638). Nesses dois livros, os diálogos acontecem entre três personagens: Salviati, que representa o próprio Galileu; Simplicio, defensor de Aristóteles; e Sagredo, que simbolizava um observador imparcial e inteligente.

de Galileu sobre Aristóteles, de Salviati sobre Simplício, deveu-se mais à propaganda e à psicologia do que a qualquer apelo à racionalidade. Para Feyeraband é por meio da irracionalidade que a ciência avança. Na verdade essa irracionalidade reflete diferentes vontades. O mesmo argumento que não é capaz de convencer em um momento é aceito em outro.

Apesar das diferenças entre o idealismo e o empirismo⁴, entre os quantitativos e qualitativos, os filósofos ocidentais concordam que todo conhecimento é “crença justificada”.⁵

Platão, no diálogo *Theeteto*, concorda com Protágoras que “os sentidos, e com eles as qualidades que captam das coisas, têm somente valor subjetivo, porque cada sujeito os percebe de maneira diferente”. O conhecimento é definido, nos círculos socráticos, como a “crença acrescentada de uma boa argumentação ou justificativa”.

Dentro da Lógica Clássica têm-se as diversas Lógicas Modais. Dentro das Lógicas Modais as Lógicas Epistêmicas, cada uma relacionada a determinada compreensão do que seja “conhecer”. Admite-se que todas essas lógicas se derivam do que é denominado de “Lógica Epistêmica Clássica”, que corresponde ao conceito platônico relativo ao ato de conhecer, o qual pode ser expresso pela fórmula a seguir:

$$\text{Conhece}(\text{Agente}, \text{Fato}) \Leftrightarrow \text{Fato} \wedge \text{Acredita}(\text{Agente}, \text{Fato}) \wedge \text{Justifica}(\text{Agente}, \text{Fato})^6$$

Todos os nossos conhecimentos, incluindo os mais gerais e abstratos, são tirados ou de nossas experiências⁷ (fatos), de nossos circuitos de vida, pessoal e profissional, de nossas relações sociais com outros seres humanos, de nossos erros e acertos ou de categorias *a priori*⁸, lentes que usamos para interpretar essas experiências.

⁴ Temos três níveis de realidade. Existe um mundo real, a sombra deste mundo projetada na caverna platônica e as representações que fazemos dessas sombras. Os empiristas acreditam que só existem as sombras (coisas materiais) e que as coisas mentais são essas sombras registradas dentro da mente. Os idealistas defendem a importância das representações (coisas mentais) como independentes das sombras.

⁵ Conforme definição de Platão em *Ménon*, *Pédon* e *Theeteto*.

⁶ Alguém (um agente) conhece algo (um fato) se e somente se esse algo (fato) acontece, esse alguém (o agente) acredita na possibilidade desse algo (fato) e tem boas razões para as suas crenças.

⁷ Empirismo

⁸ Idealismo.

O que define se um conhecimento é científico ou não depende do grupo de pessoas que compartilham determinadas crenças e da forma pela qual esse grupo de pessoas justifica essas crenças, além dos instrumentos e métodos que são aceitos como válidos por esse mesmo grupo.

No passado recente em que predominou o positivismo acreditava-se que o objetivo da ciência seria encontrar a verdade. Na “teoria dos mundos possíveis”⁹ que remonta a Leibnitz, verdade é aquilo que se pode provar em qualquer um desses possíveis mundos. A ciência atual é menos pretensiosa, se contenta com pressupostos que se mostrem consistentes sendo capazes de explicar aquilo que observamos e de fazer previsões.

É sobre esses instrumentos e métodos que versa o presente livro. Em particular aqueles mais utilizados pelos alunos de graduação em seus Trabalhos de Conclusão de Curso. crenças, dos instrumentos e mque compartilham determinadas crenças e da forma pela qual esse grupo de pessoas justifica as sua

2.1 O Conhecimento Científico

Segundo empiristas como Locke¹⁰, Hume¹¹, Condillac¹², entre outros, o conhecimento empírico, ou seja, aquele advindo da experiência é suficiente para se conhecer a verdade dos fatos. Esse conhecimento empírico pode ser popular, filosófico ou religioso.

O homem quando nasce tem a mente totalmente vazia e, com o passar do tempo, vai adquirindo, com as experiências sensoriais do mundo exterior onde se acha inserido, um conhecimento.

O conhecimento popular é o saber que preenche nossa vida diária e que se possui sem o haver procurado ou estudado, sem

⁹ CHIHARA, Charles S., *The Worlds of Possibility*, Oxford University Press, 2001.

¹⁰ John Locke (1632 – 1704) foi um filósofo predecessor do Iluminismo. Locke costuma ser classificado entre os “Empiristas Britânicos”, junto com David Hume e George Berkeley. Sua teoria da “Tábula rasa” afirma que todas as pessoas começam por não saber absolutamente nada e que aprendem pela experiência, pela tentativa e erro.

¹¹ David Hume (1711 – 1776) foi um filósofo e historiador escocês que, junto com Adam Smith, representa o iluminismo escocês. É considerado o mais radical dos chamados empiristas. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo scepticismo.

¹² Estevão Bannot de Condillac (1715 – 1780) foi o filósofo mais notável do iluminismo francês, desenvolvendo o empirismo de Locke. A obra filosófica mais importante de Condillac foi seu Tratado sobre as Sensações.

- a aplicação de um método e sem se haver refletido sobre algo. A crença das pessoas comuns é justificada pela tradição.

Exemplo:

"Para se fazer um bom sagu temos que usar vinho tinto de baixa qualidade".

O conhecimento filosófico é caracterizado pelo esforço da razão em questionar os problemas humanos. Reflete a crença de um grupo de pessoas denominadas filósofos que utilizam como justificativa métodos aceitos pelos seus pares. É o conhecimento que deriva de uma postura especulativa diante dos fenômenos, gerando conceitos subjetivos. Busca dar sentido aos fenômenos gerais do universo, ultrapassando os limites formais da ciência.

Exemplo:

"A vida sem reflexão não merece ser vivida" (Sócrates)

O conhecimento religioso ou teológico apóia-se em doutrinas que contêm proposições sagradas (valorativas), por terem sido reveladas pelo sobrenatural e que, por esse motivo, são consideradas infalíveis e indiscutíveis (exatas).

Exemplo:

"Não creio em fadas, mas que elas existem, existem!"

Segundo Ander-Egg (1978), o conhecimento empírico caracteriza-se por ser:

- Superficial:** é baseado na aparência dos fatos e não na sua essência;
- Sensitivo:** é baseado na experiência sensorial dos fenômenos e não em uma reflexão abstrata mais elaborada do ponto de vista cognitivo;
- Subjetivo:** é baseado nas impressões individuais, próprias do sujeito que organiza suas experiências e conhecimentos, tanto pessoais como de relacionamento social, e não na busca de uma explicação geral para os fenômenos observados;
- Assistemático:** é baseado na organização particular das experiências próprias do sujeito cognoscente e não na sistematização das idéias;
- Acritico:** é baseado no bom senso, pois está estreitamente vinculado à percepção e à ação, e não a uma visão crítica da realidade.

O conhecimento científico ultrapassa os limites do conhecimento empírico, na medida em que procura evidenciar, além do próprio fenômeno, as causas e a lógica de sua ocorrência. Procura-se, na verdade, estabelecer princípios, conceitos e leis que permitam explicar as razões da ocorrência de um determinado fenômeno. Assim, após serem repetidas várias vezes pelo raciocínio humano, essas razões tornam-se verdades provisórias, axiomáticas.

Segundo Lakatos e Marconi (1993), o conhecimento científico caracteriza-se por ser: racional, objetivo, factual, transcidente aos fatos, analítico, claro e preciso, comunicável, verificável, dependente de investigação metódica, sistemático, cumulativo, falível, geral, explicativo, predito, aberto e útil.

O principal mérito do conhecimento científico, em relação ao conhecimento empírico, está no fato de ele salientar o importante papel que o raciocínio humano desempenha na busca da verdade. Em contrapartida, o seu ponto fraco é o fato de procurar separar o raciocínio da experiência, desprezando o papel dos sentidos na aquisição dos conhecimentos, ao mesmo tempo em que salienta que a razão é o único critério da verdade. Só é científico o conhecimento que for verificável e demonstrável. Todavia, é importante salientar que os princípios, leis e axiomas que caracterizam o conhecimento científico têm suas origens no conhecimento empírico.

As diferentes abordagens utilizadas em uma pesquisa científica distinguem-se de duas maneiras:

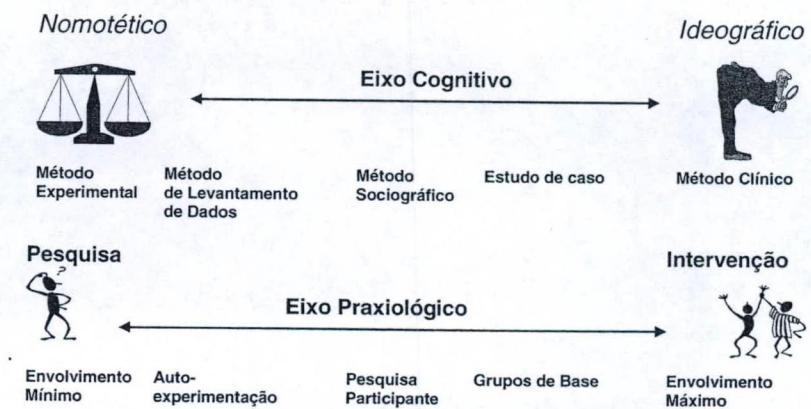


Figura 1: As diferentes abordagens quanto a sua direção e sentido.

Primeiramente, de acordo com um eixo cognitivo, que se refere à definição daquilo que se quer saber, de quais metodologias dispomos para captar informações relativas a esse saber e de como tratar essas informações, de forma a se definir esse saber, têm-se dentro desse eixo duas finalidades distintas: a nomotética, que busca leis de caráter geral, e a ideográfica, voltada para as singularidades.

Em segundo lugar, têm-se o eixo praxiológico, que aborda a dicotomia pesquisa-intervenção. A intervenção ergonômica implica um envolvimento máximo dos atores envolvidos. A pesquisa necessita de um mínimo de envolvimento do sujeito observado, pelo menos no instante da investigação, para que se possa construir um quadro teórico em que se respeite o requisito de máxima neutralidade por parte do pesquisador.

Em um dos pólos do eixo cognitivo, tem-se a finalidade nomotética que procura a obtenção de uma lei científica, de valor geral, susceptível de explicar, por uma construção teórica, fenômenos de aparência diversa. Essa orientação caracteriza o método experimental.

No outro polo do eixo cognitivo, tem-se a finalidade ideográfica que procura explicar as singularidades dos fenômenos específicos, que afetam os indivíduos e os grupos, para estabelecer a sua coerência no âmbito da história que lhes é própria. Essa orientação caracteriza o método clínico.

Entre esses dois pólos situam-se o método de levantamento de dados, como substituto da experimentação, o método de tratamento de dados sociográfico, o método monográfico e o estudo de casos.

Quanto ao eixo praxiológico, entre o mínimo e o máximo envolvimento com os indivíduos pesquisados, desde a observação neutra, com o mínimo envolvimento, passando pela auto-experimentação, a pesquisa participante e os grupos de base em direção a um máximo de envolvimento do pesquisador com o objeto de sua pesquisa.

Vygotsky propôs uma teoria de aprendizagem, baseada na análise das ações humanas de forma mediada. Segundo ele, as relações entre o indivíduo e o seu mundo passam, necessariamente, pela mediação de certos instrumentos (VYGOTSKY, 1993, 1994), como mostrado na figura 2.

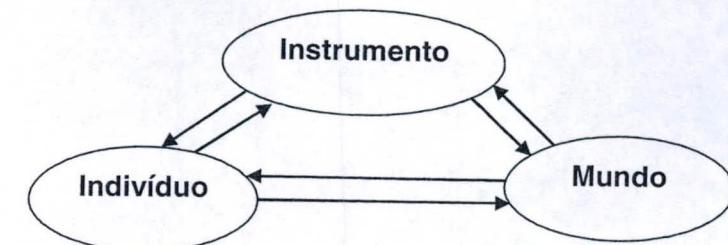


Figura 2: Modelo de situação de ação mediada por instrumento.

Vygotsky¹³ faz referência aos instrumentos psicológicos, isto é, a linguagem, as diversas formas de contar e de calcular, os símbolos algébricos, os esquemas, os diagramas, enfim todos os signos possíveis. Todavia, o instrumento pode ser também um “objeto material fabricado”. Esse objeto torna-se um instrumento, na medida em que ele esteja servindo como intermediário entre o homem e o mundo em uma situação de ação.

Não é possível realizar um trabalho científico sem a utilização dos instrumentos de pesquisa. Esses instrumentos são constituídos de uma série de termos, conceitos e procedimentos metodológicos que devem ser rigidamente seguidos, a fim de nos permitir chegar a resultados cientificamente prováveis. Isto, em princípio, caracteriza o método científico.

Cada pesquisa exige instrumentos específicos. Como ensina Rubem Alves¹⁴, no mar do saber, os conhecimentos que interessam são seres da profundidade demandando anzóis e iscas apropriadas ao tipo de espécie que pretendemos capturar e ao seu *habitat*.

Formar um pesquisador é fazer alguém se apaixonar por um ideal, como o viajante Richard Francis Burton¹⁵, que explorava terras ignotas em busca não apenas de aventuras, mas de novos mapas, capazes de encantar outros viajantes a empreender a jornada.

¹³ Lev Semenovitch Vygotsky entendia o indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento.

¹⁴ Filosofia da Ciência, Editora Ars Poética (SP).

¹⁵ Richard Francis Burton (1821 – 1890) foi um famoso viajante. Esteve no Oriente Médio, na África e nos Estados Unidos, além da América do Sul. Em 1842, entrou para o serviço militar na Índia, no contingente da Companhia das Índias Orientais. Famoso entre outras coisas por suas buscas das nascentes do Nilo. Burton esteve em Santos, São Paulo e outros lugares do Brasil.

2.2 Método de Pesquisa

Método¹⁶ é o caminho pelo qual se atinge um determinado objetivo, é um modo de proceder ou uma maneira de agir. No desenvolvimento de pesquisa científica, obrigatoriamente nos utilizamos de um método de pesquisa. São técnicas e instrumentos que determinam o modo sistematizado da forma de proceder num processo de pesquisa.

Ao longo da história da humanidade, esses métodos vêm sofrendo transformações. No tempo de Pitágoras, Sócrates e Platão¹⁷, bastava a palavra do mestre para que fosse aceito um teorema como verdadeiro. A partir do pioneirismo de Galileu Galilei, passando por Bacon¹⁸, Descartes¹⁹, Newton²⁰, além de outros tantos pensadores, chegamos às técnicas atuais para validação de nossos pressupostos a respeito dos acontecimentos que nos cercam.

A investigação científica depende de um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos (GIL, 1995). Para que seus objetivos sejam atingidos, esses procedimentos são denominados “métodos científicos”.

Método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que se devem empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa. Os métodos que fornecem as bases lógicas à investigação são: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico (GIL, 1995; LAKATOS, MARCONI, 1993).

Podem-se classificar os métodos de acordo com diferentes critérios. Historicamente, no entanto, percebem-se duas grandes vertentes, que são respectivamente:

¹⁶ Meta (depois) com *hodos* (caminho). Temos uma seqüência ordenada de procedimentos para se chegar a um fim.

¹⁷ Magister dixit: “O mestre falou”. Uma versão mais moderna seria o nosso “Freud explica”.

¹⁸ Francis Bacon (1561 – 1626) foi um filósofo inglês. Desde cedo, sua educação orientou-o para a vida política, na qual exerceu posições elevadas. Como filósofo destacou-se com uma obra onde a ciência era exaltada. Em suas investigações, se ocupou especialmente com a metodologia científica e com o empirismo. Francis Bacon foi um dos mais conhecidos e influentes alquimistas e rosa-cruzes.

¹⁹ René Descartes, autor do *Método*, foi outro importante precursor da moderna metodologia científica.

²⁰ Sir Isaac Newton foi outro alquimista famoso que representa, junto com Bacon e Descartes, o nascimento da ciência moderna.

Método Indutivo

Método Dedutivo

De forma breve veja a seguir em que bases lógicas estão pautadas tais métodos.

2.2.1 Método Dedutivo

Método proposto pelos racionalistas Descartes, Spinoza²¹ e Leibniz²² que pressupõe que só a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro. O raciocínio dedutivo tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão. Usa o silogismo da construção lógica para, a partir de duas premissas, retirar uma terceira logicamente decorrente das duas primeiras, denominada de conclusão (GIL, 1995; LAKATOS, MARCONI, 1993).

Veja um clássico exemplo de raciocínio dedutivo:

Todo homem é mortal.(premissa maior) Pedro é homem.(premissa menor) Logo, Pedro é mortal.(conclusão)

O método dedutivo, típico das ciências exatas: “É um processo sistemático de investigação, o qual envolve uma série de passos seqüenciais, a saber: identificação de um problema, formulação de uma hipótese, estudos pilotos, obtenção de dados, teste de hipóteses, generalização e replicação” (HENDRICK, VERCROYSEN, 1989).

²¹ Baruch Spinoza (1632-1677) se interessou muito pela filosofia moderna, como Bacon, Hobbes e Descartes. Suas principais obras são: *Tratado político*, inacabado; *Tratado da correção do intelecto*; *Princípios da Filosofia Cartesiana*; *Pensamentos Metafísicos*; que veio de curso particular que deu sobre Descartes, e sua obra prima: *Ética Demonstrada pelo método geométrico*.

²² Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646 – 1716) divide com Newton as visões hoje conflitantes entre uma ciência de conceitos (Newton) e outra em que tais conceitos só seriam válidos eu muitos mundos possíveis.

correspondência entre elementos de dois sistemas distintos. Os problemas que enfrentamos em nosso dia-a-dia são resolvidos pela combinação desses diferentes tipos de raciocínio.

Raciocinar envolve, tipicamente, considerar evidências relativas a uma hipótese ou conclusão. Simplificando, pode-se dizer que o ato de raciocinar consiste em gerar ou calcular um argumento. A lógica formal distingue dois tipos de argumentos:

- **Argumentos dedutivos:** é necessário, dado que as premissas sejam verdadeiras, que a conclusão seja verdadeira;
- **Argumentos indutivos:** dado que as premissas sejam verdadeiras, é provável que a conclusão também o seja.

Em realidade, o pesquisador vê-se diante de uma infinidade de métodos e de variantes aos mesmos.

2.2.3 Método Hipotético-dedutivo

Proposto por Popper, consiste na adoção da seguinte linha de raciocínio:

quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Para tentar explicar as dificuldades expressas no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo se procura a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la (GIL, 1995, p.30).

2.2.4 Método Dialético

Fundamenta-se na dialética proposta por Hegel, na qual as contradições se transcendem dando origem a novas contradições que passam a requerer solução. É um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade. Considera que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, político, eco-

nômico, etc. Aplicado em pesquisa qualitativa (GIL, 1995; LAKATOS, MARCONI, 1993).

2.2.5 Método Fenomenológico

Preconizado por Husserl²³, o método fenomenológico não é dedutivo nem induutivo. Preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. A realidade é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. Então, a realidade não é única: existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. O sujeito/ator é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento (GIL, 1995; TRIVIÑOS, 1994). Empregado em pesquisa qualitativa.

2.3 Metaconhecimento

A figura 1.3 apresenta o conceito de metaconhecimento, ou seja, o conhecimento que o pesquisador possui a respeito dos dados que necessita coletar.

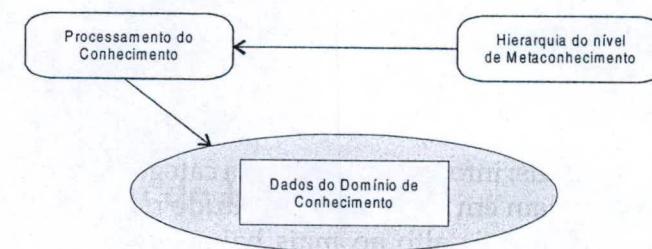


Figura 3: Processamento do conhecimento.

²³ Husserl (1859 – 1938), um dos pais do método fenomenológico, influenciou filósofos como Heidegger, Sartre, Derrida e Merleau-Ponty. Husserl propôs que o mundo dos objetos é normalmente concebido dentro do que ele denominou “ponto de vista natural”, caracterizado por uma crença de que os objetos existem materialmente e exibem propriedades que vemos como suas emanações. No ponto de vista Fenomenológico, o objeto deixa de ser algo simplesmente “externo” e deixa de ser visto como fonte de indicações sobre o que ele é (um olhar que é mais explicitamente delineado pelas ciências naturais) e torna-se um agrupamento de aspectos perceptivos e funcionais que implicam um ao outro sob a idéia de um objeto particular ou “tipo”. A noção de objetos como real não é removida pela fenomenologia, mas “posta entre parênteses” como um modo pelo qual levamos em consideração os objetos em vez de uma qualidade inherente à essência de um objeto fundada na relação entre o objeto e aquele que o percebe. A fenomenologia busca identificar os aspectos invariáveis da percepção dos objetos e empurra os atributos da realidade para o papel de atributo do que é percebido (ou um pressuposto que perpassa o modo como percebemos os objetos). (Adaptado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl)

O metaconhecimento pode ser classificado como determinístico ou probabilístico, de acordo com as considerações sobre desempenho e certeza. Metaconhecimento determinístico refere-se ao conhecimento acerca de relações precedentes, da qual resulta um melhor entendimento do problema, ajudando a reduzir a complexidade dos recursos e tempos necessários.

Uma pesquisa envolve, fundamentalmente, os seguintes aspectos:

- a) Um metaconhecimento que se especifica de acordo com a situação a ser abordada pela pesquisa proposta;
- b) Dados que são coletados de forma a validar ou não as hipóteses previamente, formuladas;
- c) O tratamento e posterior análise desses dados.

O objetivo da análise de dados é descrever, interpretar e explicar os dados coletados de maneira que estes venham a responder às questões formuladas no estudo, sendo que a decisão sobre os métodos e técnicas de análise a serem utilizados dependem da natureza dos dados obtidos e do tipo de informações e relações desejadas.

As escalas de medidas/valores são classificadas em:

- **Nominais:** informam sobre propriedades ou identidades que possuem a mesma relação entre si (por exemplo, profissões);
- **Ordinais:** informam sobre uma categoria classificatória ou ordem em relação à magnitude relativa; por exemplo, do mais alto ao mais baixo, do mais rápido ao mais lento, do ótimo ao péssimo;
- **Intervalares:** estabelecem intervalos iguais entre números, em que a escala é conhecida e sempre igual (por exemplo, determinações de faixas etárias, datas de calendário, etc.);
- **Numéricas:** determinam identidade, ordem e unidade, indicando a real quantidade da propriedade sendo medida (por exemplo, pesos, medidas, etc.).

Segundo Leedy (1989, p. 185), "a natureza dos dados governa o método que é apropriado para interpretar os dados e as ferramentas de pesquisa que são necessárias para o tratamento dos mesmos".

Segundo Bryman e Cramer (1990), o uso de testes paramétricos é apropriado quando os dados preenchem três condições: (1) a escala de valores deve ser intervalar ou numérica; (2) a distribuição dos escores da população é normal; (3) a variância é homogênea. Os testes geralmente utilizados são os descritivos e os inferenciais (testes de hipótese).

Antes de realizar qualquer pesquisa, alguns cuidados preliminares devem ser tomados, a fim de se evitar a realização de um esforço que não leve à obtenção de resultados significativos. Nesse sentido, três aspectos fundamentais devem ser considerados: definição dos objetivos da pesquisa, revisão bibliográfica do tema de pesquisa e elaboração de um projeto de pesquisa devidamente justificado (com a apresentação do tema, enunciado do problema, revisão da bibliografia existente, formulação das hipóteses e das variáveis, metodologia para observação e realização dos experimentos, bem como interpretação das informações que contribuirão na obtenção das conclusões).

Ao invés de adicionar mais heurísticas para melhorar o desempenho de um processamento, mais metaconhecimento acerca do uso efetivo das heurísticas existentes pode ser coletado e desenvolvido. O metaconhecimento pode também ajudar na formalização de uma crença, raciocínio por ausência, inferência em mudanças de situações, entre outros.

2.4 Problema de Pesquisa

Problemas científicos devem ter suas variáveis bem definidas, buscando-se a melhor forma de relacioná-las. Por intermédio da lógica somos capazes de transformar problemas gerais em problemas científicos. Segundo Kerlinger (1980), "problemas científicos são os que formulam questões que evidenciam uma situação carente de discussão, investigação, decisão ou solução".

Como transformar problemas gerais em problemas científicos? Em primeiro lugar, tem-se o tema da pesquisa, isto é, a designação do problema e da área do conhecimento a serem pesquisados. Esse tema pode ser imediatamente associado a um problema real: "Como reduzir os acidentes de trabalho na indústria da construção civil?" Temos então uma questão, uma

sentença em forma interrogativa. Em segundo lugar, essa questão deve perguntar alguma coisa a respeito das relações entre fenômenos ou variáveis, isto é, deve ser um problema de pesquisa. Por exemplo, a partir do problema real, anteriormente formulado, pode-se relacioná-lo a um campo de pesquisa mais delimitado: "Como reduzir os acidentes de trabalho na indústria da construção civil por meio do gerenciamento ergonômico do canteiro de obras?".

Na realidade, um problema de pesquisa é um fato, ou um fenômeno, que ainda não possui uma solução. Essa solução só será possível por meio de uma pesquisa ou de uma comprovação dos fatos. Assim, o problema delimita a pesquisa e facilita a investigação.

Em terceiro lugar, devem-se formular as hipóteses, ou questões de pesquisa, para orientar a solução do problema delimitado. A hipótese é uma resposta preliminar, formulada pelo pesquisador, a respeito de possíveis soluções ao problema de pesquisa colocado.

O método heurístico²⁴ propõe que nenhum problema, por mais bem definido que seja, possa ser completamente respondido. Não se tem um produto (a solução), mas um processo interminável de perguntas, soluções, novas perguntas que, a cada *feedback*, iluminam melhor nossa compreensão relativa à questão em estudo.

Enquanto os problemas, de um lado, são colocados na forma interrogativa, as hipóteses, por outro lado, são sempre sentenças afirmativas. Por exemplo: "Quanto melhor definida for a tarefa, nas diversas fases de um canteiro de obras da indústria de construção civil, menor será a ocorrência de acidentes de trabalho".

Segundo Bunge (1981), método científico é "um conjunto de procedimentos por intermédio dos quais problemas científicos podem ser analisados e hipóteses científicas verificadas".

²⁴ A palavra grega *heuristike* (*heuristiké*) significa "arte de descobrir" e remonta ao século IV a.C. A maiêutica socrática é o primeiro exemplo de que temos registro sobre o uso da Heurística na Educação. A eficiência desse método é corroborada não só pela grande quantidade de pupilos de Sócrates que se notabilizaram como grandes filósofos – com especial destaque para Platão –, como também pela revolução provocada pelo pensamento socrático, cuja doutrina representou um separador de águas na Filosofia Ocidental.

É evidente que o raciocínio humano não resolve todos os problemas de maneira sistemática. Todavia, após a resolução de um determinado problema, o método científico pode ser utilizado para estudá-lo ou explicá-lo, expondo essa resolução de uma forma ordenada, permitindo que ele seja compreendido por todos aqueles que estão no processo de produção do conhecimento científico.

Segundo Oliveira (1997), o método nos leva ao seguinte plano formal de desenvolvimento de uma pesquisa:

- a) Apresentar o tema;
- b) Enunciar o problema;
- c) Rever a bibliografia existente;
- d) Formular hipóteses e variáveis;
- e) Observar e fazer os experimentos;
- f) Interpretar as informações;
- g) Tirar conclusões.

O papel do método, então, em uma pesquisa científica, é o de ordenar o encaminhamento da investigação, contrapondo-se a uma busca aleatória, sem objetivos definidos. Essa concepção traz implícita a necessidade da definição dos objetivos da pesquisa, antes mesmo do desenvolvimento do método. O método permite responder algumas questões que, normalmente, são formuladas em qualquer investigação de cunho científico: Por que acontece? Como acontece? Quando acontece? Onde acontece? O que acontece?

De fato, o problema de pesquisa é uma sentença em forma interrogativa a respeito de um determinado tema, cuja solução passa, necessariamente, por uma experimentação. Nesse sentido, o bom andamento de uma pesquisa em ergonomia depende, sobretudo, do método e das técnicas a serem empregadas.

O método indutivo, típico das ciências naturais e sociais, é considerado o método científico por excelência. O emprego desse método é, então, considerado como o único meio ou critério de distinção entre o que é científico e que não é científico. Nesse sentido, os enunciados científicos são os únicos que nos levam ao conhecimento seguro, preciso e correto, porque são fundamentados na certeza, na verdade, na razão, na evidência da observação e da experimentação.

Segundo Popper (1993), não existe indução. A observação científica é sempre seletiva. De fato, a teoria de Popper é uma teoria que explica e orienta de que forma se desenvolve o conhecimento humano. Em sua visão, nada da ciência está estabelecido de forma permanente. Ao contrário, o conhecimento científico está em constante mutação, tanto é que, freqüentemente, a experimentação constata que conhecimentos anteriormente aceitos como verdadeiros, são contestados e modificados.

Na era do caos²⁵, do indeterminismo e da incerteza, os métodos científicos andam com seu prestígio um tanto abalado. Apesar da sua reconhecida importância na evolução do conhecimento científico, hoje, mais do que nunca, se percebe que a ciência não é fruto de um roteiro de criação previsível. Portanto, não há apenas uma maneira de raciocínio capaz de dar conta do complexo mundo das pesquisas científicas. Sugere-se que o pesquisador empregue métodos diferentes, e não apenas um em particular, que possam ampliar as possibilidades de análise e obtenção de respostas para o problema proposto na pesquisa.

²⁵ A Teoria do Caos para a física e a matemática é a hipótese que explica o funcionamento de sistemas complexos e dinâmicos. Em sistemas dinâmicos complexos, determinados resultados podem ser "instáveis" no que diz respeito à evolução temporal como função de seus parâmetros e variáveis. Isso significa que certos resultados determinados são causados pela ação e a interação de elementos de forma praticamente aleatória. Para entender o que isso significa, basta pegar um exemplo na natureza, onde esses sistemas são comuns. A formação de uma nuvem no céu, por exemplo, pode ser desencadeada e se desenvolver com base em centenas de fatores que podem ser o calor, o frio, a evaporação da água, os ventos, o clima, condições do Sol, os eventos sobre a superfície e inúmeros outros. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_Caos).

3

Classificação das Pesquisas

3.1 Tipos de Pesquisa

A busca da necessidade humana de conhecer leva o homem a pesquisar. Uma pesquisa é um processo de construção do conhecimento que tem como meta principal gerar novos conhecimentos e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento preexistente. É basicamente um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve. A pesquisa como atividade regular também pode ser definida como o conjunto de atividades orientadas e planejadas pela busca de um conhecimento. Ao profissional da pesquisa (especialmente no campo acadêmico), dá-se o nome de pesquisador.

No entendimento de Eco (1988), são requisitos básicos para se tornar um pesquisador: a curiosidade intelectual, entusiasmo, independência, capacidade de trabalho e ambição acadêmica ou profissional, paciência e muita determinação.

Segundo Gil (2002), uma pesquisa pode ser definida como um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo procurar respostas aos problemas propostos.

Pesquisar tem como finalidades principais, resolver problemas, formular teorias ou ainda testar teorias.

Pela lavra de Santos (2000), as pesquisas podem ser classificadas em dois níveis ou frentes, que são respectivamente:

- **Pesquisa acadêmica:** atividade de caráter pedagógico que visa despertar o espírito de busca intelectual autônoma. A pesquisa acadêmica é realizada no âmbito da academia (universidade, faculdade ou outra instituição de en-

sino superior), conduzida por professores universitários alunos de graduação e pós-graduação. O resultado mais importante não é o oferecimento de respostas salvadoras para a humanidade, mas sim a aquisição do espírito e método para a indagação intencional.

- **Pesquisa de ponta:** desenvolvidas por pesquisadores experientes, consiste na pesquisa direcionada a lidar com a problematização, a solução e as necessidades que ainda permanecem, seja porque simplesmente não foram respondidas ou adequadamente trabalhadas. A pesquisa de ponta é tentativa de negação/superação científica e existencial.

3.2 Pesquisa quanto à Técnica Empregada

Uma pesquisa científica pode ser caracterizada ou classificada em função de um determinado parâmetro. Assim sendo, se considerarmos como parâmetro a técnica empregada conforme Lakatos (2003), pode ser classificada em Documentação Indireta e Documentação Direta.

3.2.1 Documentação Indireta

Caracteriza-se por utilizar o processo de coleta de dados através de uma pesquisa documental (fontes primárias) ou pesquisa bibliográfica (fontes secundárias).

- **Fonte primária** é um documento ou qualquer fonte cuja origem remonta, de forma geral, à época que se está pesquisando, freqüentemente produzida pelas próprias pessoas estudadas.

Como fontes primárias podem-se citar: documentos de arquivos públicos ou privados, dados estatísticos de censos, cartas, diários, autobiografias, fotografias, gravações, filmes, gráficos, mapas, pinturas e outros documentos pessoais.

- **Fonte secundária** consiste em todo trabalho que se baseia em outro, este sendo a fonte original ou primária. Tem como característica o fato de não produzir uma informação original, mas sobre ela trabalhar, procedendo a análise, ampliação, comparação, etc.

A fonte secundária compõe-se de elementos derivados das obras originais, refere-se a trabalhos escritos com o objetivo de analisar e interpretar fontes primárias e, normalmente, com o auxílio e consulta de outras obras consideradas, também, fontes secundárias.

A Historiografia (que significa o conjunto de obras escritas sobre um tema histórico) considera fontes secundárias todos os escritos não contemporâneos aos fatos que narra.

Como fontes secundárias podem-se citar: livros publicados sobre o tema de estudo, jornais, revistas, periódicos, boletins, pesquisas, filmes, rádio e TV.

A grande maioria dos trabalhos acadêmicos hoje publicados são fontes secundárias ou mesmo terciárias. Uma fonte secundária ideal geralmente é caracterizada por reportar dados oriundos de fontes primárias, bem como por analisar, interpretar e avaliar os eventos que são objeto de estudo.

3.2.2 Documentação Direta

Caracterizam-se pela coleta de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem, podendo ser obtidos através da pesquisa de campo ou em laboratório. A pesquisa de campo permite um contato maior com a realidade. A pesquisa em laboratório permite o controle de variáveis.

3.3 Pesquisa quanto à Natureza

Do ponto de vista da sua natureza, a pesquisa pode ser, conforme Silva e Menezes (2005, p. 20): Básica ou Aplicada.

3.3.1 Pesquisa Básica

Objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência em aplicação prevista. Envolve verdades e interesses universais.

Como a pesquisa básica visa à geração de conhecimento, não resultará em um produto de aplicação direta para atendimento de necessidades humanas.

3.3.2 Pesquisa Aplicada

Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigida à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais, tendo como propósito resolver um problema específico, que provavelmente resultará em um produto diretamente aplicado, buscando atender demandas sociais.

3.4 Pesquisa quanto aos Objetivos

Na classificação em relação aos objetivos, segundo Santos (2000) e Gil (2002), cabem as pesquisas: Exploratória, Descritiva ou Explicativa.

3.4.1 Pesquisa Exploratória

Consiste em explorar o tema buscando criar familiaridade em relação a um fato ou fenômeno, geralmente feita através de um levantamento bibliográfico.

Para Gil (2002), visa proporcionar maior familiaridade com o problema no intuito de explicitá-lo ou construir hipóteses. Demanda levantamento bibliográfico, entrevistas, análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e de Estudos de Caso.

3.4.2 Pesquisa Descritiva

Trata-se da descrição do fato ou do fenômeno através de levantamentos ou observação.

Descreve, conforme Gil (2002), as características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados; questionário e observação sistemática. Em geral, assume a forma de Levantamento.

3.4.3 Pesquisa Explicativa

Cria uma teoria aceitável a respeito de um fato ou fenômeno, ocupando-se dos porquês dos fatos e fenômenos, buscando aprofundar o conhecimento da realidade para além das apariências do que é observado.

Visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Para Gil (2002), aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o porquê das coisas. Quando realizada nas ciências naturais sociais, requer a utilização do método observacional. Assim, assume, geralmente, as formas de Pesquisa Experimental e de Pesquisa *Ex-post Facto*.¹

3.5 Pesquisa quanto à Abordagem do Problema

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema pode ser, conforme Silva e Menezes, quantitativo ou qualitativo, embora na atualidade se observam uma combinação dessas duas formas de se coletar informações a respeito do mundo (2005, p. 20):

3.5.1 Pesquisa Quantitativa

Considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.).

Caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto no processo de coleta dos dados quanto na utilização de técnicas estatísticas para o tratamento dos mesmos, tem como principal qualidade a precisão dos resultados, sobretudo utilizado em estudos descritivos, que procuram descobrir e classificar a relação de causalidade entre as variáveis da hipótese estabelecida, bem como estabelecer a causalidade entre os fenômenos.

A principal desvantagem possui relações com o fato de que, apenas dados numéricos podem ser quantificados sem que alguma interpretação não esteja presente na forma empregada para quantificar.

3.5.2 Pesquisa Qualitativa

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

¹ A tradução de *ex-post facto* é “a partir do fato passado”. Nesse tipo de pesquisa o estudo foi realizado após a ocorrência de variações na variável dependente no curso natural dos acontecimentos.

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

A abordagem qualitativa difere-se da quantitativa por não empregar o instrumental estatístico no processo de análise dos dados coletados na investigação do problema de pesquisa.

3.6 Pesquisa em Relação às Fontes de Informação

Classificação em relação às fontes de informação. Segundo Santos (2000), classificam-se em: Campo, Laboratório e Bibliografia.

- **Campo:** consiste na coleta de informações no local natural onde os fatos/fenômenos acontecem;
- **Laboratório:** refere-se à reprodução artificial e controlada do fato/fenômeno em laboratório, permitindo, assim, a coleta de informações para descrição e análise;
- **Bibliografia:** é a coleta de informações sobre os fatos/fenômeno a partir de material impresso ou publicado na mídia.

3.7 Pesquisa em Relação aos Procedimentos Técnicos

Em relação aos procedimentos técnicos ou procedimentos para a coleta de dados, segundo Gil (2002), classificam-se em: Bibliográfica, Documental, Experimental, *Ex-post Facto*, Estudo de Corte, Levantamento, Estudo de Campo, Estudo de Caso, Pesquisa-ação e Pesquisa Participante.

3.7.1 Pesquisa Bibliográfica

Consiste da obtenção de dados através de fontes secundárias, utiliza como fontes de coleta de dados materiais publicados, como: livros, periódicos científicos, revistas, jornais, teses, dissertações, materiais cartográficos e meios audiovisuais, etc.

3.7.2 Pesquisa Documental

A pesquisa documental assemelha-se à pesquisa bibliográfica. A natureza essencial está na natureza das fontes. A pesquisa documental fundamenta-se na utilização de materiais impressos e divulgados que não receberam ainda tratamento analítico. Nessa categoria podemos destacar: documentos de arquivos públicos ou privados, documentos pessoais como cartas, diários fotográfias, gravações, documentos de empresas e instituições como ofícios, memorandos, relatório de atividades, dados estatísticos, etc.

3.7.3 Pesquisa Experimental

A pesquisa experimental se dá por tentativa e erro, pode ser realizada em qualquer ambiente. São investigações de pesquisa empírica que têm como principal finalidade testar hipóteses que dizem respeito a relações de causa e efeito. Envolvem grupos de controle, seleção aleatória e manipulação de variáveis independentes. Empregam rigorosas técnicas de amostragem para aumentar a possibilidade de generalização das descobertas realizadas com a experiência. A pesquisa experimental pode ser realizada no laboratório e no campo.

3.7.4 Pesquisa Ex-post Facto

A tradução literal da expressão *ex-post facto* significa “a partir do fato passado”. Consiste em pesquisar após a ocorrência do fato/fenômeno objeto do estudo. Busca verificar a existência de relações entre variáveis.

3.7.5 Estudo de Corte

Pesquisa que consiste em estudar um grupo de pessoas que possuem alguma característica comum, constituindo, dessa forma, uma amostra a ser acompanhada por um determinado intervalo de tempo. Podem, ainda, ser: contemporâneas ou históricas.

3.7.6 Levantamento

É o tipo de pesquisa que consiste na interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Fundamentalmente, recorre-se à solicitação de informações a um

determinado grupo de pessoas sobre um determinado problema levantado, na seqüência, através de um processo de análise detalhado, a questão é quantificada e, dessa forma, obtém-se as conclusões relativas ao fato ou fenômeno estudado.

3.7.7 Estudo de Campo

Uma pesquisa de campo é elaborada em campo aberto, junto à natureza ou à sociedade. Melhor será dizer que é feita no terreno, junto do objeto de estudo.

Pode ser empregada em estudos que visam avaliar ações ou interferências realizadas no âmbito social. É o caso, por exemplo, de estudos que procuram avaliar a eficácia dos programas ou das técnicas adotadas para auxiliar indivíduos ou instituições.

Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com possíveis informantes para levantar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.

3.7.8 Estudo de Caso

É a pesquisa que se caracteriza por um estudo aprofundado e exaustivo de um caso específico, que seja relevante pelo potencial de abrangência, de forma a permitir, um amplo e detalhado conhecimento do caso, fato ou fenômeno estudado, através do processo de análise e interpretação.

3.7.9 Pesquisa-ação

Tipo de pesquisa que envolve a participação efetiva do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema objetivo do estudo, muito utilizada para otimização de programas para a melhoria da eficácia organizacional e eficácia de processos industriais.

3.7.10 Pesquisa Participante

Tipo de pesquisa, assim como na pesquisa ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisador e componentes das situações fatos ou fenômenos investigados. O propósito desse tipo de pesquisa é trabalhar na perspectiva da práxis, assim como

da inserção da ciência popular na produção do conhecimento científico. Isso coloca o pesquisador frente a contradições às quais os próprios fundamentos da pesquisa participante estão sujeitos.

O quadro 1 apresenta de forma sintética a classificação das pesquisas. A estrutura do quadro mostra na primeira coluna os parâmetros de classificação e na segunda coluna os tipos de pesquisa, considera-se que existem variações de autor para autor, porém buscou-se estabelecer de forma bastante objetiva e ampla a classificação que é mostrada.

Parâmetros de Classificação	Tipos de Pesquisa
Classificação da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa acadêmica; - Pesquisa de ponta;
Técnica empregada	<ul style="list-style-type: none"> - Documentação indireta (fonte primária e secundária); - Documentação direta.
Natureza	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa básica; - Pesquisa aplicada.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa exploratória; - Pesquisa descritiva; - Pesquisa explicativa.
Abordagem do problema	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa quantitativa; - Pesquisa qualitativa.
Fontes de informação	<ul style="list-style-type: none"> - Campo; - Laboratório; - Bibliografia.
Procedimentos técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Bibliográfica; - Documental; - Experimental; - <i>Ex-post facto</i>; - Estudo de corte; - Levantamento; - Estudo de campo; - Estudo de caso; - Pesquisa-ação; - Pesquisa participante.

Quadro 1: Classificação das pesquisas.

4

Formas de Apresentação de Trabalhos Científicos

Aristóteles dividia a arte de falar e de escrever em cinco partes sucessivas: invenção, disposição, alocução, apresentação e memória. Primeiro temos idéias (invenção). A invenção consiste em encontrar idéias e argumentos. Depois colocamos essas idéias e argumentos em um segundo um plano (disposição). Alocução é pronúncia. A palavra impressa é apenas a sombra de um discurso. Demóstenes dizia que a parte principal da oratória e do discurso era a pronúncia. A apresentação acontece após redigido o texto e finalizado o rascunho:

- A transformação do texto para ser apresentado sob a forma de documento corresponde à legibilidade visual documentária, que é do domínio das artes gráficas;
- A legibilidade intertextual busca facilitar a pesquisa por meio de técnicas de arquivamento e divulgação bem elaborados.

O lema de Michael Faraday¹ era *Work, finish, publish!*¹². Fernand Baudin afirma: "É pela escrita informática que o Homem foi à Lua, mas é pela escrita manual que o Homem domina a escrita informática"³.

Segundo Robert A. Day⁴,

Não é necessário que o encanador escreva sobre os canos que ele conserta; nem que o advogado escreva sobre seus casos (exceto, talvez, pequenos textos pontuais); mas o

¹ Cientista britânico do século passado.

² Trabalho acabado, trabalho publicado.

³ BAUDIN, F. A *Tipografia no Quadro-negro*. Paris: Retz, 1983. *La Typographie au Tableau Noir* ou sua versão em inglês *How Typography Works (and why it is important)*.

⁴ DAY, Robert A. *How to Write and Publish a Scientific Paper*. 5. ed. Oryx Press, 2006.

cientista - caso sem dúvida único entre os ofícios e profissões - deve fornecer um documento escrito mostrando o que ele fez, porque fez, como fez, e quais ensinamentos pôde tirar. Assim o cientista não deve somente "fazer" a ciência, mas "escrever" a ciência.

Ainda na lavra de Day, escrever bem não deveria encorajar a publicação de má ciência, mas escrever mal, muito freqüentemente, conduz à demora ou impede a publicação de boa ciência, e arremata:

Infelizmente, os cientistas são tão totalmente orientados, por seus estudos, para o domínio científico, que eles acabam negligenciando ou ignorando a arte da comunicação. Ou seja, os cientistas são muitas vezes escritores medíocres. Darwin mesmo confessava: Como a vida de um naturalista seria feliz se ele pudesse passar toda a sua vida observando e não escrevendo.

4.1 Linguagem na Publicação Científica

Segundo Bakhtin⁵ (2002, p. 279), os gêneros são padrões relativamente estáveis de texto, do ponto de vista temático, composicional e estilístico, que se constituem historicamente pelo trabalho lingüístico dos sujeitos nas diferentes esferas da atividade humana, para cumprir determinadas finalidades em determinadas circunstâncias.

A fase de redação do texto de um trabalho didático ou científico consiste na expressão literária do raciocínio desenvolvido no trabalho de pesquisa, guiando-se pelas exigências de uma construção lógica. Recomenda-se que a montagem do trabalho seja realizada por meio de uma redação preliminar de rascunho para que, posteriormente, através de uma revisão detalhada, seja elaborado o texto final (SEVERINO, 2002).

Na redação do texto científico existem algumas regras que têm como propósito auxiliar no trabalho de registrar o processo de elaboração de trabalhos didáticos, científicos e relatórios de

⁵ Trata-se do estudo "Os gêneros do discurso", escrito em 1952-1953 e não integralmente concluído, publicado em *Estética da Criação Verbal* (1952/1992). BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec-Annablume, 2002.

pesquisa, não é garantia de uma boa redação, mas podem ajudar significativamente (VIEIRA, 2000).

Assim sendo, planejar as etapas do processo de registro escrito do trabalho de pesquisa pode contribuir para a qualidade do texto final, dessa forma, recomenda-se observar neste processo de redação, as seguintes etapas:

a) Elaborar um plano de trabalho

Estruture o assunto em capítulos e seções. Faça uma lista do que deve ser abordado em cada seção e inicie o processo da escrita.

b) Escrever de forma impersonal

Ler a literatura científica de sua área e observar a imparcialidade dos textos. Recomenda-se a utilização de linguagem científica na terceira pessoa do singular, apesar de alguns autores considerarem a primeira pessoa do singular ou do plural.

c) Evite exageros de linguagem

Prefira, sempre que possível, uma linguagem objetiva e simples, sem exagerar em termos desnecessários e de difícil interpretação ou fora de uso corrente.

d) Estruture a escrita basicamente com substantivos e verbos

Evite adjetivações desnecessárias que possam provocar a falta de coerência do texto. Utilize os adjetivos apenas quando forem necessários.

e) Utilize frases curtas

Tente, na comunicação científica, escrever frases curtas, que sejam simples e diretas.

f) Observe o tempo verbal

Ao relatar fatos científicos ou descrever trabalhos publicados, utilize o presente do indicativo, como, por exemplo, "A adubação hidrogenada é essencial...". Quando o pesquisador explica o que fez ou o que obteve, use o passado, como, por exemplo, "os dados foram obtidos...".

Como recomendação:

- Utilize o verbo no presente na Introdução e na Revisão da Literatura;
- Use o verbo no passado em Materiais e Métodos e nos Resultados;
- Na Discussão, podem ser usados os dois tempos verbais, quando couberem.

Segundo Gil (2002), o estilo do texto científico deve ser impessoal, objetivo, claro, preciso, coerente, conciso e simples, facilitando a leitura e interpretação dos seus possíveis leitores.

Reescreva o texto, corrigindo eventuais discrepâncias da linguagem, além dos erros ortográficos e gramaticais e elabore, assim, a redação definitiva.

Os aspectos gráficos da apresentação e organização da escrita e paginação serão abordados em capítulo específico nessa publicação.

Toda linguagem apresenta uma sintática, uma semântica e uma pragmática. A sintaxe da linguagem científica são os dicionários e as gramáticas que são aceitas dentro dos meios acadêmicos. Certas palavras como “muitos”, “excepcional”, “maravilhoso” e outras hipérboles não são bem vistas.

Porque a escrita nos rodeia por todos os lados, sua verdadeira natureza nos escapa.

- Para a escola lingüística de André Martinet, a escrita é fundamentalmente um sistema de sons articulados que se coloca em seguida, e somente em seguida, sobre um suporte: papel (ou fita magnética);
- Para a escola lingüística de Jacques Derrida, a escrita é fundamentalmente um sistema de traços, que se pode em seguida, e somente em seguida, pronunciar oralmente se assim se desejar.

A escrita é um encontro. É a superposição paradoxal de uma linguagem fonética (discurso), o verbo-sequencial que dispara neurônios do lado esquerdo do cérebro e de uma linguagem de traços (documento), um texto escrito, que ativa ainda o visual-espacial, o lado direito do cérebro. A escrita não é nem totalmente

uma linguagem de traços, nem totalmente uma anotação da fala. É um e outro.

Código discursivo	Código documental
Dirigir a escrita...	
Para a palavra	Para o traço
Quente e viva, musical, o charme da conversa “sem limites”: <ul style="list-style-type: none"> - “Implicar” o leitor - Criar personagens - Contar histórias - Criar diálogos 	Simbólica e espacial. A imagem, o ideograma: <ul style="list-style-type: none"> - Aproveitar a paginação - Títulos e tipografia - Ilustrações - Parte gráfica

Quadro 2: Características da lingüística e do traço.

4.2 Formas Básicas de Apresentação de Textos de Trabalhos Científicos

Autor e leitor têm trajetos rigorosamente inversos. O autor parte da idéia pura para, então, fabricar o texto final. Em sentido inverso, o leitor parte do texto-objeto para chegar até as idéias do autor. Daí a importância a ser dada ao aspecto visual do texto, a seu caráter enquanto “documento”, pois é por intermédio dele que o leitor aceita ou rejeita o texto.

Segundo Santos (2000), no processo de comunicação da escrita, os textos em geral são divididos em três grandes grupos produzidos por diferentes técnicas de redação:

- Literários;
- Oficiais e comerciais;
- Científicos.

O texto científico deve ter a preocupação central com a correção, a exatidão e a autenticidade dos dados e dos raciocínios desenvolvidos no desenvolvimento do trabalho, projeto ou interpretação de uma obra. Os formatos e denominações variam de acordo com as suas intenções ou exigências acadêmicas (SANTOS, 2000).

Uma dificuldade normalmente que alunos apresentam, seja em nível de graduação ou de pós-graduação, é saber ou determinar para que servem ou quais as finalidades e estruturas

organizacionais dos diferentes trabalhos acadêmicos e trabalhos que apresentam resultados parciais ou finais de pesquisa científica. Nesse sentido, apresentamos de forma sintética os principais objetivos, aplicações e as formas de apresentação dos trabalhos de comunicação científica.

4.2.1 Sinopse

Consiste em um texto reduzido (entre 25 a 50 linhas). A característica essencial da sinopse é a apresentação concisa de aspectos gerais das principais diretrizes da obra. Normalmente são inseridas no início dos textos publicados e é muito útil para a realização de levantamentos bibliográficos.

Alguns programas e cursos chegam a exigir a sua presença para facilitar a análise pelos especialistas que irão dar seu aval para o trabalho.

4.2.2 Resumo

O resumo deve levantar as idéias essenciais do texto básico, mantendo o espírito do autor, preservando as intenções e ênfases, tratando com maior detalhe aquilo que o autor trata mais extensivamente, guardando absoluta fidelidade ao texto original.

Fundamentalmente, é um trabalho de condensação de um texto capaz de reduzi-lo a seus elementos de maior importância.

Segundo Schneuwly e Dolz (1999: 14)⁶, resumo é uma representação sintética do texto, “sendo o problema de escrita reduzido a um simples ato de transcodificação da compreensão do texto”.

Salvador (1978, p. 17-19), ao discutir métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica, define o gênero como “uma apresentação concisa e freqüentemente seletiva do texto de um artigo, obra ou outro documento, pondo em relevo os elementos de maior interesse e importância”. Esse autor define, ainda, um outro gênero textual: o resumo de assunto, também chamado de “estudo de atualização” ou “estado da questão”, que tem a função de apresentar uma visão geral de investigações feitas sobre uma

⁶ Texto baseado em artigo de Andréa Lourdes Ribeiro (<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/12/15.htm>).

determinada questão, com o objetivo de reunir conhecimentos sobre o tema que deve ser exposto e, também, “sem discussão ou julgamento” (p. 17).

Tomando-se como base as normas da ABNT NBR 6028 (2003, p. 1):

- **Resumo:** apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento;
- **Resumo crítico:** resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. Quando analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se “recensão”;
- **Resumo indicativo:** indica apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos etc. De modo geral, não dispensa a consulta ao original;
- **Resumo informativo:** informa ao leitor finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que este possa, inclusive, dispensar a consulta ao original.

As regras gerais de apresentação dos resumos devem ser apresentadas conforme a ABNT NBR 6028 (2003, p. 1-2):

- O resumo deve ressaltar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do documento;
- O resumo deve ser composto de uma seqüência de frases concisas, afirmativas e não de numeração de tópicos. Recomenda-se o uso de parágrafo único;
- A primeira frase deve ser significativa, explicando o tema principal do documento. A seguir, deve-se indicar a informação sobre a categoria do tratamento (memória, estudo de caso, análise da situação etc.);
- Deve-se usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular;
- As palavras-chave (palavra representativa do conteúdo do documento, escolhida, preferencialmente, em vocabulário controlado) devem figurar logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão “Palavras-chave:”, separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto;

- Devem-se evitar: a) símbolos e contrações que não sejam de uso corrente; b) fórmulas, equações, diagramas etc. que não sejam absolutamente necessários – quando seu emprego for imprescindível, defini-los na primeira vez que aparecerem;
- Quanto à sua extensão, os resumos devem ter: a) de 150 a 500 palavras os de trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e outros) e relatórios técnico-científicos; b) de 100 a 250 palavras os de artigos de periódicos; c) de 50 a 100 palavras os destinados a indicações breves. Os resumos críticos, por suas características especiais, não estão sujeitos a limite de palavras.

4.2.3 Fichamento

No meio acadêmico é comum a expressão “fazer um fichamento sobre tal livro ou determinado assunto”. Trata-se da leitura de um livro ou texto, seguida da transposição do conteúdo lido para uma ou mais fichas, dependendo da proposta.

Um fichamento pode ser: de transcrição direta, de resumo, de comentários avaliativos. Ao fazer um fichamento, não se deve esquecer de indicar a modalidade (MEDEIROS, 1997).

Transcrição Direta

Título

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia comprensiva. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999.

“Enquanto originalmente eram as próprias ações que nobilitavam o homem, este passa a ser ‘legitimado’ somente pelas ações de seus antepassados”.

Caso haja, no texto transcrito, expressão entre aspas, estas devem ser transformadas em aspas simples (‘), bem como indica-se o número da página de onde foi extraído o texto.

O fichamento de resumo é uma redação que reduz um texto às suas idéias principais, sem fazer comentários. A ficha de resumo apresenta uma síntese das idéias do autor. Não é um sumário ou índice das partes da obra. As idéias contidas no resumo devem ser expostas abreviadamente, sem citações.

Resumo

O Sal da Terra

RATZINGER, Joseph. **O sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

Nos últimos anos, milhares de pessoas voltaram as costas à Igreja. A tentativa de adaptação à modernidade não consegue convencer muitas pessoas. Estará a Igreja frascando em sua missão, na presente crise de orientação? O divócio, a ordenação das mulheres, a abolição do celibato, as exigências populares manifestadas nas “petições” católicas são praticados há muito nas igrejas protestantes, sem que por isso estas estejam imunes a ameaças à sua existência. Em um diálogo crítico com o jornalista Peter Seewald, o cardeal Joseph Ratzinger, sem receio de temas tabu, é confrontado pela idéia de que muitos pontos de vista, hoje ainda tidos como essenciais, não podem mais ser aproveitados, incluindo o próprio conceito de Igreja de massas. Suas teses são surpreendentemente pouco convencionais. Segundo esse cardeal enérgico e controverso, as grandes igrejas de massas ameaçam ficar sufocadas pelo peso do poder institucional. O livro é um desafio não só para quem ocupa cargos na Igreja e para cristãos com uma vivência rotineira da fé, mas também para todos os que vivem somente de acordo com o espírito do tempo.

Por se tratar de um texto com a inferência do acadêmico, para a elaboração da ficha de comentários, devem-se analisar os aspectos quantitativos e qualitativos do texto.

Para Medeiros (1997, p. 108), os aspectos quantitativos relacionam-se com a “extensão do texto; sua constituição - ilustrações, exemplos, bibliografia, citações -; conceitos abordados”. Nos aspectos qualitativos tem-se a análise, detectando a hipótese do autor, objetivo, motivo pelo qual escreveu o texto e as idéias que o fundamentam. Assim, antes de sua elaboração faz-se uma avaliação criteriosa, preconizando pela:

- Organização (se o comentário é claro, lógico e consistente);
- Exemplificação (se é genérico ou específico);

- Exposição (se é formal ou informal);
- Argumentação (se há pontos fortes e fracos);
- Terminologia (se é preciso).

Comentário

O Momento de Aprender

GALVADON, Luiza Laforgia. *Desnudando a Escola*. São Paulo: Pioneira, 1997.

O texto de Galvadon aborda a aprendizagem da criança, chamando atenção do educador para ensinar no momento certo. Algumas vezes esquecemos deste fato e comparamos a idade da criança com a nossa, e não percebemos que ela tem fases de desenvolvimento. Quando temos que ensinar um determinado conteúdo para as crianças, além da metodologia a ser empregada, levar em consideração se elas estão no momento certo para aprender esse conteúdo. Enfim, falar a linguagem delas e não a nossa, verificando se o que vamos repassar para elas é compreensível para a sua idade mental. Quando isso acontecer, com certeza o rendimento da aprendizagem será bem melhor.

4.2.4 Resenha

Sob o rótulo geral de “resumo” são reunidos diferentes gêneros textuais (ou subgêneros) – resumo indicativo, informativo, crítico ou resenha – que se distinguem na forma e na função.

As diferentes categorias estabelecidas para o resumo pautadas na ABNT acentuam a confusão terminológica. Como diferenciar resumo indicativo e fichamento; ou resumo crítico e resenha. Essa confusão terminológica traz consequências que precisam ser resolvidas para que professores e alunos possam chegar a um consenso quanto à expectativa um do outro.

Resenha consiste em um texto acadêmico que busca examinar e apresentar o conteúdo de obras prontas, é considerado o nível mais elementar de pesquisa científica, caracterizando-se como pesquisa exploratória. É considerado um excelente exercício inicial de autonomia intelectual, uma vez que o exame de obras prontas possibilita treinamento de compreensão e do exercício da crítica.

A estrutura de uma resenha consiste de:

- Identificação da obra;
- Credenciais do autor;
- Conteúdo resumido;
- Conclusões.

4.2.5 Resenha Crítica

De outra forma, resenha crítica é a apresentação do conteúdo de uma obra, acompanhada de uma avaliação crítica. Expõe-se claramente e com certos detalhes o conteúdo da obra, o seu propósito e o método que segue para, posteriormente, desenvolver uma apreciação crítica do conteúdo, da disposição das partes, do método, de sua forma ou estilo e, se for o caso, da apresentação tipográfica, formulando um conceito do livro.

A resenha crítica consiste na leitura, resumo e comentário crítico de um livro ou texto. Para a elaboração do comentário crítico, utilizam-se opiniões de diversos autores da comunidade científica em relação às defendidas pelo autor e se estabelece todo tipo de comparação com os enfoques, métodos de investigação e formas de exposição de outros autores e até mesmo de seus produtos e serviços.

Estrutura de uma resenha crítica:

- Identificação da obra;
- Conteúdo resumido;
- Crítica;
- Conclusões.

4.2.6 Relatório

Relatar é expor por intermédio da escrita o que foi observado. É basicamente o texto produzido após uma pesquisa de campo ou de laboratório. Caracteriza-se por possuir uma natureza descritiva.

Partes essenciais de um relatório:

- Introdução;
- Referencial teórico;

- Metodologia;
- Apresentação de resultados;
- Análise dos resultados;
- Sugestões/recomendações;
- Conclusões.

4.2.7 Paper

Também denominado Comunicação Científica, o *paper* é um artigo científico, geralmente escrito para apresentações em congressos. Um *paper* costuma ter entre 2 a 10 páginas e estrutura-se de forma semelhante a um artigo científico, com a finalidade de publicação em anais de eventos científicos. Embora deva possuir a mesma estrutura organizacional de um artigo, o formato recomendado para apresentação deve conter, em geral:

- Título;
- Autoria;
- Credenciais;
- Resumo;
- Texto (introdução, corpo ou desenvolvimento e conclusão);
- Referências.

Esse tipo de artigo não precisa expressar o resultado de uma pesquisa, podendo ser, inclusive, um relato de experiência. Apesar da menor formalidade, um *paper* deve seguir as regras de citações bibliográficas.

4.2.8 Short Paper

Um *short paper*, ou artigo curto, contém de 1 a 4 páginas em que se busca focar um argumento e se evitam descrições longas. O argumento deve ser apresentado a fim de convencer o leitor. Para tanto, devemos antecipar e mesmo consultar todos os contra-argumentos que poderiam ser feitos, mostrando que seu argumento é melhor.

O artigo deve começar com uma ou duas sentenças estabelecendo seu argumento principal. Evite introduções. O espaço é precioso.

Cada parágrafo deve estar conectado com alguma parte do argumento, suportando-o. Devem-se apresentar citações que sustentem a parte do argumento exposto. A sentença de tópico, por sua vez, contempla ao leitor uma identificação do assunto do respectivo parágrafo. A sentença final aponta ao próximo parágrafo.

Finalmente, a conclusão deve ser breve, pontual e objetiva. *Short papers* pautam-se pelo convencimento e relevância de seus argumentos.

4.2.9 Position Paper

Também denominado Artigo de Posicionamento, trata-se de um artigo a respeito de um tema predeterminado, em que o autor, de forma objetiva e clara, desenvolverá argumentações e análises podendo ou não apresentar considerações de especialistas. O título deve corresponder ao conteúdo. A elaboração de artigos estimula a capacidade de sintetizar conceitos, formulando críticas e tecendo comparações, e de se acostumar ao emprego da linguagem científica. Deve-se utilizar, no mínimo, três autores na pesquisa e o trabalho deve ter de 10 a 15 páginas. Como todo trabalho científico, este é composto de introdução, desenvolvimento e conclusão.

A introdução de uma ou duas páginas deve conter:

- Assunto/tema do artigo e seus objetivos;
- Justificativa do trabalho e sua importância teórica ou prática;
- Síntese da metodologia utilizada na pesquisa;
- Limitações quanto à extensão e profundidade do trabalho;
- Como o artigo está organizado.

O desenvolvimento é o elemento essencial da pesquisa contendo cerca de 80 a 90% do total do trabalho.

A conclusão finaliza o trabalho, destacando seus resultados.

4.2.10 Ensaio Científico

Ensaio é um texto científico e didático que expõe idéias, críticas e reflexões morais e filosóficas a respeito de certo tema.

Consiste na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário, etc.) sem que se paute em documentos ou provas empíricas ou dedutivas de caráter científico. O ensaio assume a forma livre e assistemática sem um estilo definido.

Pode-se pensar no ensaio científico como “um conjunto de impressões de um especialista”. O valor científico do ensaio depende do respeito da comunidade científica pela autoridade e pelo notório saber do ensaísta. Tem estrutura semelhante à de uma monografia ou um artigo científico.

4.2.11 Informe Científico

Utilizado para comunicar resultados parciais de pesquisa em desenvolvimento. O informe é sintético, busca divulgar as primeiras descobertas realizadas, as dificuldades encontradas ou previstas, descreve os procedimentos utilizados, seja de campo, de laboratório, bibliográficas ou documentais.

Santos (2000) recomenda o seguinte formato gráfico para o informe:

- Título;
- Período de realização da pesquisa;
- Autor(es);
- Credenciais do autor(es);
- Resumo;
- Introdução;
- Corpo (no formato de um relatório ou também pode ser monográfico, de acordo com o contexto do trabalho a ser divulgado);
- Conclusão (parciais, se já forem disponíveis).

4.2.12 Artigo

Consiste na apresentação sucinta de um resultado de pesquisa realizada de acordo com os procedimentos metodológicos. Assim, considera-se científico o artigo que foi submetido ao exame de outros pesquisadores ou cientistas, que verificam as informações, os métodos e a precisão lógico-metodológica das conclusões ou resultados obtidos.

É apresentado segundo linguagem e método próprios de uma área da ciência e, de modo geral, com uma estrutura lógica de argumentação, apresentando inicialmente o problema ou objetivo da investigação, o conjunto de hipóteses, as possíveis soluções do problema ou modos de se atingir o objetivo, uma descrição dos métodos e técnicas utilizados, uma análise dos resultados obtidos, uma conclusão que aponta qual hipótese foi verificada experimentalmente.

Como há diversidade no que seja o método em cada área da ciência, a forma do artigo científico pode variar em sua apresentação, não existindo uma estrutura única que assegure, por si mesma, a científicidade de um artigo ou texto que se pretenda científico.

Diante dessa impossibilidade de uma construção textual objetivamente científica, há a necessidade do exame do artigo pela comunidade científica, pois a ciência é uma forma de conhecimento de caráter público, cuja validade só se estabelece após o debate em torno dos resultados apresentados e do caminho percorrido – o método – que conduziu a sua construção.

Assim sendo, o artigo científico, ao se tornar público e aberto ao debate, o conhecimento elaborado através de uma pesquisa científica é um meio fundamental para a divulgação e desenvolvimento da ciência.

Conforme a ABNT NBR 6022:2003, a estrutura de um artigo é constituída de elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais:

- Elementos pré-textuais:
 - a) Título e subtítulo (se houver);
 - b) Nome(s) do(s) autor(es);
 - c) Resumo na língua do texto;
 - d) Palavras-chave na língua do texto.
- Elementos textuais:
 - a) Introdução;
 - b) Desenvolvimento;
 - c) Conclusão.
- Elementos pós-textuais:
 - a) Título e subtítulo (se houver) em língua estrangeira;
 - b) Resumo em língua estrangeira;

- c) Nota(s) explicativa(s);
- d) Referências;
- e) Glossário;
- f) Apêndice(s);
- g) Anexo(s).

A ABNT NBR 6022:2003 especifica ainda os elementos dessa estrutura:

- **Título e subtítulo:** devem figurar na página de abertura do artigo, diferenciados tipograficamente ou separados por dois-pontos (:) e na língua do texto;
- **Autor(es):** nome(s) do(s) autor(es), acompanhado(s) de breve currículo que o(s) qualifique na área de conhecimento do artigo. O currículo, bem como os endereços postal e eletrônico, deve aparecer em rodapé indicado por asterisco na página de abertura ou, opcionalmente, no final dos elementos pós-textuais, onde também devem ser colocados os agradecimentos do(s) autor(es) e a data de entrega dos originais à redação do periódico;
- **Resumo na língua do texto:** elemento obrigatório, constituído de uma seqüência de frases concisas e objetivas e não de uma simples enumeração de tópicos, não ultrapassando 250 palavras, seguido, logo abaixo, das palavras representativas do conteúdo do trabalho, isto é, palavras-chave e/ou descritores, conforme NBR 6028;
- **Palavras-chave na língua do texto:** elemento obrigatório, as palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão “Palavras-chave:”, separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto.

Exemplo:

Palavras-chave: Referências. Documentação.

- **Introdução:** parte inicial do artigo, onde devem constar a delimitação do assunto tratado, os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do artigo;

- **Desenvolvimento:** parte principal do artigo, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto tratado. Divide-se em seções e subseções, que variam em função da abordagem do tema e do método;
- **Conclusão:** parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses estabelecidas na pesquisa;
- **Título e subtítulo em língua estrangeira:** o título e o subtítulo (se houver) em língua estrangeira, diferenciados tipograficamente ou separados por dois-pontos (:), precedem o resumo em língua estrangeira;
- **Resumo em língua estrangeira:** elemento obrigatório, versão do resumo na língua do texto, para idioma de divulgação internacional, com as mesmas características (por exemplo: em inglês, *Abstract*; em espanhol *Resumen*; em francês, *Résumé*);
- **Palavras-chave em língua estrangeira:** elemento obrigatório, versão das palavras-chave na língua do texto para a mesma língua do resumo em língua estrangeira (por exemplo: em inglês, *Keywords*; em espanhol, *Palabras clave*; em francês, *Mots-clés*);
- **Nota(s) explicativa(s):** a numeração das notas explicativas é feita em algarismos arábicos, devendo ser única e consecutiva para cada artigo. Não se inicia a numeração a cada página.

Exemplo no texto:

Os pais estão sempre confrontados diante das duas alternativas: vinculação escolar ou vinculação profissional.¹

Na nota explicativa, no rodapé da página:

¹ Sobre essa opção dramática, ver também Morice (1996, p. 269-290).

- **Referências:** elemento obrigatório. Trata-se de um conjunto padronizado de elementos descritivos retirados de um documento, que permite sua identificação individual. A descrição da bibliografia é obrigatória considerando que todo trabalho científico é fundamentado em pesquisa bibliográfica. De-

verão estar discriminadas em conformidade com as normas da ABNT NBR 6023.

- **Glossário:** sua menção é opcional. Relação de palavras ou expressões técnicas de uso restrito ou de sentido obscuro, utilizadas no texto, acompanhadas das respectivas definições.
- **Apêndice(s):** elemento opcional que consiste em textos ou documentos elaborados pelo autor para complementar a sua argumentação sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho. Os apêndices são identificados por letras consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos.
- **Anexo(s):** elemento opcional. São materiais não elaborados pelo autor, que servem de fundamentação, comprovação e ilustração. São identificados por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos.

Excepcionalmente utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos apêndices e dos anexos, quando esgotadas as 23 letras do alfabeto.

Estrutura Geral de um Artigo

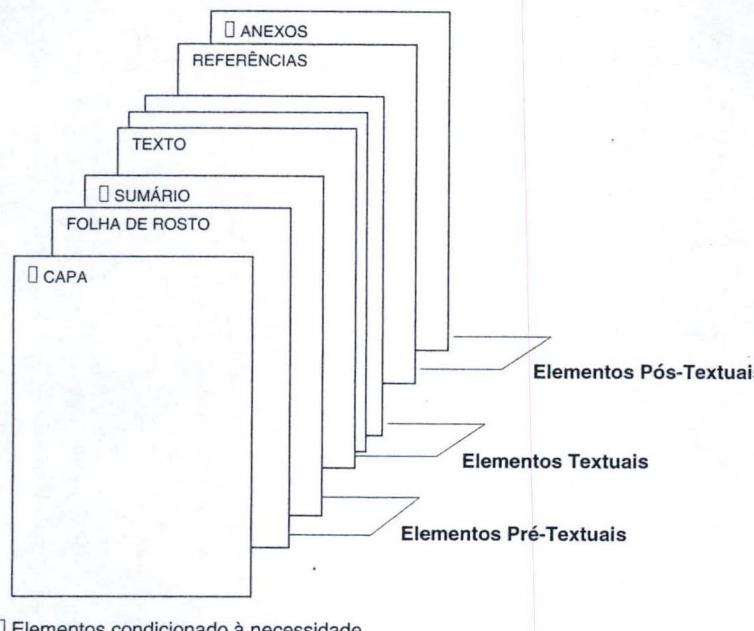


Figura 4: Perspectiva explodida da estrutura geral de um artigo.

A figura anterior apresenta graficamente a estrutura generalista de um artigo, destacando a composição dos elementos pré-textuais, elementos textuais e os elementos pós-textuais, facilitando a visualização do procedimento organizacional desses elementos dentro do contexto da estrutura.

Os artigos têm por função a divulgação e preservação do conhecimento gerado pela pesquisa científica, a comunicação entre pesquisadores e cientistas e o estabelecimento da prioridade de autoria, necessária para impedir ou pelo menos minimizar as fraudes e plágios.

4.2.13 Monografia

O termo “monografia” designa um tipo especial de trabalho científico. Considera-se monografia o trabalho científico que reduz sua abordagem a um único assunto, a um único problema, com um tratamento especificado (SEVERINO, 2002).

Monografia é um texto de primeira mão resultante da pesquisa científica e que deve conter a identificação, o posicionamento, o tratamento e o fechamento dos componentes de um tema/problema. Caracteriza-se por ser essencialmente analítico. Fundamenta-se na organização e na interpretação analítica e avaliativa de dados, conforme os objetivos propostos.

A monografia é apontada como trabalho de conclusão para muitos cursos de graduação no Brasil, especialmente aqueles de caráter científico ou humanístico. Uma monografia deve ser escrita com o foco bem restrito

A estrutura de uma monografia deve conter:

- Introdução;
- Pesquisa bibliográfica;
- Materiais e métodos;
- Análise e interpretação dos dados;
- Conclusão;
- Referências.

A estrutura e abordagem detalhada sobre a apresentação de uma monografia são objetos de ampla discussão no capítulo 5 da presente publicação.

4.2.14 Dissertação

É um estudo teórico de natureza reflexiva, que consiste na ordenação de idéias sobre um determinado tema. A característica básica da dissertação é o cunho reflexivo-teórico. Dissertar é debater, discutir, questionar. Expressar o nosso ponto de vista, qualquer que seja. Desenvolver um raciocínio e argumentos que fundamentem nossa posição. Polemizar, inclusive, com opiniões e com argumentos contrários aos nossos. Estabelecer relações de causa e consequência, dar exemplos, tirar conclusões. Apresentar um texto com organização lógica de nossas idéias.

A dissertação consiste na explanação ou discussão de conceitos ou idéias. Pode ser expositiva ou argumentativa.

Na dissertação expositiva, o autor apresenta uma idéia, uma doutrina e expõe o que ele ou outros pensam sobre o tema ou assunto. Geralmente ele faz a amplificação da idéia central, demonstrando sua natureza, antecedentes, causas próximas ou remotas, consequências ou exemplos. Na dissertação argumentativa, quer provar a veracidade ou falsidade de idéias. Pretende convencer o leitor ou ouvinte, dirige-se à sua inteligência através de argumentos, de provas evidentes, de testemunhas.

Se a dissertação é objetiva, o tratamento dado ao texto é impessoal, com argumentação lógica partindo de elementos gerais e indo para os particulares. Na dissertação subjetiva, o autor dirige-se não só à inteligência, mas também, de modo pessoal, aos sentimentos de quem ele pretende convencer. Além da emoção, às vezes há ironia, sarcasmo, ridículo. São partes importantes da dissertação: introdução, desenvolvimento e conclusão.

A dissertação é desenvolvida com o objetivo de alcançar o grau acadêmico de mestre. O texto deve identificar, situar, tratar e fechar uma investigação científica de forma aprofundada.

Segundo Santos (2000), as características que uma dissertação deve conter:

- Ser desenvolvida por aluno de pós-graduação, vinculado a um programa *stricto-sensu* de uma instituição de ensino superior credenciada;
- Situar-se dentro de um contexto específico de conhecimento, indicado pelo programa de pós-graduação;
- Desenvolver-se sob a orientação de doutor acadêmico vinculado ao programa;
- Revelar domínio de síntese de conhecimentos específicos e aprofundados dentro da área de conhecimento;
- Se apresentada, defendida publicamente ante uma banca de avaliação acadêmica composta pelo menos por três membros com titulação igual ou superior ao avaliado, de acordo com as exigências do programa.

ABNT NBR 14724:2005:

Dissertação: documento que apresenta o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações. Deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor), visando a obtenção do título de mestre.

Segundo Ferreira (2003):

Dissertação: 1- Exposição desenvolvida, escrita ou oral, de matéria doutrinária, científica ou artística. 2- Exposição, escrita ou oral que os estudantes apresentam aos professores acerca de um ponto de matéria estudada.

A estrutura de uma dissertação pode variar de acordo com o programa de pós-graduação, mas geralmente segue o que determina a norma técnica e deve conter:

a) Elementos pré-textuais

- Capa;
- Folha de rosto;
- Folha de aprovação;
- Dedicatória;
- Agradecimentos;
- Epígrafe;
- Resumo;
- Resumo em língua estrangeira;
- Listas de tabelas ou ilustrações;
- Listas de abreviaturas e siglas;
- Lista de anexos;
- Sumário.

b) Elementos textuais

- Introdução;
- Desenvolvimento (revisão bibliográfica, procedimentos metodológicos, resultados de pesquisa);
- Conclusão.

c) Elementos pós-textuais

- Referências;
- Glossário;
- Apendice;
- Anexo.

4.2.15 Tese

Uma tese (literalmente “posição”, do grego) é uma proposição intelectual.

Tese é um trabalho apresentado a um programa de pós-graduação *stricto-sensu* de uma instituição de ensino superior credenciada com o objetivo de obtenção do título de doutor acadêmico. O trabalho deve ser desenvolvido sob a orientação de um pesquisador experiente, denominado de orientador, credenciado pelo programa. A tese deve ser escrita dentro do padrão exigido pelas normas vigentes, que após a elaboração deve ser submetida a uma defesa pública e avaliada por uma comissão julgadora para determinação de sua aprovação.

Estrutura de Teses e Dissertações

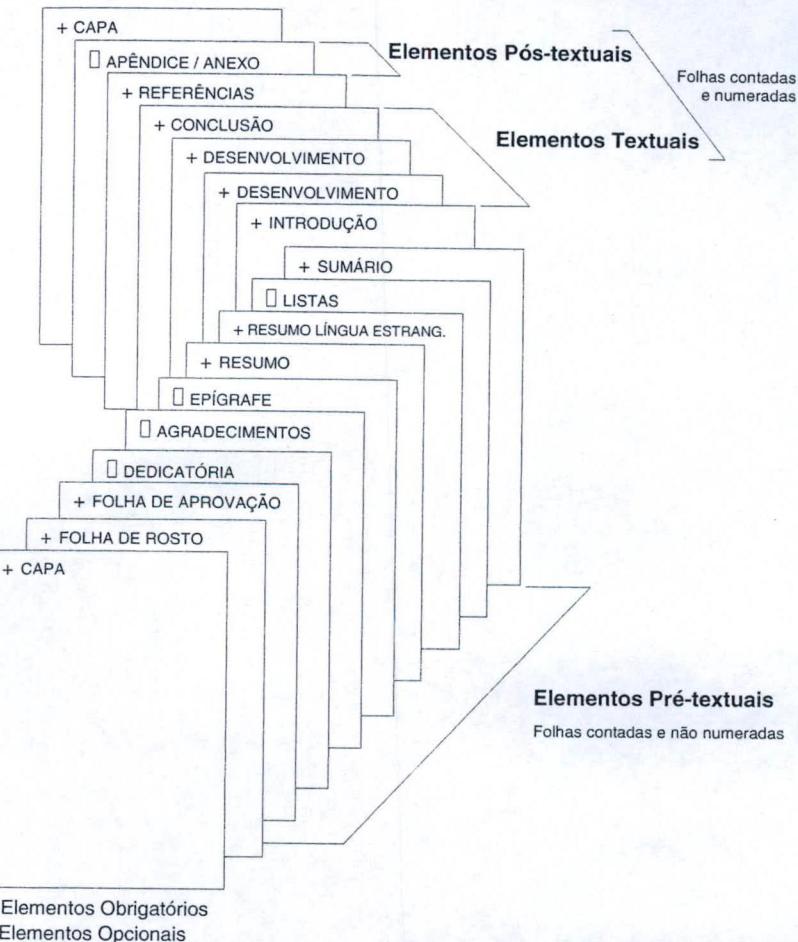


Figura 5: Perspectiva explodida da estrutura de teses e dissertações
Fonte: Adaptado de ABNT NBR 14724, 2005.

ABNT NBR 14724:2005:

Tese: documento que apresenta o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado. Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor) e visa a obtenção do título de doutor, ou similar.

De acordo com Ferreira (2003):

Tese: 1- Proposição formulada nos estabelecimentos de ensino superior e médio, para ser defendida em público. 2 – Por extensão: a discussão da própria tese. 3 – A publicação que contém uma tese.

Quanto à estrutura, é similar a de uma dissertação ou mesmo TCC.

A figura 5 apresenta uma perspectiva explodida da estrutura de teses e dissertações, possibilitando uma visualização de seus elementos constitutivos.

4.3 Planejamento e Etapas da Pesquisa

A atividade intelectual característica da investigação científica tem como propósito a construção ou reconstrução do conhecimento para o avanço da ciência. Esse trabalho deve ser planejado de forma a se desenvolver de maneira sistematizada e otimizada na utilização do tempo, dos recursos, dos materiais e das pessoas para o desenvolvimento do trabalho científico. Assim sendo, pode-se classificar o desenvolvimento de uma pesquisa em fases distintas, que são respectivamente, na visão de Santos (2000):

- 1^a fase: Planejamento;
- 2^a fase: Execução (projeto, fundamentação, coleta de dados e redação do texto acadêmico);
- 3^a fase: Conclusão (apresentação do relatório de pesquisa).

4.3.1 Primeira Fase: Planejamento

A etapa de planejamento consiste na elaboração do pré-projeto de pesquisa.

A partir de um tema de pesquisa, o pesquisador define o problema a ser investigado e formula a hipótese ou as prováveis hipóteses, que são as possíveis respostas ao problema levantado na pesquisa proposta, isto é, *a priori*, a explicação para o problema.

O planejamento pode ser subdividido em cinco passos básicos, que consistem em:

a) Definição do tema

Primeiro passo da caminhada científica, cujo êxito pode depender muito desse momento. Deve-se considerar a aptidão do pesquisador, seu conhecimento na área de estudo, importância e relevância do tema, existência das fontes para a pesquisa.

b) Revisão da literatura

Identificar e localizar os textos escritos sobre o tema ou que tratem do assunto.

c) Pergunta de pesquisa

A pergunta de pesquisa ou problematização é a transformação de uma necessidade humana em um problema. Com base na curiosidade científica criam-se perguntas e possíveis respostas a respeito do assunto que se quer investigar.

d) Delimitação do campo de estudo

Deve-se delimitar o problema que se quer ou se precisa estudar, para investigá-lo com a devida profundidade.

e) Geração de hipóteses

A hipótese se caracteriza como a verdade provisória, uma tentativa de resposta ao problema levantado na proposta de investigação científica. Consiste no lançamento de uma afirmação a respeito do fato ou fenômeno a ser estudado, isto é, algo ainda desconhecido. Na prática, a hipótese deve ser formulada juntando-se o conteúdo da pergunta com o conteúdo da resposta em uma frase afirmativa e estes devem ser verificáveis, isto é, podem-se desenvolver estudos, testes, ensaios e verificações empíricas ou intelectuais a respeito dessas hipóteses.

4.3.2 Segunda Fase: Execução

Etapa subsequente ao planejamento, definidos os parâmetros básicos no pré-projeto, inicia-se a formalização final

do projeto de pesquisa, fundamentação teórica ou revisão bibliográfica, coleta de dados e redação do texto acadêmico.

A partir da etapa de planejamento fundamentado ou pré-projeto se inicia a consolidação do projeto de pesquisa, isto é, a complementação do planejamento, que também pode ser ajustado ou alterado no decorrer do desenvolvimento da pesquisa em função do enfrentamento de dificuldades e falta recursos de qualquer ordem.

Sugerem-se como fundamentais em um projeto e devem estar absolutamente claros para o pesquisador os seguintes momentos distintos:

a) Definição do tema específico

Desenvolvido a partir da hipótese e deve refletir obrigatoriamente o tema de estudo. Deve estabelecer uma orientação clara e objetiva da área de estudos a ser abordada com a finalidade de se buscar as respostas ao problema de investigação proposto.

b) Objetivos

Nesse momento, explicitam-se os objetivos gerais e específicos a serem utilizados na investigação do problema formulado.

- **Objetivo geral:** o pesquisador define a coluna estrutural do projeto, o que pretende atingir com sua investigação científica. São os objetivos de uma pesquisa que irão delimitar e dirigir os raciocínios a serem desenvolvidos no trabalho de investigação;
- **Objetivos específicos:** cada um dos objetivos específicos deve ser uma parte distinta na futura redação do relatório final, indicando capítulos, seções ou partes do conteúdo do relatório final.

c) Procedimentos

Denominam-se procedimentos ou métodos as atividades práticas necessárias para a coleta dos dados com os quais o pesquisador irá conduzir seu trabalho de análise e as possíveis inferências sempre em consonância com o que foi estabelecido no(s) objetivo(s) geral e específicos.

d) Recursos

Consiste em se relacionar e quantificar tudo o que se pretende utilizar no desenvolvimento dos procedimentos para a investigação proposta, podendo ser ou não discriminados por categorias, isto é, recursos humanos, materiais e financeiros.

e) Área da pesquisa

Importante definir, também, a grande área do conhecimento na qual a proposta está inserida, permitindo uma clara visão do contexto onde o tema será desenvolvido.

f) Justificativa

Justificar consiste em apresentar bons motivos para o desenvolvimento da pesquisa, em outras palavras, deve-se responder à pergunta, "por que se deseja fazer a pesquisa?". O conteúdo de uma justificativa deve contemplar aspectos importantes para sua execução, tais como relevância social ou acadêmica do tema, originalidade do trabalho, abrangência do assunto, experiência do pesquisador em relação ao tema.

Justifica-se a pertinência do tema com a área de estudo e com as intenções de trabalho. Os argumentos para as justificativas podem ter caráter histórico, contextual, conceitual, técnico e outros. A utilização de um tipo de argumento não impede o uso dos demais, desde que a integração argumentativa tenha uma ordenação lógica e consistente.

g) Fontes

Definição da origem das prováveis fontes de informações e devem ser relacionadas de acordo com os padrões definidos pela norma técnica vigente.

h) Cronograma

Em um projeto de pesquisa, a elaboração do cronograma é fundamental, pois orienta temporalmente as atividades a serem desenvolvidas. O cronograma estabelece as metas de realização do projeto, pois se trata de um instrumento que situa os procedimentos e os objetivos no tempo, prevendo períodos de desenvolvimento para cada etapa.

O cronograma deve ser apresentado em forma de ilustração, denominado gráfico de Gantt, em cujas linhas do quadro especificam-se as atividades ou etapas do estudo e nas colunas, o tempo estabelecido para a conclusão de cada uma das atividades ou etapas do trabalho, permite a interação imediata das partes com o todo, oferecendo o dimensionamento comparativo entre as etapas (GIL, 2002).

Meses	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março
Atividade													
Revisão Bibliográfica													
Coleta dos Dados													
Análise													
Avaliação Crítica													
Apresentação dos Resultados													
Discussões e Conclusões													
Ano	2007						2008						

Quadro 3: Exemplo de cronograma.

Após a definição do final projeto de pesquisa, o pesquisador deve centrar suas atividades na elaboração do conteúdo, isto é, elementos textuais do trabalho, onde serão apresentados a fundamentação teórica, os procedimentos coleta, análise e interpretação dos dados, conclusões e discussão dos resultados.

i) Fundamentação teórica

É a fundamentação teórica que poderá atribuir credibilidade ao trabalho de pesquisa. O pesquisador deve ter bem clara a definição das fontes relevantes (livros, periódicos, revistas, artigos de eventos científicos e internet), e acessibilidade às mesmas. Dar preferência às fontes de primeira mão, usar de forma adequada as bibliotecas e estruturar corretamente dentro do padrão vigente as referências utilizadas.

j) Coleta de dados

Coletar dados consiste em juntar as informações necessárias ao desenvolvimento dos raciocínios previstos nos objetivos do projeto de investigação científica. Na prática, a coleta de dados que é parte essencial da pesquisa trata de pôr em andamento os procedimentos planejados para os objetivos do trabalho de pesquisa, obedecendo ao cronograma estabelecido pelo pesquisador. Pode ser executada no campo, em laboratório ou, ainda, em bibliografias ou documentos.

l) Análise, estratificação dos dados e discussão dos resultados

Etapa subsequente à coleta de dados é analisar, estratificar, interpretar e apresentar uma discussão científica dos resultados do procedimento final de uma pesquisa. A análise deve ser direcionada com o propósito de atender o que foi determinado no objetivo da pesquisa e para comparar e confrontar dados e provas com a finalidade de confirmar ou rejeitar a hipótese pressuposta no processo de investigação.

m) Conclusões e análise dos resultados obtidos

Nessa etapa o pesquisador já tem condições de sintetizar os resultados obtidos com a pesquisa. Deverá explicitar se os objetivos foram atingidos, se a(s) hipótese(s) ou os pressupostos foram confirmados ou rejeitados. E, principalmente, deve-se ressaltar a contribuição da sua pesquisa para o meio acadêmico ou para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

4.3.3 Terceira Fase: Redação do Texto Científico

A parte final de um trabalho científico consiste na sua redação. Nessa fase, busca-se coerência lógica no desenvolvimento do raciocínio investigativo. Estruturar a linguagem de forma a permitir ser entendido, buscando simplicidade, clareza, objetividade, coerência lógica.

Um documento acadêmico visa apresentar evidências de que alguns fatos estão correlacionados com certos acontecimentos, mostrar algo novo ou relatar um caso de interesse.

Um manual, como este, um belo romance ou um livro didático de destaque, não são documentos acadêmicos, embora a discussão daqueles documentos possam vir a se constituir em trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações ou teses. Um trabalho acadêmico deve ser claro, mas não didático, deve ser pobre em adjetivos, mas o autor deve assumir uma posição.

Um documento acadêmico deve ter início, meio e fim bem delimitados. Na introdução, é apresentado o tema, definindo-se claramente o problema que se quer investigar. O corpo ou meio do trabalho é mais volumoso e envolve, em primeiro lugar, uma revisão da literatura com ênfase em artigos recentes. A parte mais importante vem a seguir: trata-se da contribuição do autor. A conclusão enfatiza, em primeiro lugar, que os objetivos do trabalho foram atingidos total ou parcialmente.

Os membros de bancas não lêem os textos da mesma forma que os amigos, colegas de aula ou mesmo o orientador. A leitura geralmente é feita em duas fases. A primeira fase consiste de uma leitura rápida a qual dá uma boa idéia do todo. Ela consiste nos seguintes itens:

1. O título deve ser curto, claro e coerente;
2. O resumo: verifica-se se o que temos é, realmente, um resumo, ou seja, aponta a questão a ser resolvida, os métodos e instrumentos empregados e os resultados obtidos. Isto tudo em não mais que meia página.
3. A introdução é lida, verificando-se se o encadeamento das idéias é lógico, se não há não impertinências ou aspectos menos importantes em destaque, se o autor perde muito tempo explicando sem definir de forma clara a problemática, se os objetivos não são muito amplos e vagos. O tempo é o futuro e não o presente. “Este trabalho apresentará...”;
4. Enfim, verifica-se se a conclusão mostra que atingiu os objetivos que foram pretendidos.

Na segunda fase da leitura, chegamos ao conteúdo. A primeira pergunta que fazemos é: “onde está o fio condutor do seu raciocínio nesses parágrafos?”. O desenvolvimento lógico do trabalho geralmente prescinde de detalhes. O candidato deverá explicar o contexto da situação em poucos parágrafos, embora tenha lido artigos e livros sobre o assunto. Só se escreve o que é

importante e pertinente. A todo o momento essas questões devem ser colocadas: isto é importante? Isto é pertinente? Somente se a resposta for positiva nos dois casos, o texto será incorporado ao trabalho.

Um texto bem escrito apresenta um fio condutor do raciocínio que mantém o leitor atento e interessado na leitura. O encadeamento lógico das idéias dificilmente pode ser conduzido se o autor insistir em fazer transcrições longas. Se as transcrições se multiplicam, então, não haverá encadeamento nenhum e o texto se tornará em uma colcha de retalhos. Cada frase, sempre curta, deve conter uma e somente uma idéia. Todo capítulo deve ter uma pequena introdução que informa ao leitor o objetivo do capítulo e um fechamento, uma rápida recapitulação das conclusões do autor sobre os assuntos discutidos e a chamada para o próximo capítulo que deve abordar assunto que complementa ou aprofunda o atual.

Escrevemos para a academia, representada por uma banca, e não para leigos. O candidato, considerando que está escrevendo para a humanidade, e não para a academia, tende a criar textos excessivamente longos, cheios de explicações sobre obviedades. O que se quer são textos com uma problemática clara e específica, objetivos operacionais direcionados à problemática e uma estrutura enxuta.

Uma boa revisão do texto envolve questões de forma como bibliografia coerente, tratamento de texto discreto, figuras e tabelas bem organizadas.

A formatação gráfica do texto de um relatório de pesquisa de acordo com os padrões normalizados pela ABNT, por intermédio de normas específicas, é apresentada no capítulo 5.

5

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Um trabalho científico é um texto escrito para apresentar os resultados de uma pesquisa. Os cursos de graduação procuram, entre outras características, aprimorar a formação científica do estudante por intermédio da produção escrita. Nesse sentido, os professores dos cursos de formação superior orientam seus alunos na produção de um trabalho científico, o qual será apresentado à sua comunidade acadêmica no final do curso. Trata-se do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

5.1 Estrutura Física

Estrutura do TCC

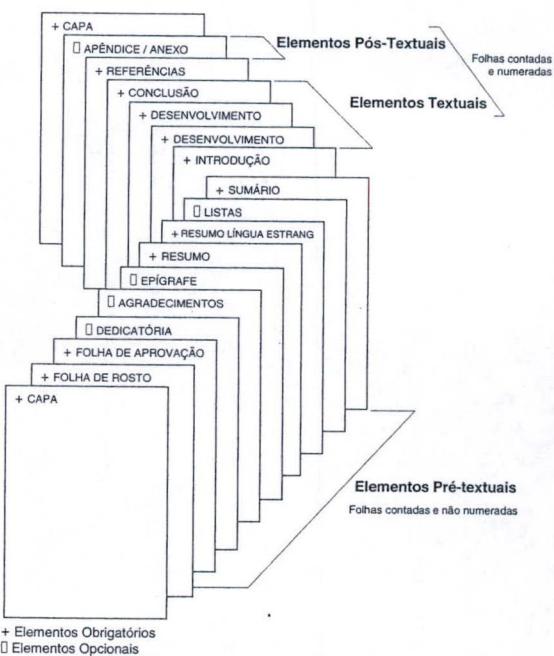


Figura 6: Perspectiva explodida da estrutura do TCC.
Fonte: Adaptado de ABNT NBR 14724, 2005.

A estrutura física do TCC está baseada na NBR14724 – Informação e Documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação (ABNT, 2005). Sua caracterização compreende três elementos:

- Pré-textuais;
- Textuais;
- Pós-textuais.

5.1.1 Elementos Pré-textuais

São aqueles que antecedem o texto, identificando e auxiliando a utilização do trabalho. Considere o quadro a seguir:

Folha de Rosto	Obrigatório
Folha de Aprovação	Obrigatório
Dedicatória	Opcional
Agradecimentos	Opcional
Epígrafe	Opcional
Resumo	Obrigatório
Resumo em língua estrangeira	Obrigatório
Lista de Tabelas	Opcional
Lista de Ilustrações	Opcional
Lista de Abreviaturas e Siglas	Opcional
Lista de Anexos	Opcional
Sumário	Obrigatório

Quadro 4: Elementos pré-textuais.
Fonte: Adaptado de ABNT NBR 14724, 2005.

5.1.1.1 Capa

Elemento obrigatório, onde as informações são transcritas na seguinte ordem:

- Nome da instituição (opcional);
- Nome do autor;
- Título;
- Subtítulo, se houver;
- Número de volumes (se houver mais de um, deve constar em cada capa a especificação do respectivo volume);
- Local (cidade da instituição) onde deve ser apresentado;
- Ano de depósito (da entrega).

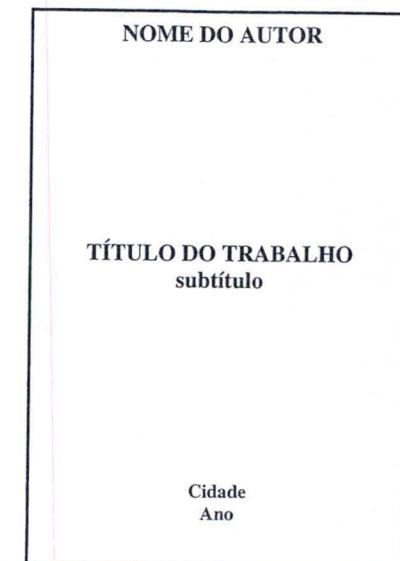


Figura 7: Modelo de Capa
Fonte: Adaptado de ABNT NBR 14724, 2005.

5.1.1.2 Lombada

Elemento opcional, onde as informações devem ser impressas, conforme a ABNT NBR 12225:2004. Parte da capa que reúne as margens internas ou dobras das folhas, sejam elas costuradas, grampeadas, coladas ou mantidas juntas de outra maneira; também chamada de dorso.



Sugestão de Lombada

A partir do alto:
Sigla da Instituição, na horizontal.
5 cm: traço.
Título do trabalho, na vertical.
Traço.
Ano, na horizontal.
Fonte, cor e tamanho igual à capa.

Figura 8: Modelo de Lombada
Fonte: Adaptado de ABNT NBR 14724, 2005.

5.1.1.3 Folha de Rosto

Elemento obrigatório. Folha que contém os elementos essenciais à identificação do trabalho, também chamada de rosto.

5.1.1.4 Folha de Aprovação

Também obrigatório. Folha que contém os elementos essenciais à aprovação do trabalho. Colocado logo após a folha de rosto, constituído pelo nome do autor do trabalho, título e subtítulo (se houver), natureza, objetivo, nome da instituição a que é submetido, área de concentração, data de aprovação, nome, titulação e assinatura dos componentes da banca examinadora e instituições a que pertencem. A data de aprovação e assinaturas dos membros componentes da banca examinadora são colocadas após a aprovação do trabalho.

5.1.1.5 Dedicatória

Elemento opcional. Texto em que o autor presta homenagens e/ou dedica seu trabalho.

5.1.1.6 Agradecimento

Texto em que o autor faz agradecimentos dirigidos àqueles que contribuíram de maneira relevante à elaboração da publicação. Sua menção é opcional.

5.1.1.7 Epígrafe

Também opcional. Texto em que o autor apresenta uma citação, seguida de indicação de autoria, relacionada com a matéria tratada no corpo do trabalho ou que tenha motivado o autor no desenvolvimento da pesquisa.

5.1.1.8 Resumo na Língua Vernácula

Apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto, fornecendo uma visão rápida e clara do conteúdo e das conclusões do trabalho. Constituído de uma seqüência de frases concisas e objetivas e não de uma simples enumeração de tópicos, não ultrapassando 500 palavras, seguido, logo abaixo, das palavras representativas do conteúdo do trabalho, isto é, palavras-chave e/ou descritores, conforme a ABNT NBR 6028 (ABNT NBR 14724, 2005).

5.1.1.9 Resumo em Língua Estrangeira

Versão do resumo para idioma de divulgação internacional. Elemento obrigatório, com as mesmas características do resumo em língua vernácula, digitado em folha separada (em inglês, *Abstract*; em espanhol, *Resumen*; em francês *Résumé*, por exemplo). Deve ser seguido das palavras representativas do conteúdo do trabalho, isto é, palavras-chave e/ou descritores, na língua (ABNT NBR 14724, 2005).

5.1.1.10 Lista de Tabelas

Elemento opcional. Elaborada de acordo com a ordem apresentada na obra, com cada item designado por seu nome específico, acompanhado do respectivo número da página.

5.1.1.11 Lista de Ilustrações

Também opcional. Elaborada de acordo com a ordem apresentada na obra, com cada item designado por seu nome específico, acompanhado do respectivo número da página. Quando necessário, recomenda-se a elaboração de lista própria para cada tipo de ilustração (desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e outros).

5.1.1.12 Lista de Abreviaturas e Siglas

Opcional. Consiste na relação alfabética das abreviaturas e siglas utilizadas no texto, seguidas das palavras ou expressões correspondentes grafadas por extenso. Recomenda-se a elaboração de lista própria para cada tipo.

5.1.1.13 Lista de Anexos e Apêndices

Elemento opcional. Descrita em conformidade com a ordem apresentada no texto, acompanhado do respectivo número da página.

5.1.1.14 Sumário

Elemento obrigatório, cujas partes são acompanhadas do(s) respectivo(s) número(s) da(s) página(s). Havendo mais de um volume, em cada um deve constar o sumário completo do trabalho, conforme a ABNT NBR 6027.

5.1.2 Elementos Textuais

Constituídos de três partes fundamentais: introdução, desenvolvimento e conclusão. Em conformidade com a ABNT NBR 14724:2005.

Introdução	Obrigatório
Desenvolvimento	Obrigatório
Conclusão	Obrigatório

Quadro 5: Elementos textuais
Fonte: Adaptado de ABNT NBR 14724, 2005.

5.1.2.1 Introdução

Especifica o propósito e o alcance do trabalho. Apresenta o tema, a pergunta de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, a delimitação do tema, a justificativa. Além disso, acrescenta-se, ao final da introdução, pelo menos um parágrafo que contemple a apresentação sucinta dos assuntos tratados em todo o desenvolvimento do trabalho. É como uma apresentação resumida daquilo que o leitor encontrará mais à frente.

Parte inicial do texto, onde devem constar a delimitação do assunto tratado, objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do trabalho (ABNT NBR 14724, 2005).

5.1.2.2 Desenvolvimento

Parte principal do texto, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto. Divide-se em seções e subseções, que variam em função da abordagem do tema e do método (ABNT NBR 14724, 2005).

5.1.2.2.1 Fundamentação Teórica

Conhecida também como Revisão da Literatura. Mostra, de acordo com Azevedo (1998), por meio da compilação crítica e retrospectiva de várias publicações, o estágio de desenvolvimento do tema da pesquisa. Recomenda-se que seja escrita na terceira pessoa do singular ou de forma impersonal. Não só esse cuidado deve ter o autor; mas precisa também primar pela linguagem metodológica e correta utilização das regras gramaticais e de ortografia da língua portuguesa.

5.1.2.2.2 Procedimentos Metodológicos

Explica os caminhos percorridos para chegar aos objetivos propostos. Indica como foi selecionada a amostra, aponta os instrumentos de pesquisa – questionários, observação, etc. –, explica como os dados foram tratados e analisados.

5.1.2.2.3 Resultados de Pesquisa

É a análise e descrição dos resultados de pesquisa alcançados. Podem ser utilizadas ferramentas estatísticas que gerem gráficos e tabelas resultantes da tabulação de dados.

Os resultados podem ser divididos em categorias de análise ou tópicos de resultados.

5.1.2.3 Conclusão

Descreve, em síntese, a interpretação dos principais argumentos utilizados. Analisa o desenvolvimento da fundamentação teórica e dos resultados de pesquisa, demonstra se os objetivos foram alcançados.

Andrade (1995) salienta que a conclusão, ou considerações finais, deve ser breve, exata e convincente.

Parte final do texto, na qual se apresentam conclusões correspondentes aos objetivos ou hipóteses.

Nota: é opcional apresentar os desdobramentos relativos à importância, síntese, projeção, repercussão, encaminhamento e outros (ABNT NBR 14724, 2005).

5.1.3 Elementos Pós-textuais

Em conformidade com a ABNT NBR 14724:2005.

Referências	Obrigatório
Glossário	Opcional
Apêndice	Opcional
Anexo	Opcional

Quadro 6. Elementos pós-textuais.
Fonte: Adaptado de ABNT NBR 14724, 2005.

5.1.3.1 Referências

Conjunto padronizado de elementos descritivos retirados de um documento, que permite sua identificação individual. A

descrição da bibliografia é obrigatória, considerando que todo trabalho científico é fundamentado em pesquisa bibliográfica. Deverão estar discriminadas em conformidade com as normas da ABNT NBR 6023 (ABNT NBR 14724, 2005).

5.1.3.2 Glossário

Sua menção é opcional. Relação de palavras ou expressões técnicas de uso restrito ou de sentido obscuro, utilizadas no texto, acompanhadas das respectivas definições.

5.1.3.3 Apêndice

Elemento opcional que consiste em textos ou documentos elaborados pelo autor para complementar a sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho.

O(s) apêndice(s), caso haja mais de um, são identificados por letras consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos. Excepcionalmente utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos apêndices, quando esgotadas as 23 letras do alfabeto.

Exemplos:

APÊNDICE A – Avaliação numérica de células inflamatórias totais aos quatro dias de evolução

APÊNDICE B – Avaliação de células musculares presentes nas caudas de regeneração

5.1.3.4 Anexo

Também opcional. São materiais não elaborados pelo autor, que servem de fundamentação, comprovação e ilustração.

Exemplos: documentos, textos, ilustrações, comprovações, fotos e outros.

O(s) anexo(s) é identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos. Excepcionalmente utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos apêndices, quando esgotadas as 23 letras do alfabeto.

Exemplos:

ANEXO A – Representação gráfica de contagem de células inflamatórias presentes nas caudas em regeneração - Grupo de controle I

ANEXO B – Representação gráfica de contagem de células inflamatórias presentes nas caudas em regeneração – Grupo de controle II

5.2 Regras Gerais de Apresentação

As regras gerais de apresentação gráfica de trabalhos acadêmicos seguem as recomendações da ABNT NBR 14724:2005.

5.2.1 Tipo do Papel e Impressão

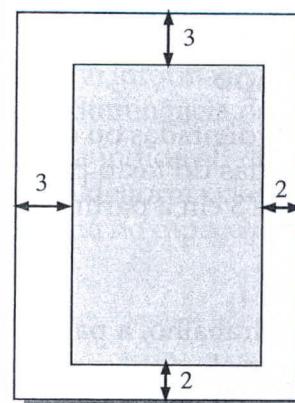
O tipo do papel deve ser A4 (21,0 cm x 29,7 cm), branco e deve-se utilizar apenas uma das faces da folha.

A cor da impressão deve ser em preto, exceção feita às ilustrações.

5.2.2 Margens da Folha

As margens devem ser:

- Superior e Esquerda: 3,0 cm
- Inferior e Direita: 2,0 cm



5.2.3 Fonte

Recomenda-se a utilização de fonte tamanho 12 para todo o texto, excetuando-se as citações de mais de três linhas, notas de rodapé, paginação e legendas das ilustrações e das tabelas que devem ser digitadas em tamanho menor e uniforme.

Apesar de a ABNT considerar que o projeto gráfico é de responsabilidade do autor, recomenda-se utilizar a fonte *Arial* ou *Times New Roman* ou equivalente.

5.2.4 Espacejamento

Todo o texto deve ser digitado ou datilografado com espaço 1,5 cm, excetuando-se as citações de mais de três linhas, notas de rodapé, referências, legendas das ilustrações e das tabelas, ficha catalográfica, natureza do trabalho, objetivos, nome da instituição a que é submetida e área de concentração, que devem ser digitados ou datilografados em espaço simples.

As referências, ao final do trabalho, devem ser separadas entre si por dois espaços simples.

Os títulos das seções devem começar na parte superior da mancha e ser separados do texto que os sucede por dois espaços 1,5 cm (entrelinhas). Da mesma forma, os títulos das subseções devem ser separados do texto que os precede e que os sucede por dois espaços 1,5 cm.

Na folha de rosto e na folha de aprovação, a natureza do trabalho, o objetivo, o nome da instituição a que é submetido e a área de concentração devem ser alinhados do meio da mancha para a margem direita.

5.2.5 Notas de Rodapé

As notas devem ser digitadas ou datilografadas dentro das margens, ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda.

5.2.6 Paginação

Todas as folhas do trabalho, a partir da folha de rosto, devem ser contadas seqüencialmente, mas não numeradas.

A numeração é colocada a partir da primeira folha da parte textual, em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior, ficando o último algarismo a 2 cm da borda direita da folha.

No caso de o trabalho ser constituído de mais de um volume, deve ser mantida uma única seqüência de numeração das folhas, do primeiro ao último volume.

Havendo apêndice e anexo, as suas folhas devem ser numeradas de maneira contínua e sua paginação deve dar seguimento à do texto principal.

5.2.7 Tabelas e Ilustrações

As tabelas e ilustrações devem constar no texto, de acordo com a ABNT NBR 14724:2005, de forma padronizada. São elementos demonstrativos de síntese que constituem unidade autônoma.

Particularmente, as tabelas seguem orientações do IBGE (2003).

5.2.7.1 Tabelas

Conforme o IBGE, a identificação da tabela deve ser feita no topo, com algarismos arábicos, de modo crescente, precedidos da palavra "Tabela".

As tabelas podem ser numeradas seqüencialmente do início ao fim do documento ou subordinadas a cada capítulo ou seção.

Exemplos:

Tabela 2 (identifica a segunda tabela de um documento)

Tabela 16.3 (identifica a terceira tabela do décimo sexto capítulo de um documento)

As tabelas apresentam informações tratadas estatisticamente, há, portanto, uma predominância de dados numéricos.

Recomenda-se que a indicação do conteúdo seja feita por extenso, sem abreviações, de forma clara e concisa e, ainda, ter a unidade de medida inscrita no espaço do cabeçalho ou nas colunas indicadoras.

Modelo de tabela 1:

Tabela 1 – Resposta materna e resultados nos dossiês

Resposta	Guarda	Abrigo	Prossseguido	Encerrado	Total
Não satisfatória*	23,50%	11,80%	11,80%		47,10%
Cooperativa			35,30%	17,60%	52,90%
Total					100,00%

Fonte: Souza (2000, p. 149)

Nota: Nessa categoria, o pesquisador incluiu comportamentos como recusa aos serviços, resistência às orientações para cessação da violência, mas, também, condições como alcoolismo, desemprego etc.

Modelo de tabela 2:
Tabela 2 - Dados gerais das empresas comerciais com atuação em SC, divisão e grupos de atividades - 2003

Grandes Regiões, Unidades da Federação de atuação das empresas, divisão e grupos de atividades	Dados gerais das empresas comerciais				
	Estabelecimentos com receita de revenda	Pessoal ocupado em 31.12	Salários, retiradas e outras remunerações	Receita bruta de revenda	Margem de Comercialização -1
1 000 R\$					
Brasil	1 426 988	6 270 780	38 782 039	736 317 423	131 111 894
Região Sul	311 618	1 252 786	7 593 282	156 918 042	26 709 971
Santa Catarina	64 629	260 748	1 584 528	31 401 427	5 460 450
Comércio de veículos, peças e motocicletas	6 725	35 189	234 331	4 303 083	668 110
Comércio por atacado	6 892	44 676	363 808	12 870 824	1 939 878
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	1 991	14 394	100 522	2 328 178	330 370
Artigos de uso pessoal e doméstico	1 436	6 916	54 116	1 279 989	337 185
Produtos intermediários - exclusivo agropecuários	1 443	10 509	92 097	4 902 089	751 925
Combustíveis	168	1 422	22 085	3 480 888	303 261
Outros produtos intermediários	1 275	9 087	70 012	1 421 201	448 664
Outros produtos	2 022	12 857	117 073	4 360 568	520 398
Comércio varejista	51 012	180 883	986 389	14 227 520	2 852 462
Comércio não-especializado	8 574	40 903	243 171	4 168 705	673 073
Hiper/supermercados	397	25 420	188 482	3 630 895	534 798
Outros tipos de comércio não-especializado	8 177	15 483	54 689	537 810	138 275
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	3 760	11 548	42 328	232 885	87 108
Tecidos, artigos de armário, vestuário e calçados	12 576	36 424	165 621	1 125 356	309 539
Combustíveis e lubrificantes	1 780	14 016	91 609	4 019 564	748 587
Comércio de outros produtos em lojas especializadas	24 211	77 766	442 798	4 676 981	1 032 327
Artigos usados	111	226	862	4 029	1 828

Fonte: IBGE, 2003.

Nota: (1) Receita líquida de revenda menos o custo de mercadoria vendida. Refere-se ao resultado obtido pelo esforço de venda de mercadoria deduzidos dos custos de aquisição das mercadorias pelas empresas.

Quando possível, deve-se evitar a quebra de ilustrações em páginas diferentes. Caso contrário, proceder conforme exemplo a seguir. Note a menção (continua) na primeira parte da tabela e na segunda, além de repetir o título, consta o termo (continuação) e na parte final, repetir o título, inserir (conclusão) e a fonte de referência.

Modelo de tabela 3:

Tabela 3 - Indicadores de Desenvolvimento Social: Saúde (continua)

Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004
4. % de óbitos < de 1 ano por causas mal definidas	7,61	9,26	6,44	6,95	6,49	5,69
5. Taxa de internação por Infecção Respiratória Aguda em < de 5 anos	44,36	47,15	41,66	37,15	34,53	30,2
6. Homogeneidade da cobertura vacinal por Tetravalente em < 1 ano	39,93	50,85	83,28	79,18	72,7	-

Tabela 3 - Indicadores de Desenvolvimento Social: Saúde (continuação)

Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004
4. % de óbitos < de 1 ano por causas mal definidas	7,61	9,26	6,44	6,95	6,49	5,69
5. Taxa de internação por Infecção Respiratória Aguda em < de 5 anos	44,36	47,15	41,66	37,15	34,53	30,2
6. Homogeneidade da cobertura vacinal por Tetravalente em < 1 ano	39,93	50,85	83,28	79,18	72,7	-
7. Número absoluto de óbitos neonatais	1039	907	899	851	736	725
8. Taxa de mortalidade infantil neonatal	10,51	9,56	10,2	9,93	8,89	8,59
9. Taxa de mortalidade materna	41,48	34,8	38,59	40,83	56,76	42,63
10. % de nascidos vivos de mães com 4 ou mais consultas de pré-natal	-	88,31	89,4	90,89	92,26	93,1
11. % de óbitos de mulheres em idade fértil investigados	0	0	0	0	0	0
12. Razão de exames citopatológicos cérvico-vaginais./População Feminina de 25 a 59 anos	-	0,08	0,04	0,25	0,2	0,2
13. Taxa de mortalidade em mulheres por câncer de colo do útero	5,49	4,95	4,61	3,97	3,91	3,82
14. Taxa de mortalidade em mulheres por câncer de mama	9,57	10,35	9,66	10,56	10,24	9,64
15. % de nascidos vivos de mães com 7 ou mais consultas de pré-natal	46,85	43,68	48,61	53,45	56,23	60,1
16. Taxa de internação por acidente vascular-cerebral (AVC)	59,72	51,84	50,85	51,41	47,53	46,44
17. Taxa de mortalidade por doenças cérebro-vasculares	172,02	142	132,02	128,27	129,57	134,16
18. Taxa de internação por insuficiência cardíaca congestiva	122,51	97,24	94,07	90,49	88,35	84,24
19. Proporção de internação por cetoacidose e coma diabético	3,54	2,83	1,8	8,18	8,42	9,45

Tabela 3 - Indicadores de Desenvolvimento Social: Saúde (conclusão)

20. Proporção de internação por diabetes	1,4	1,44	1,53	1,59	1,5	1,44
21. % de abandono do tratamento de tuberculose	-	8,7	8,28	0,75	7,46	7,44
22. Taxa de incidência de tuberculose pulmonar bacilífera	-	15,01	13,76	14,07	12,68	12,08
23. Taxa de mortalidade por tuberculose	1,22	1,03	1,05	1,03	0,98	0,95
24. % de abandono do tratamento de hanseníase	-	6,7	4,69	3,44	3,62	3,83
25. Taxa de detecção de casos de hanseníase	0	0,38	0,35	0,41	0,44	0,44
26. % de cura de casos novos de hanseníase	0	42,36	48,13	47,56	44,85	57,92
27. taxa de prevalência de hanseníase	0	0,7	0,59	0,63	0,64	0,64
28. Grau de incapacidade I e II no momento do diagnóstico	0	32,84	32,45	30,22	30,77	35,2
29. Cobertura de primeira consulta odontológica	15,07	18,21	18,94	17,16	17,2	16,32
30. Procedimentos odontológicos coletivos e população < 14 anos	0,46	0,4	0,41	0,42	0,3	0,27
31. % de exodontias / ações odontológicas básicas individuais	9,24	7,66	6,81	7,93	6,88	6,51
32. % da população coberta pelo Programa de Saúde da Família - PSF	5,69	18,6	34,54	41,84	50,57	58,01
33. Média anual de consultas médicas básicas por habitante	1,34	1,71	1,95	1,56	1,61	1,45
34. Média mensal de visitas domiciliares por família	0,06	0,13	0,22	0,36	0,45	0,44

Fonte: Secretaria de Estado da Saúde, 2005.

5.2.7.2 Ilustrações

Em conformidade com a ABNT NBR 14724:2005, qualquer que seja o tipo de ilustração (desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos, gravura, imagem e outros) sua identificação aparece na parte inferior, precedida da palavra designativa, seguida de seu número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábi-

cos, do respectivo título e/ou legenda explicativa de forma breve e clara, dispensando consulta ao texto e da fonte.

A ilustração deve ser inserida o mais próximo possível do trecho a que se refere, conforme o projeto gráfico.

Modelo de ilustração 1:

Classes de projeções	Distância do observador ao plano de projeção	Direção das projetantes
Cônica	Finita	Convergem para um ponto fixo
Cilíndrica	Infinita	Paralelas entre si
Cilíndrica ortogonal -Projeção ortográfica -Múltiplas vistas -Axonométrica	Infinita Infinita Infinita	Paralelas entre si e perpendiculares ao plano de projeção
Cilíndrica oblíqua	Infinita	Paralelas entre si e oblíquas em relação ao plano de projeção

Quadro 7: Classificação das projetantes.

Fonte: Scheidt (2004, p. 70).

Modelo de ilustração 2:

Aspectos lógicos: Objeções racionais e lógicas	<ul style="list-style-type: none"> • Interesses pessoais: desejo de não perder condições conquistadas • Tempo requerido para ajustar-se às mudanças • Esforço extra para reaprender as coisas • Custos econômicos da mudança • Questionamento da viabilidade técnica da mudança
Aspectos psicológicos: Atitudes emocionais e psicológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Medo do desconhecido • Dificuldade de compreender a mudança • Baixa tolerância pessoal à mudança • Gerente ou agente de mudança antipático • Falta de confiança nos outros • Necessidade de segurança, desejo de manter o <i>status quo</i>.
Aspectos sociológicos: Interesses de grupos e fatores sociológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Coalizões políticas • Valores sociais opostos • Visão estreita e paroquial • Interesse <i>vested</i> • Desejo de reter colegas atuais

Quadro 8: Três Tipos de Resistência às Mudanças.

Fonte: Chiavenato (1996, p. 251).

Modelo de ilustração 3:

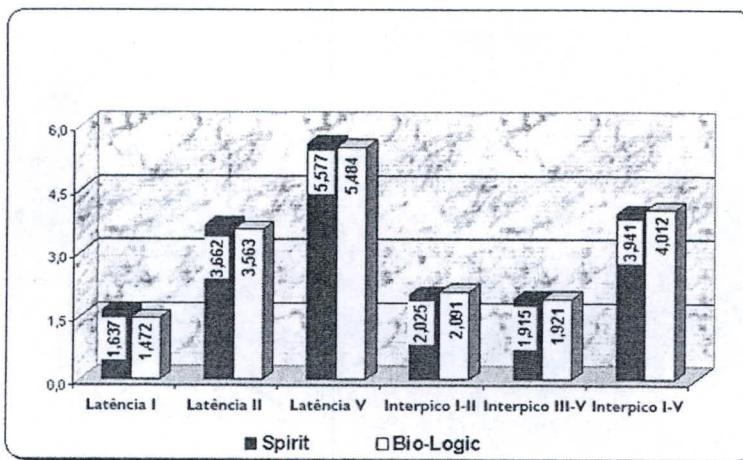
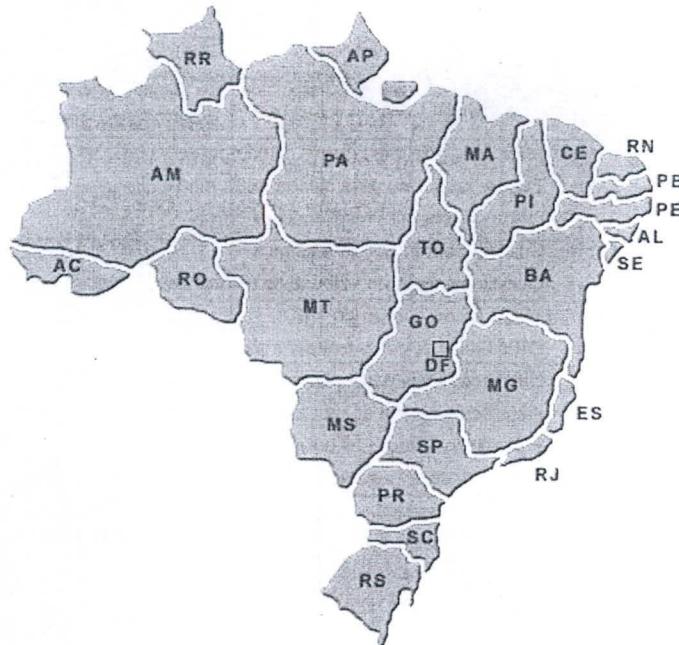


Gráfico 1: Spirit / Bio-Logic.

Fonte: Junqueira, 2002.

Modelo de ilustração 4:



Mapa 1: Brasil por UF.

Fonte: Radar Social, 2005.

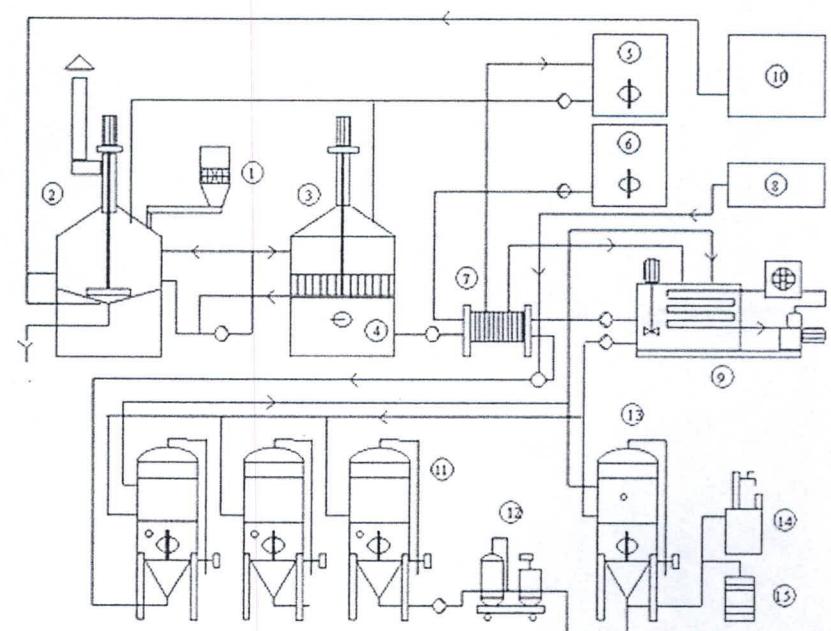
Modelo de ilustração 5:



Desenho 1: Imagem em preto e branco.

Fonte: Escorcio, 2007.

Modelo de ilustração 6:



Fluxograma 1: Microcervejaria

Fonte: Cervesia, 2007.

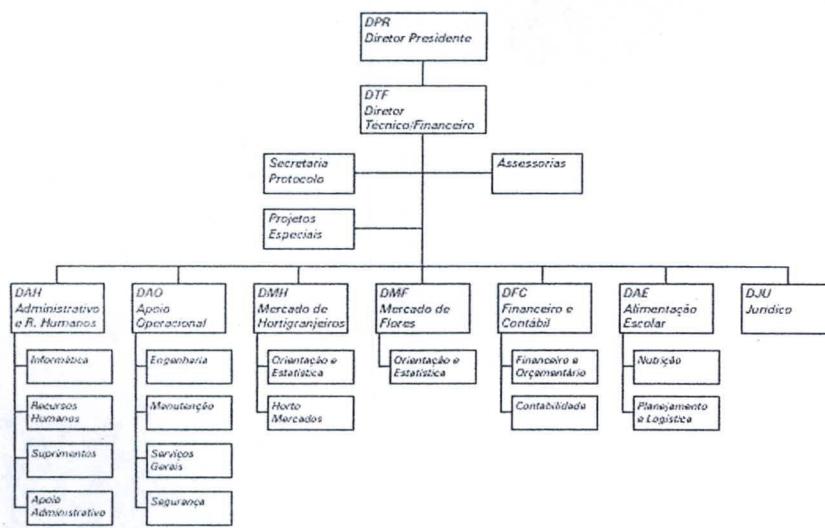
Modelo de ilustração 7:



Fotografia 1: Preto e branco.

Fonte: Alentejanando, 2007.

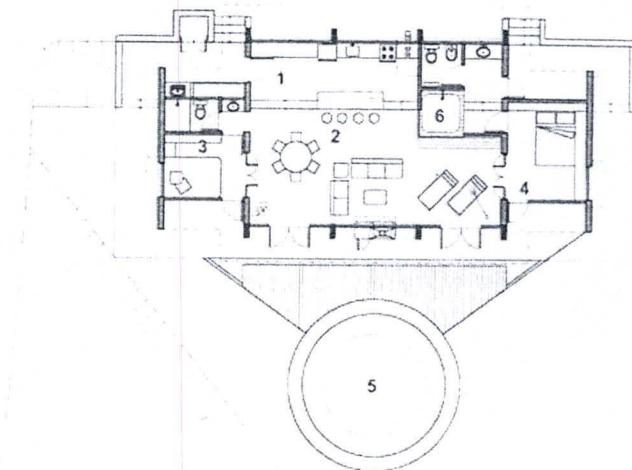
Modelo de ilustração 8:



Organograma 1: Matriz.

Fonte: Ceasa Campinas, 2007.

Modelo de ilustração 9:



Planta 1: Planta baixa do imóvel e do terreno.

Fonte: Arcoweb, 2007.

5.2.8 Equações e Fórmulas

Para facilitar a leitura, devem ser destacadas no texto e, se necessário, numeradas com algarismos arábicos entre parênteses, alinhadas à direita. Na seqüência normal do texto, é permitido o uso de uma entrelinha maior que comporte seus elementos: expoentes, índices e outros (ABNT NBR 14724, 2005).

Exemplo:

$$x^2 + y^2 = z^2$$

...(1)

$$(x^2 + y^2)/5 = n$$

...(2)

5.2.9 Siglas

Quando aparece pela primeira vez no texto, a forma completa do nome precede a sigla, colocada entre parênteses.

Exemplo:

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

5.3 Citações

São menções de outras fontes: livro, apostila, manual, dicionário, caderno, monografia, dissertação, tese, revista, jornal, CD-ROM, disquete, internet e outros. Classificam-se em citações diretas, indiretas ou citação de citação, além das notas de referência, de rodapé e explicativas.

A ABNT NBR 10520 (2002, p. 1-2) aplica as seguintes definições:

- **Citação:** Menção de uma informação extraída de outra fonte.
- **Citação direta:** Transcrição textual de parte da obra do autor consultado.
- **Citação indireta:** Texto baseado na obra do autor consultado.
- **Citação de citação:** Citação direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original.
- **Notas de rodapé:** Indicações, observações ou aditamentos ao texto feitos pelo autor, tradutor ou editor, podendo também aparecer na margem esquerda ou direita da mancha gráfica.
- **Notas de referência:** Notas que indicam fontes consultadas ou remetem a outras partes da obra onde o assunto foi abordado.
- **Notas explicativas:** Notas usadas para comentários, esclarecimentos ou explanações, que não possam ser incluídos no texto.

Assim, as citações podem aparecer no corpo do texto ou em notas de rodapé.

5.3.1 Citação Direta

É a transcrição textual de parte da obra do autor consultado. As citações podem ter até três linhas ou acima de três linhas.

5.3.1.1 Citação Direta até Três Linhas

As citações diretas, no texto, de até três linhas, devem ser contidas entre aspas duplas, com a indicação do autor, ano e página. Observe o espaço simples após o “p.”

Exemplo 1 (autor antes da citação):

Stoner e Freeman (1999, p. 300) definem a mudança planejada, como sendo “a tentativa sistemática de reformular uma organização de modo a ajudá-la a se adaptar às mudanças no ambiente externo e a alcançar novos objetivos”.

Exemplo 2 (autor antes da citação):

O paradigma fordista/taylorista mostrou-se plenamente suficiente. Ele influenciou de forma rápida e profunda todas as organizações da época e ainda nos dias de hoje é colocado em prática o seu modelo. Mas, conforme Wood Júnior (1995, p. 23), “seus princípios administrativos e visão organizacional se teriam tornado anacrônicos e impraticáveis diante do quadro de mudanças em que hoje vivemos”.

Exemplo 3 (autor antes da citação):

Oliveira e Leonards (1943, p. 146) dizem que a “[...] relação da série São Roque com os granitos porfiróides pequenos é muito clara”.

Exemplo 4 (aspas simples¹):

Segundo Sá (1995, p. 27): “[...] por meio da mesma ‘arte de conversação’ que abrange tão extensa e significativa parte da nossa existência cotidiana [...]”.

Exemplo 5 (autor ao final da citação):

“[...] Contabilidade Gerencial é o processo de identificar, mensurar, acumular, analisar, interpretar e comunicar informações que auxiliem os gestores a atingir objetivos organizacionais” (HORNGREN, SUNDEM; STRATTON, 2004, p. 4).

¹ As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.

5.3.1.2 Citação Direta acima de Três Linhas

As citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra e espaçoamento menor que a do texto utilizado e sem as aspas. Indicar autor, ano e página.

Exemplo 1 (autor no início da citação):

Senge (1999, p. 32) argumenta que:

O fato é que as ameaças à sobrevivência das organizações e das sociedades não provêm de eventos súbitos, repentinos, e sim de processos lentos e graduais; a corrida armamentista, a degeneração do meio ambiente, a decadência do sistema educacional público, a obsolescência do capital físico e o declínio da qualidade dos produtos, são todos processos lentos e graduais.

Exemplo 2 (autor ao final da citação):

O passivo agrupará contas de acordo com o seu vencimento, isto é, aquelas contas que serão liquidadas mais rapidamente integrarão um primeiro grupo. Aquelas que serão pagas num prazo mais longo formarão outro grupo. Há uma analogia com o Ativo em termos de liquidez decrescente, só que naquele caso (Ativo) aparecerão as contas que se converterão mais rapidamente em dinheiro e, por outro lado, no Passivo serão destacadas, prioritariamente, as contas que deverão ser pagas mais rapidamente (IUDÍCIBUS, MARION, 2000, p. 45).

5.3.2 Citação Indireta

É a síntese das idéias de um autor. Difere-se da citação direta pela não-transcrição literal do texto, contudo, o teor do texto original deve ser rigorosamente preservado. É redigido de modo textual, com a identificação do autor e do ano.

Exemplo 1 (autor no início da citação):

No entendimento de Bowditch e Buono (1992), os valores organizacionais compreendem as crenças e os valores subjacentes a uma organização.

Exemplo 2 (autor no início da citação):

Chizzotti (1995) e Barros e Lehfeld (2000) conceituam estudo de caso como sendo um tipo de pesquisa, cujo objeto caracteriza-se de forma abrangente para indicar uma variedade de pesquisas.

Exemplo 3 (autor ao final da citação):

A ironia seria, assim, uma forma implícita de heterogeneidade mostrada, conforme a classificação proposta por Authier-Reinz (1982).

Exemplo 4 (autor ao final da citação):

Um ponto limitante, que se torna cada vez mais presente nos dias de hoje, é que esse tipo de organização parece dificultar a sua adaptabilidade, principalmente em se tratando das grandes mudanças que estão ocorrendo na conjuntura atual. Ela cria um efeito desumanizante sobre as pessoas reduzindo-os a meros objetos. Esse modelo de organização, não proporciona um ambiente favorável à criatividade, a inovação, ao diálogo e a aprendizagem (MORGAN, 1996).

Exemplo 5 (autor ao final da citação):

No senso comum, o termo refere-se à erudição, ao saber, à bagagem intelectual, às experiências vivenciadas nos bancos escolares ou, até mesmo, relacionadas com a prática adquirida na vida pessoal. Outro modo de se referir ao termo, na linguagem corrente, é a idéia de polidez, de civilidade, de respeito, de formalidade no trato para com as pessoas em sinal de respeito mútuo e consideração (SROUR, 1998; BERNARDES; MARCONDES, 2000).

Exemplo 6 (autor ao final da citação):

Uma das características atribuídas às MPEs refere-se à ausência de controles e informações. De acordo com esse contexto, observa-se que grande parte delas reclama da falta de controle de seus custos, bem como da dificuldade em estabelecer o preço de venda dos produtos (BATY, 1994; IUDÍCIBUS et al, 1998; RESNIK, 1991).

5.3.3 Citação de Citação

Trata-se da menção de um texto, cujo original não se conseguiu ter acesso, mas se tomou conhecimento por intermédio de outro trabalho. A indicação da fonte é apresentada pelo nome do autor original, seguido da expressão *apud* – citado por, conforme, segundo – e do autor da obra consultada.

Exemplo 1 (autor no início da citação):

Conforme Pfromm Neto (1989 apud LEMOS, 2003), a Educação a Distância teve início no Brasil pela radiodifusão em 1923, com a iniciativa de Edgard Roquette Pinto e um grupo de professores e intelectuais que fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Exemplo 2 (autor no início da citação):

Conforme Kalberg (1980 apud LANER; CRUZ JUNIOR, 2004, p. 236), “quatro são os tipos de racionalidade discutidos no trabalho de Weber: racionalidade prática, racionalidade teórica, racionalidade substantiva e racionalidade formal”.

Exemplo 3 (autor ao final da citação):

É nesse sentido que muitos governos estão introduzindo o que Drucker chamou de “administração por objetivos: declarações de missão, descrevendo objetivos abrangentes; especificando o que se espera que os funcionários façam, medindo sua eficácia em exercer as funções esperadas” (MORGAN et al, 2004 apud MICKLETHWAIT, WOOLDRIGDE, 1998, p. 252).

5.3.4 Outras Formas de Citação

Com base nos exemplos mencionados, as citações podem assumir outras formas combinadas.

Exemplo 1 - Citação indireta e citação direta até três linhas:

Keller (1998) explica que a pesquisa científica representa um conjunto de procedimentos sistemáticos, cujo

alicerce consolida-se dentro de um raciocínio lógico, objetivando encontrar soluções para os problemas propostos, por meio da utilização de métodos científicos. Nesse sentido, ainda com relação à pesquisa científica “deve-se indicar sempre, com método e precisão, toda documentação que serve de base para a pesquisa, assim como idéias e sugestões alheias inseridas no trabalho” (CERVO, BERVIAN, 1978, p. 97).

Exemplo 2 – Citação direta acima de três linhas com autores de capítulo e livro:

Quanto mais os sujeitos são capazes de se autodeterminar, de se desenvolver, de se tornarem empreendedores de si mesmos, mais as pesquisas psicológicas passam a ser um instrumento apto para melhorar a vida de trabalho. O processo avança também no sentido contrário: quanto mais as pesquisas psicológicas se desenvolvem nas organizações, mais os sujeitos passam a se interessar pela autodeterminação. Portanto, as normas e os valores são os produtos diretos dos sujeitos que trabalham nas organizações (AMBROSINI, In: LANER, CRUZ JUNIOR, 2004, p. 81).

5.3.5 Ênfase em Trechos da Citação

Para enfatizar trechos da citação, deve-se destacá-los indicando essa alteração com a expressão “grifo nosso” entre parênteses, após a chamada da citação, ou “grifo do autor”, caso o destaque já faça parte da obra consultada.

Exemplos:

“[...] para que não tenha lugar a **produção de degenerados, quer physicos, quer morais, misérias, verdadeiras ameaças à sociedade**” (SOUTO, 1916, p. 46, grifo nosso).

“[...] desejo de criar uma literatura **independente, diversa**, de vez que, aparecendo o classicismo como manifestação de passado colonial [...]” (CANDIDO, 1993, p. 12, grifo do autor).

5.3.6 Texto Traduzido pelo Autor

Quando a citação incluir texto traduzido pelo autor, deve-se incluir, após a chamada da citação, a expressão “tradução nossa”, entre parênteses.

Exemplo:

“Ao fazê-lo pode estar envolto em culta, perversão, ódio de si mesmo [...] pode julgar-se pecador e identificar-se com seu pecado” (RAHNER, 1962, p. 463, tradução nossa).

5.3.7 Sistema de Chamada

As citações devem ser indicadas no texto por um sistema de chamada: numérico ou autor-data. Qualquer que seja o método adotado, deve ser seguido consistentemente ao longo de todo o trabalho, permitindo sua correlação na lista de referências ou em notas de rodapé.

5.3.7.1 Coincidência de Sobrenomes

Quando houver coincidência de sobrenomes de autores, acrescentam-se as iniciais de seus prenomes; se mesmo assim existir coincidência, colocam-se os prenomes por extenso.

Exemplos:

- (BARBOSA, C., 1958)
- (BARBOSA, O., 1959)
- (BARBOSA, Cássio, 1965)
- (BARBOSA, Celso, 1965)

5.3.7.2 Diversos Documentos de um mesmo Autor

As citações de diversos documentos de um mesmo autor, publicados em um mesmo ano, são distinguidas pelo acréscimo de letras minúsculas, em ordem alfabética, após a data e sem espaçoamento, conforme a lista de referências.

Exemplo:

- De acordo com Weber (1999a)
- (WEBER, 1999b)

As citações indiretas de diversos documentos da mesma autoria, publicados em anos diferentes e mencionados simultaneamente, têm as suas datas separadas por vírgula.

Exemplo:

(DREYFUSS, 1989, 1991, 1995)

As citações indiretas de diversos documentos de vários autores, mencionados simultaneamente, devem ser separados por ponto-e-vírgula, em ordem alfabética.

Exemplos:

Ela polariza e encaminha, sob a forma de “demanda coletiva”, as necessidades de todos (FONSECA, 1997; PAIVA, 1997; SILVA, 1997).

Diversos autores salientam a importância do “acontecimento desencadeador” no início de um processo de aprendizagem (CROSS, 1984; KNOX, 1986; MEZIROW, 1991).

5.3.7.3 Sistema de Chamada: Numérico

O sistema de chamada é pouco utilizado. Nesse sistema, a indicação da fonte é feita por uma numeração única e consecutiva, em algarismos arábicos, remetendo à lista de referências ao final do trabalho, do capítulo ou da parte, na mesma ordem em que aparecem no texto. Não se inicia a numeração das citações a cada página. Não deve ser utilizado quando há notas de rodapé.

A indicação da numeração pode ser feita entre parênteses, alinhadas ao texto, ou situada pouco acima da linha do texto em expoente à linha do mesmo, após a pontuação que fecha a citação.

Exemplos:

- Diz Rui Barbosa: “Tudo é viver, previvendo”. (15)
- Diz Rui Barbosa: “Tudo é viver, previvendo”. ⁽¹⁵⁾

5.3.7.4 Sistema de Chamada: Autor-Data

Mais comumente utilizado, nesse sistema a indicação da fonte é feita no texto e na lista de referências, conforme exemplos:

Exemplo 1

No texto:

Bobbio (1995, p. 30) com propriedade nos lembra, ao comentar esta situação que os “juristas medievais justificaram formalmente a validade do direito romano ponderando que este era o direito do Império Romano que tinha sido reconstituído por Carlos Magno com o nome de Sacro Império Romano”.

Nas referências:

BOBBIO, Norberto. **O positivismo jurídico: lições de Filosofia do Direito**. São Paulo: Ícone, 1995.

Exemplo 2

No texto:

A chamada “pandectística havia sido a forma particular pela qual o direito romano fora integrado no século XIX na Alemanha em particular” (LOPES, 2000, p. 225).

Nas referências:

LOPES, José Reinaldo de Lima. **O Direito na História**. São Paulo: Max Limonad, 2000.

Exemplo 3

No texto:

Merriam e Caffarella (1991) observam que a localização de recursos tem um papel crucial no processo de aprendizagem autodirigida.

Nas referências:

MERRIAM, S.; CAFFARELLA, R. **Learning in adulthood: a comprehensive guide**. San Francisco: Jossey-Bass, 1991.

Exemplo 4

No texto:

“Comunidade tem que poder ser intercambiada em qualquer circunstância, sem quaisquer restrições estatais,

pelas moedas dos outros Estados-membros” (COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPÉIAS, 1992, p. 4).

Nas referências:

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPÉIAS. A união européia. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Européias, 1992.

Exemplo 5

No texto:

O mecanismo proposto para viabilizar esta concepção é o chamado Contrato de Gestão, que conduziria à captação de recursos privados como forma de reduzir os investimentos no ensino superior (BRASIL, 1995).

Nas referências:

BRASIL. Ministério da Administração Federal e da Reforma do Estado. **Plano diretor da reforma do aparelho do Estado**. Brasília, DF, 1995.

Exemplo 6

No texto:

Conforme Maximiano (2000, p. 39 apud AMIN, 2005, p. 26) o “Modelo de Organização é um conjunto de características que definem organizações e a forma como são administradas”.

Nas referências:

AMIN, Esperidião Helou Filho. **A utilização de indicadores sociais na administração pública brasileira: o caso do Estado de Santa Catarina**. 2005. 171 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Exemplo 7

No texto:

Ashby (1952, p. 192-204 apud MORGAN, 1996, p. 365) desenvolveu uma teoria similar a respeito da relação entre aleatoriedade e estabilidade.

Nas referências:

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

Exemplo 8

No texto:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 1979, p. 31 apud RICHARDSON et al, 1999, p. 223).

Nas referências:

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

No caso das obras sem indicação de autoria ou responsabilidade, a indicação é feita pela primeira palavra do título seguida de reticências.

Exemplo 1

No texto:

"As IES implementarão mecanismos democráticos, legítimos e transparentes de avaliação sistemática das suas atividades, levando em conta seus objetivos institucionais e seus compromissos para com a sociedade" (ANTEPROJETO..., 1987, p. 55).

Nas referências:

ANTEPROJETO de lei. **Estudos e debates**. Brasília, DF, n.13, p. 51-50, jan. 1987.

Se o título iniciar por artigo (definido ou indefinido) ou monossílabo, este deve ser incluso na indicação da fonte.

Exemplo 1

No texto:

E eles disseram "globalização", e soubemos que era assim que chamavam a ordem absurda em que dinheiro é a única pátria à qual se serve e as fronteiras se diluem, não pela fraternidade, mas pelo sangramento que engorda poderosos sem nacionalidade (A FLOR..., 1995, p. 4).

Nas referências:

A FLOR Prometida. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 4, 2 abr. 1995.

Exemplo 2

No texto:

"Em Nova Londrina (PR), as crianças são levadas às lavouras a partir dos 5 anos." (NOS CANAVIAIS..., 1995, p. 12).

Nas referências:

NOS CANAVIAIS, mutilação em vez de lazer e escola. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jul. 1995. O País, p. 12.

5.3.8 Notas de Rodapé

São indicações, observações ou aditamentos ao texto feitos pelo autor. Deve-se utilizar o sistema autor-data para as citações no texto e o numérico para as notas explicativas.

As notas de rodapé devem ser alinhadas, a partir da segunda linha da mesma nota, abaixo da primeira letra da primeira palavra, de forma a destacar o expoente e sem espaço entre elas e com fonte menor. Observe que tanto no texto como no rodapé o número é sobreescrito.

Exemplo:

¹ Veja como exemplo desse tipo de abordagem o estudo de Netzer (1976).

² Encontra-se esse tipo de perspectiva no estudo de Rahner (1962).

Quando se tratar de dados obtidos por informação verbal (palestras, debates, comunicações etc.), indicar, entre parênteses,

a expressão informal verbal, mencionando-se os dados disponíveis, em nota de rodapé. Observe que tanto no texto como no rodapé o número é sobreescrito.

Exemplo

No texto:

O novo medicamento estará disponível até o final desse semestre (informação verbal)¹.

No rodapé da página:

¹ Notícia fornecida por John A.Smith no Congresso Internacional de Engenharia Genética, em Londres, em outubro de 2001.

5.3.8.1 Notas de Referência

Notas que indicam fontes consultadas ou remetem a outras partes da obra onde o assunto foi abordado. A numeração das notas é feita por algarismos arábicos, devendo ter numeração única e consecutiva para cada capítulo ou parte, constando na mesma página do texto citado. Não se inicia a numeração a cada página.

A primeira medição de uma nota de fonte deverá apresentar todos os elementos essenciais da referência.

Exemplo no rodapé da página:

¹ FARIA, José Eduardo (Org.). *Direitos humanos, direitos sociais e justiça*. São Paulo: Malheiros, 1994.

As subsequentes citações da mesma obra podem ser referenciadas de forma abreviada, utilizando as seguintes expressões, abreviadas quando for o caso:

Idem ou *Id*

Significa “do mesmo autor”. Substitui o nome, quando se tratar de citação do mesmo autor, mas de obra diferente.

Exemplo:

⁸ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1989, p. 9.
⁹ Id., 2000, p. 19.

Ibidem ou *Ibid*.

Na mesma obra. É utilizado quando houver várias citações de uma mesma publicação, variando apenas a paginação.

Exemplo:

³ RICHARDSON, 1988, p. 145.
⁴ Ibid., p. 190.

Opus citatum ou *Op.cit*.

Refere-se a uma obra que já foi citada. É utilizada após o nome do autor, referindo-se à obra citada anteriormente, na mesma página, quando houver intercalações de outras notas.

Exemplo:

⁵ NONAKA, 1999, p. 87.
⁶ ANDERSEN, 2000, p. 73.
⁷ NONAKA, op. cit., p. 91.

Loco citato ou *Loc.cit*.

No lugar citado. Empregado para mencionar a mesma página de uma obra já citada.

Exemplo:

¹ MARX, 1999, p.27.
² MARX, loc. cit.

Passim

Aqui e ali em diversas passagens. Quando se quer fazer referência a diversas páginas de onde foram retiradas as idéias do autor, evitando-se a indicação repetitiva dessas páginas.

Exemplo:

² ROBBINS, 2006, *passim*.
³ YUNUS, 2003, *passim*.

Apud

Citado por outrem. Pode, também, ser usada no texto, como já foi visto, ou na rodapé da página:

Exemplo:

⁹ EVANS, 1987 *apud* SAGE, 1992, p. 2-3.

5.3.8.2 Notas Explicativas

Notas usadas para comentários, esclarecimentos ou explicações, que não possam ser inclusos no texto. A numeração das notas explicativas é feita em algarismos arábicos, devendo, ter numeração única e consecutiva para cada capítulo ou parte. Não se inicia a numeração a cada página.

Exemplo

No texto:

O comportamento liminar correspondente à adolescência vem se constituindo numa das conquistas universais, como está, por exemplo, expresso no Estatuto da Criança e do Adolescente.¹

No rodapé da página:

¹ Se a tendência à universalização das representações sobre a periodização dos ciclos de vida desrespeita a especificidade dos valores culturais de vários grupos, ela é condição para a constituição de adesões e grupos de pressão à moralização de tais formas de inserção de crianças e de jovens.

5.4 Como fazer Referências

Em conformidade com a ABNT NBR 6023 (2002), a referência trata de toda obra ou fonte consultada, citada ou recomendada. É um elemento obrigatório. Consiste em um conjunto padronizado de descrição de um documento, permitindo sua identificação individual.

A referência pode aparecer:

- No rodapé;
- No fim de texto ou de capítulo;
- Em lista de referências.

Regras gerais de apresentação:

- Os elementos essenciais e complementares da referência devem ser apresentados em seqüência padronizada;
- As referências são alinhadas somente à margem esquerda do texto e de forma a se identificar individual-

mente cada documento, em espaço simples e separadas entre si por espaço duplo;

- Quando aparecem em notas de rodapé, serão alinhadas a partir da segunda linha da mesma referência, abaixo da primeira letra da primeira palavra, de forma a destacar o expoente e sem espaço entre elas;
- O recurso tipográfico (negrito, grifo ou itálico) utilizado para destacar o título deve ser uniforme em todas as referências de um mesmo documento;
- As referências constantes em uma lista padronizada devem obedecer aos mesmos princípios. Ao optar pela utilização de elementos complementares, estes devem ser incluídos em todas as referências daquela lista;
- Os elementos essenciais são: autor(es), título, edição, local, editora e ano de publicação. Quando necessário, acrescentam-se elementos complementares à referência para melhor identificar o documento.

5.4.1 Autor Pessoal: até Três Autores

Exemplos:

MARION, Jose Carlos. **Análise das demonstrações contábeis**: contabilidade empresarial. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1997.

BOWDITCH, J. L.; BUONO, A. F. **Elementos do comportamento organizacional**. São Paulo: Pioneira, 1992.

PEREZ JUNIOR, José Hernandez; BEGALLI, Glauco Antônio. **Elaboração das demonstrações contábeis**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G. ; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

5.4.2 Autor Pessoal: mais de Três Autores

Exemplos:

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

FERREIRA, Ademir A. et al. **Gestão empresarial**: de Taylor aos nossos dias. São Paulo: Pioneira, 1998.

BRITO, Edson Vianna et al. **Imposto de renda das pessoas físicas**: livro prático de consulta diária. 6. ed. São Paulo: Frase, 1996.

FERREIRA, Léshe Piccolotto (Org.). **O fonoaudiólogo e a escola**. São Paulo: Summus, 1991.

MARCONDES, E.; LIMA, I. N. (Coord.). **Dietas em pediatria clínica**. 4. ed. São Paulo: Sarvier, 1993.

5.4.3 Autor Entidade Coletiva

Nesse caso, abrangem-se órgãos governamentais, associações, empresas, congressos, seminários etc.

Exemplos:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

FUNDAÇÃO PARA O PRÊMIO NACIONAL DA QUALIDADE. **Critérios de excelência**: o estado da arte da gestão para a excelência do desempenho e o aumento da competitividade. São Paulo: FNQ, 2006.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto Astronômico e Geográfico. **Anuário astronômico**. São Paulo, 1988.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10, 1979, Curitiba. **Anais**. Curitiba: Associação Bibliotecária do Paraná, 1979, 3 v.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Bibliografia do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações, 1971.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional. **Educação profissional**: um projeto para o desenvolvimento sustentado. Brasília: SEFOR, 1995.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **Dirigentes para a política ambiental do Estado de São Paulo**. São Paulo, 1993. 35 p.

5.4.4 Bíblias

Exemplo:

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980.

5.4.5 Dicionários

Exemplos:

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**: século XXI. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

GUIMARÃES, Antonio Monteiro; BOTTO MORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

5.4.6 Documento Jurídico: Legislação

Nesse caso, abrangem-se a Constituição, emendas e textos legais diversos.

Exemplos:

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº. 42.822, de 20 de janeiro de 1998. Dispõe sobre a desativação de unidades administrativas de órgãos da administração direta e das autarquias do Estado e dá providências correlatas. **Lex: coletânea de legislação e jurisprudência**. São Paulo, v. 62, n. 3, p. 217-220, 1998.

5.4.7 Documento Jurídico: Jurisprudência

Engloba as decisões judiciais.

Exemplo:

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Habeas-corpus nº. 181.636-1, da 6^a. Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Brasília, DF, 6 de dezembro de 1994. **Lex:** jurisprudência do STJ e Tribunais Regionais Federais, São Paulo, v. 10, n. 103, p. 236-240, mar. 1998.

5.4.8 Leis e Decretos

Exemplo:

BRASIL. Lei nº.9.887, de 7 de dezembro de 1999. Altera a legislação tributária federal. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF, 8 dez. 1999. Disponível em: <http://www.in.gov.br/mp_leis_texto.asp?Id=LEI%209887>. Acesso em: 22 dez. 2005.

5.4.9 Trabalhos Apresentados em Eventos Científicos

Congressos, conferências, simpósios, workshops, jornadas, encontros, entre outros.

Exemplos:

ARON, Gilberto Messias et al. A utilização do 5S como um sistema de gestão estratégica. In: XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE QUALIDADE. 2005, São Paulo. **Anais eletrônicos.** São Paulo: FIPECAFI, 2005. 1 CD-ROM.

5.4.10 Artigo de Revista

Exemplos:

MENEGASSO, Maria Ester; SALM, José Francisco. A Educação continuada e (a) capacitação gerencial: discussão de uma experiência. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v.3, n.5, p. 27-35, mar. 2001.

CAMPOS, Celso José. A competitividade e o aprendizado das organizações brasileiras. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.34, n.3, p.71-88, maio/jun. 2000.

RICARTE, Jádson Gonçalves. A contabilidade como ferramenta importante para o planejamento tributário das micro e empresas de pequeno porte. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, Florianópolis, v.4, n.12, p. 9-26, ago./nov. 2005.

TRATTAN, Cláudio; MACEDO-SOARES, Diana. Medição de desempenho e estratégias orientadas para o cliente: resultados de uma pesquisa de empresas líderes no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.39, n.4, p. 46-59, out./dez.1999.

5.4.11 Fascículos

Exemplos:

VEJA. São Paulo: Abril, v. 31, n. 1, jan. 1998.

EXAME. Melhores e maiores: as 500 maiores empresas do Brasil, São Paulo: Abril. jul. 1997. Suplemento.

GAZETA MERCANTIL. Balanço anual 1997. São Paulo, n. 21, 1997. Suplemento.

5.4.12 Artigo e/ou Matéria de Jornal

Exemplos:

FRANCO, Gustavo. O que aconteceu com as reformas de 1999. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 dez. 1999. Caderno Economia, p.4.

BOREHIUS, M. F. Uma viagem saudosista pela Itália. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 set. 2001. Folha Turismo, Caderno 8, p.4.

SUA safra, seu dinheiro. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 17 ago. 1995. Caderno 2. p.9.

PAIVA, Anabela. Trincheira musical: músico dá lições de cidadania em forma de samba para crianças e adolescentes. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 2, 12 jan. 2002.

5.4.13 Periódicos como um Todo

Exemplos:

SÃO PAULO MEDICAL JOURNAL. São Paulo: Associação Paulista de Medicina, 1941. Bimensal. ISSN 0035-0362.

BOLETIM GEOGRÁFICO. Rio de Janeiro: IBGE, 1943-1978. Trimestral. ISSN 0034-723X.

5.4.14 Periódicos: Partes

Exemplos:

SEKEFF, Gisela. O emprego dos sonhos. **Revista Domingo**. Rio de Janeiro, ano 26, n. 1344, p. 30-36, 3 fev. 2002.

MANSILLA, H. C. F. La controvérsia entre universalismo y particularismo en la filosofía de la cultura. **Revista Latinoamericana de Filosofía**. Buenos Aires, v. 24, n. 2, primavera 1998.

COSTA, V. R. À margem da lei: o Programa de Comunidade Solidária. **Em Pauta: revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 131-148, 1998.

5.4.15 Notas de Aula

Exemplo:

MELO, Pedro Antônio de. **Política, estrutura e funcionamento do ensino superior**. Curso de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal de Santa Catarina. De 02.03 à 29.06.2005. 18 fls. Notas de aula. 2005.

5.4.16 Entrevistas

Exemplo:

DRUCKER, Peter Ferdinand. Árvores não crescem até o céu. **HSM Management**. São Paulo, n.54, ano 10, vol.1, p.12-22, jan./fev. 2006.

5.4.17 Meio Eletrônico

5.4.17.1 Parte de Monografia

Exemplos:

POLÍTICA. In: **DICIONÁRIO da língua portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dIDLPO>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Tratados e organizações ambientais em matéria de meio ambiente. In: **Entendendo o meio ambiente**. São Paulo, 1999, v. 1. Disponível em: <<http://www.bdt.org.br/sma/entendendo/atual.htm>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

5.4.17.2 Arquivo em Disquetes

Exemplo:

BARTZ, Ligia Leindorf. Apostila.doc. Curitiba, 13 maio 1995. 1 arquivo (605 kbytes). Disquete 3 ½. Word for Windows 6.0.

5.4.17.3 E-mail

Exemplo:

MARINO, Anne. Paixão por vencer [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <educatorinfo@gets.org> em 12 maio 1999.

5.4.17.4 Artigos e/ou Matérias de Periódicos em Meio Eletrônico

Exemplos:

MALOFF, Joel. A internet e o valor da internalização: um estudo de caso. **Ciência da informação**. Brasília, n.3, v.26, 1997. Disponível em: <<http://ibict.br/cionline/>>. Acesso em: 18 maio. 1999.

SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. **Revista Net**. Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <<http://www.brazilnet.com.br/contexts/brsilrevistas.htm>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

WINDOWS 98: o melhor caminho para a atualização. **PC World.** São Paulo, n. 75, set. 1998. Disponível em: <<http://www.idg.com.br/abre/htm>>. Acesso em: 10 set. 1998.

5.4.17.5 Artigos e/ou Matérias de Jornais em Meio Eletrônico

Exemplos:

KELLY, R. Electronic publishing at APS: its not just online journalism. **APS News Online.** Los Angeles, nov. 1996. Disponível em: <<http://www.aps.org/apsnews/1196/11965.html>>. Acesso em: 25 nov. 1998.

SILVA, Ives Gandra da. Pena de morte para o nascituro. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 19 set. 1998. Disponível em: <http://www.providafamilia.org/pena_morte_nascituro.htm>. Acesso em: 19 set. 1998.

ARRANJO tributário. **Diário do Nordeste Online.** Fortaleza, 27 nov. 1998. Disponível em: <<http://www.diariodonordeste.com.br>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

5.4.17.6 Instituições Online

Exemplo:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Disponível em <http://www.unb.br/lef/brasilemquestao/noticias_universidade.html>. Acesso em: 2 abr. 2005.

5.4.17.7 CD-ROM

Exemplos:

KOOGAN, André; HOUAISS, Antônio (Ed.). **Enciclopédia e dicionário digital.** Direção geral de André Koogan. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. 5 CD-ROM.

VIEIRA, Cássio Leite; LOPES, Marcelo. A queda do cometa. **Revista Neo Interativa.** Rio de Janeiro, n. 2, 1994. 1 CD-ROM.

5.4.17.8 Evento como um Todo em Meio Eletrônico

Exemplo:

CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife. Anais eletrônicos. Recife: UFPE, 1996. Disponível em: <<http://www.propsq.ufpe.br/anais/anais.htm>>. Acesso em: 21 jan. 1997.

5.4.17.9 Trabalho Apresentado em Evento em Meio Eletrônico

Exemplo:

SABROZA, P. C. Globalização e saúde: impacto nos perfis epidemiológicos das populações. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE EPIDEMIOLOGIA**, 4. 1998, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: ABRASCO, 1998. Mesa-redonda. Disponível em: <<http://www.abrasco.com.br/epirio98/>>. Acesso em: 17 jan. 1999.

5.4.17.10 Documento Jurídico em Meio Eletrônico

Exemplos:

LEGISLAÇÃO brasileira: normas jurídicas federais, bibliografia brasileira de Direito. 7. ed. Brasília, DF: Senado Federal, 1999. 1 CD-ROM. Inclui resumos padronizados das normas jurídicas editadas entre janeiro de 1946 e agosto de 1999, assim como textos integrais de diversas normas.

BRASIL. Lei nº. 9.887, de 7 de dezembro de 1999. Altera a legislação tributária federal. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 8 dez. 1999. Disponível em: <http://www.in.gov.br/mp_leis/leis_texto.asp?Id=LEI%209887>. Acesso em: 22 dez. 1999.

5.4.17.11 Imagens em Movimento

Inclui filmes, videocassetes, DVD, entre outros.

Exemplos:

ELETROBRÁS. **Tecnologia Digital: Aplicação a controle de processos em usinas e subestações (filme-vídeo).** Brasil, 1998. 1 fita de vídeo VHS 45 min., color.

OS PERIGOS do uso de tóxicos. Produção de Jorge Ramos de Andrade. Coordenação de Maria Izabel Azevedo. São Paulo: CERAVI, 1983. 1 vedeocassete (30 min), VHS, son., color.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clemont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérpretes: Fernanda Montenegro; Marília Pêra; Vinícius de Oliveira; Sônia Lira; Othon Bastos; Matheus Nachtergael e outros. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S.I.]: Lê Studio Canal; RioFilme; MACT Productions, 1998. 1 bobina cinematográfica (106 min), son., color., 35 mm.

BLADE Runner. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Intérpretes: Harrison Ford; Rutger Hauer; Sean Young; Edward James Olmos e outros. Roteiro: Hampton Fancher e David Peoples. Música: Vangelis. Los Angeles: Warner Brothers, c1991. 1 DVD (117 min), widescreen, color. Produzido por Warner Vídeo Home. Baseado na novela *Do androids dream of electric sheep?* de Phillip K. Dick.

5.4.18 Repetição de Autor

Eventualmente, o(s) nome(s) do(s) autor(es) de várias obras referenciadas sucessivamente, na mesma página, pode(m) ser substituído(s) nas referências seguintes à primeira, por um traço sublinear (equivalente a seis espaços) e ponto.

Exemplos:

EBOLI, Marisa. O desenvolvimento das pessoas: educação corporativa. In: KRAMER Érika. **As pessoas na organização**: estudos de casos. São Paulo: Gente, 2002.

_____. Educação corporativa: uma realidade brasileira? Disponível em: <<http://www.rh.com.br/ler.php?cod=3990&org=3>>. Acesso em: 9 jun. 2005.

TURANO, J. C.; TURANO, L. M. Fatores determinantes da oclusão em próteses total. In: _____. Fundamentos de prótese total. 4. ed. São Paulo: Quintessence, 1998. cap. 13.

5.4.19 Autor de Capítulos ou Partes

Exemplos:

FLEURY, Maria Tereza. No universo da cultura, o centro se encontra em toda parte. In: EBOLI, Marisa (Coord.). **Coletânea universidades corporativas**: educação para as empresas do século XXI. São Paulo: Adolfo Schmukler. 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O papel da didática na formação do educador. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 23-30.

5.4.20 Evento como um Todo

Exemplo:

REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 20., 1997, Poços de Caldas. **Química**: academia, indústria, sociedade: livros de resumos. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química, 1997.

5.4.21 Trabalho Apresentado em Evento

Exemplo:

MARTIN NETO, L.; BAYER, C.; MIELNICZUK, J. Alterações qualitativas da matéria orgânica e os fatores determinantes da sua estabilidade num solo podzólico vermelho-escuro em diferentes sistemas de manejo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÉNCIA DO SOLO, 26 jan. 1997, Florianópolis. Resumos. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Ciéncia do Solo, 1997, p. 443, p. 6-141.

5.4.22 Patente

Exemplo:

EMBRAPA. Unidade de apoio, Pesquisa e Desenvolvimento de Instrumentação Agropecuária (São Carlos, SP). Paulo Estevão Cruvinel. **Medidor digital multissensor de temperatura para solos**. BR n. PI 8903105-9, 26 jun. 1995.

5.4.23 Outros Tipos de Responsabilidade

Aqui, incluem-se tradutor, prefaciador, ilustrador etc.

Exemplo:

SZPERKOWICZ, Jerzy. Nicolás Copérnico: 1473-1973.
Tradução de Victor M. Ferreras Tascon, Carlos H. de León Aragón. Varsóvia: Editorial Científica Polaca, 1972.

5.4.24 Monografia no Todo

Teses, dissertações, entre outros.

Quando o documento por constituído de apenas uma unidade física, ou seja, um volume, indica-se o número total de páginas ou folhas, seguindo a abreviatura p. ou f. A folha é composta de duas páginas, anverso e verso. Alguns trabalhos, como TCC, dissertações e teses, são impressos apenas no anverso e, nesse caso, indica-se f.

Exemplos:

FERREIRA, Rodrigo Inácio. Diagnóstico do clima organizacional da Delegacia da Receita Federal de Florianópolis/SC segundo as percepções dos atendentes do Centro de Atendimento ao Contribuinte. 2006. 115. f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Instituto de Ensino Superior da Grande Florianópolis, Florianópolis, 2006.

OTANI, Nilo. A educação corporativa como estratégia competitiva: a Universidade da Caixa Econômica Federal. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

OLIVEIRA, Janaina Mendes de. Modelo para a integração dos mecanismos de fomento ao empreendedorismo no âmbito das universidades: o caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006. 169 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

5.4.25 Número de Páginas na Referência

Pode-se registrar o número da última página, folha ou coluna de cada seqüência, respeitando-se a forma encontrada (letras, algarismos romanos e arábicos).

Exemplos:

LUCCI, E. A. Viver e aprender: estudos sociais. 3. exemplar do professor. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1994. 96 p.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980. 500 p.

5.4.26 Partes ou Capítulos de Publicações

Quando se referenciarem partes de publicações, mencionam-se os números das folhas ou páginas inicial e final ou indica-se o número do capítulo ou outra forma de individualizar a parte referenciada.

Exemplos:

REGO, L. I. B. O desenvolvimento cognitivo e a prontidão para a alfabetização. In: CARRARO, T. N. (Org.). **Aprender pensando.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 31-40.

TURANO, J. C.; TURANO, L. M. Fatores determinantes da oclusão em próteses totais. In: _____. Fundamentos de prótese total. 4. ed. São Paulo: Quintessence, 1998. cap. 13.

5.5 Sobre a Data

5.5.1 Data de Publicação

Em conformidade com a ABNT NBR 6023:2002, a data de publicação deve ser indicada em algarismos arábicos.

Exemplo:

FERRY, Luc. Aprender a viver: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Se nenhuma data de publicação, distribuição, *copyright*, impressão etc. puder ser determinada, regista-se uma data aproximada entre colchetes, conforme indicado:

[1971 ou 1972]	um ano ou outro
[1969?]	data provável
[1973]	data certa, não indicada no item
[entre 1906 e 1912]	use intervalos menores de 20 anos
[ca. 1960]	data aproximada
[197-]	década certa
[197-?]	década provável
[18--]	século certo
[18-?]	século provável

Quadro 9: Aproximação de data.

Fonte: ABNT NBR 6023 (2002, p. 17).

Nas referências de vários volumes de um documento, produzidos em um período, indicam-se as datas mais antiga e a mais recente da publicação, separadas por hífen.

Exemplo:

RUCH, Gastão. **História geral da civilização**: da Antigüidade ao XX século. Rio de Janeiro: F.Briguiet, 1926-1940. 4.v.

5.5.2 Abreviatura dos Meses

Os meses devem ser indicados de forma abreviada, no idioma original da publicação.

Exemplo:

ALCARDE, J. C.; RODELLA, A.A. O equivalente em carbonato de cálcio dos corretivos da acidez dos solos. **Scientia Agrícola**. Piracicaba, v.53, n. 2/3, p. 204-210, maio/dez. 1996.

As publicações podem indicar, em lugar dos meses, as estações do ano ou as divisões em trimestres, semestres etc.

Abreviatura dos Meses					
Português	Espanhol		Inglês		
janeiro	jan.	enero	enero	january	jan.
fevereiro	fev.	febrero	feb.	february	feb.
março	mar.	marzo	marzo	march	mar.
abril	abr.	abril	abr.	april	apr.
maio	maio	mayo	mayo	may	may
junho	jun.	junio	jun.	june	june
julho	jul.	julio	jul.	july	july
agosto	ago.	agosto	agosto	august	aug.
setembro	set.	septiembre	sept.	september	sept.
outubro	out.	octubre	oct.	october	oct.
novembro	nov.	noviembre	nov.	november	nov.
dezembro	dez.	diciembre	dic.	december	dec.

Quadro 10: Abreviatura dos meses.

Fonte: ABNT NBR 6023 (2002, p. 22).

Exemplos:

MANSILLA, H. C. F. La controvérsia entre universalismo y particularismo en la filosofía de la cultura. **Revista Latinoamericana de Filosofía**. Buenos Aires, v. 24, n. 2, primavera 1998.

FIGUEIREDO, E. Canadá e Antilhas: línguas populares, oralidade e literatura. **Gragoatá**, Niterói, n. 4, p. 127-136. 2. sem. 1996.

5.6 Numeração das Seções

A NBR 6024:2003 estabelece um sistema de numeração progressiva das seções de documentos escritos, de modo a expor em uma seqüência lógica o inter-relacionamento da matéria e a permitir sua localização.

A seção primária é a principal divisão do texto. O indicativo da seção secundária é constituído pelo indicativo da seção primária a que pertence, seguido do número que lhe for atribuído na seqüência do assunto e separado por ponto. Repete-se o mesmo processo em relação às demais seções. Deve-se limitar a numeração progressiva até a seção quinária.

São empregados algarismos arábicos na numeração.

Seção Primária	Seção Secundária	Seção Terciária	Seção Quaternária	Seção Quinária
1	1.1	1.1.1	1.1.1.1	1.1.1.1.1
2	2.1	2.1.1	2.1.1.1	2.1.1.1.1
3	3.1	3.1.1	3.1.1.1	3.1.1.1.1
4	4.1	4.1.1	4.1.1.1	4.1.1.1.1
5	5.1	5.1.1	5.1.1.1	5.1.1.1.1
6	6.1	6.1.1	6.1.1.1	6.1.1.1.1
7	7.1	7.1.1	7.1.1.1	7.1.1.1.1
8	8.1	8.1.1	8.1.1.1	8.1.1.1.1
9	9.1	9.1.1	9.1.1.1	9.1.1.1.1
10	10.1	10.1.1	10.1.1.1	10.1.1.1.1
11	11.1	11.1.1	11.1.1.1	11.1.1.1.1

Quadro 11: Numeração progressiva das seções de um documento.

Fonte: ABNT NBR 6024 (2003, p. 2).

Não se utilizam ponto, hífen, travessão ou qualquer sinal após o indicativo de seção ou de seu título.

Destacam-se gradativamente os títulos das seções, utilizando os recursos de negrito, itálico ou grifo e redondo, caixa alta ou versal e outros.

Sugestão de utilização de recursos para numerar as seções, da primária a quinária:

1 INTRODUÇÃO	Seção primária
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	Seção primária
2.1 A Estratégia Competitiva	Seção secundária
2.1.1 Histórico da Estratégia	Seção Terciária
2.1.1.1 Modelos de Estratégia	Seção Quaternária
2.1.1.1.1 A formulação da estratégia	Seção Quinária
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	Seção Primária
4 RESULTADOS DE PESQUISA	Seção Primária
5 CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS	Seção Primária

Quadro 12: Sugestão de utilização de recursos para numerar as seções.

Fonte: Adaptado de ABNT NBR 6024, 2003.

São empregados algarismos arábicos na numeração.

Seção Primária	Seção Secundária	Seção Terciária	Seção Quaternária	Seção Quinária
1	1.1	1.1.1	1.1.1.1	1.1.1.1.1
2	2.1	2.1.1	2.1.1.1	2.1.1.1.1
3	3.1	3.1.1	3.1.1.1	3.1.1.1.1
4	4.1	4.1.1	4.1.1.1	4.1.1.1.1
5	5.1	5.1.1	5.1.1.1	5.1.1.1.1
6	6.1	6.1.1	6.1.1.1	6.1.1.1.1
7	7.1	7.1.1	7.1.1.1	7.1.1.1.1
8	8.1	8.1.1	8.1.1.1	8.1.1.1.1
9	9.1	9.1.1	9.1.1.1	9.1.1.1.1
10	10.1	10.1.1	10.1.1.1	10.1.1.1.1
11	11.1	11.1.1	11.1.1.1	11.1.1.1.1

Quadro 11: Numeração progressiva das seções de um documento.

Fonte: ABNT NBR 6024 (2003, p. 2).

Não se utilizam ponto, hífen, travessão ou qualquer sinal após o indicativo de seção ou de seu título.

Destacam-se gradativamente os títulos das seções, utilizando os recursos de negrito, itálico ou grifo e redondo, caixa alta ou versal e outros.

Sugestão de utilização de recursos para numerar as seções, da primária a quinária:

1 INTRODUÇÃO	Seção primária
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	Seção primária
2.1 A Estratégia Competitiva	Seção secundária
2.1.1 Histórico da Estratégia	Seção Terciária
2.1.1.1 Modelos de Estratégia	Seção Quaternária
2.1.1.1.1 A formulação da estratégia	Seção Quinária
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	Seção Primária
4 RESULTADOS DE PESQUISA	Seção Primária
5 CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS	Seção Primária

Quadro 12: Sugestão de utilização de recursos para numerar as seções.

Fonte: Adaptado de ABNT NBR 6024, 2003.

6

A Ética na Pesquisa

Ética¹ segundo o dicionário Aurélio, significa o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto.

A pesquisa é um dos componentes essenciais de uma instituição de ensino superior. Caracteriza-se pela busca do conhecimento em prol da afirmação dos valores internalizados em cada obra consultada e de resultados que beneficiem a sociedade. Nesse sentido, a pesquisa científica deve ter o compromisso com a verdade.

Um caso extremamente relevante é a pesquisa que envolve seres vivos em geral. Infelizmente, muito pouco se tem feito para preservar a vida ou, pelo menos, a dignidade dos animais que cooperaram conosco na compreensão de nossas patologias ou na formação de profissionais das diferentes áreas do saber.

No caso de seres humanos, o atendimento de aspectos éticos específicos está regulamentado através da Resolução 196, do Conselho Nacional de Saúde². Ao utilizar seres humanos na pesquisa, o pesquisador deve pautar-se nas diretrizes dessa norma, uma vez que seu projeto deverá ser apreciado por um comitê de ética autônomo.

Em geral, as Instituições de Ensino instalam um comitê de ética que estabelece a forma pela quais os projetos devem ser submetidos para que se verifique a sua eticidade. O estabelecimento dessas diretrizes e a criação dos comitês têm em vista defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integri-

¹ A palavra ética vem do grego *ethiké* e do latim *ethica* e é o ramo da filosofia que estuda a natureza do que é considerado adequado. Trata-se de uma doutrina que tem por objeto a Moral e como esta foi compreendida ao longo do tempo e em diferentes lugares.

² Texto baseado em Severino, 2002.

dade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos definidos na lei.

De acordo com os termos da resolução, a eticidade da pesquisa implica os seguintes parâmetros:

- a) **Autonomia:** consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes, de forma que sejam tratados com dignidade, respeitados em sua autonomia e defendidos em sua vulnerabilidade;
- b) **Beneficência:** ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais e coletivos comprometimento com o máximo de benefícios e o mínimo de danos ou riscos;
- c) **Não-maleficência:** garantir que danos previsíveis serão evitados;
- d) **Justiça e Equidade:** fundar-se na relevância social da pesquisa.

No aspecto das pesquisas que envolvem pessoas, devem obrigatoriamente ser encaminhadas ao respectivo comitê de ética institucional para apreciação.

Outra situação bastante atual é o de plágio. Casos que envolvem acusações de plágio em pesquisas tornam a discussão de fontes ainda mais relevante. Os alunos sabem da existência de *websites* nos quais se podem comprar trabalhos prontos. Outra prática comum é a de estudantes que encomendam suas monografias, citando as fontes a serem consultadas e o enfoque a ser dado (DORNELLES, 2006).

As universidades e os professores têm conhecimento da existência dessas ferramentas de pesquisa. De forma crescente, as bancas de avaliação perguntam sobre as fontes com as quais a pesquisa foi realizada. Consultas a sites de busca para confirmar se a pesquisa é autêntica ou foi copiada, é prática comum.

Apesar do paradoxo, a internet é um aliado na realização de pesquisas científicas. Mesmo a ABNT substituiu a expressão “Referências Bibliográficas” por “Referências” editando novas normas concernentes a pesquisas realizadas na rede.

No entender de Robbins (2005), as pessoas que têm altos padrões éticos são menos propensas a se envolver em práticas antiéticas, mesmo em situações nas quais haja pressão para isso.

Consideram os autores que lapidar o conceito de cidadania e reverter o processo da eficácia do “jeito” são fundamentais à justiça e ao desenvolvimento acadêmico.

Referências

- ANDER-EGG, Ezequiel. **Repensando la investigación-acción-participativa**: comentários, críticas & sugerencias. Servicio central de publicacione del gobierno Vasco, 1978.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**: noções práticas. São Paulo: Atlas, 1995.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documento apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **NBR 12225**: informação e documentação: lombada: apresentação. Rio de Janeiro, 2004.
- _____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**: diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos. Piracicaba, SP: Ed.da UNIMED, 1998.
- BARROS, Aidil J. da S.; LEHFELD, Neide A. de S. **Fundamentos de metodologia**: um guia para a iniciação científica. 2. ed. ampl. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BERNARDES, C.; MARCONDES, R. **Sociologia aplicada à administração**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BRYMAN ; CRAMER. **Qualitative analysis for social scientists**. London: Routledge, 1990.

- BUNGE, M. **La investigación científica**: su estratézia e su filosofia. Barcelona: Arie, 1981.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodología científica**. São Paulo: Makron Books, 1978.
- CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 4. ed. Lisboa: Presença, 1988. 231 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio: século XXI**. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.
- FEYERABAND, P. **Science in a free society**. London: New Left, 1978.
- IBGE. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Normas de apresentação tabular**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 62 p.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- HENDRICK, H. W.; VERCROYSEN, M. **Behavioral research and analisys**: na introduction to statistics within the contexto f experimental design. 2. ed. Lawrence, USA: Ergosyst Associates, 1989.
- KELLER, Cleverson B. V. **Aprendendo a aprender**: introdução à metodologia científica. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- KERLINGER, Fred N. **Metodología da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU, 1980.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- LAKATOS, I. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza, 1983.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodología científica**. São Paulo: Atlas, 1993.
- LEEDY, P. D. **Practical research**: planning and design. NY: McMillan, 1989.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 1991.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 13. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

- OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de metodología científica**. São Paulo: Pioneira, 1997.
- POPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005. 536p
- SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- SANTOS, Antônio Raimundo dos Santos. **Metodología científica**: a construção do conhhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodología do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Edna Lúcia de; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodología da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.
- SROUR, Robert H. **Poder, cultura e ética nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- STONER, J. A. F.; FREEMAN, R. E. **Administração**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1999.
- SZPERKOWICZ, Jerzy. **Nicolás Copérnico**: 1473-1973. Tradução de Victor M. Ferreras Tascón, Carlos H. de León Aragón. Varsóvia: Editorial Científica Polaca, 1972.
- TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 1994.
- VIEIRA, Sonia. **Como escrever uma tese**. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson, 2002.
- VYGOTSKY, Lev Semenovictch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WIKIPÉDIA. A enclopédia livre: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 3 maio 2007.

Bibliografia

- AMIN, Esperidião Helou Filho. **A utilização de indicadores sociais na administração pública brasileira: o caso do Estado de Santa Catarina.** 2005. 171 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- ARON, Gilberto Messias et al. A utilização do 5S como um sistema de gestão estratégica. In: XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE QUALIDADE. 2005, São Paulo. **Anais eletrônicos.** São Paulo: FIPECAFI, 2005. 1 CD-ROM.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 2108:** informação e documentação: Número Padrão Internacional de Livro (ISBN). Rio de Janeiro, 2006.
- _____. **NBR 5892:** normas para datar. Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **NBR 6021:** informação e documentação: publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. **NBR 6025:** informação e documentação: revisão de originais e provas. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **NBR 6029:** informação e documentação: livros e folhetos: apresentação. Rio de Janeiro, 2006.
- _____. **NBR 6032:** abreviação de títulos de periódicos e publicações seriadas. Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **NBR 6033:** ordem alfabética: procedimento. Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **NBR 6034:** informação e documentação: índice: apresentação. Rio de Janeiro, 2004.
- _____. **NBR 9577:** emprego de numeração de semanas: procedimento. Rio de Janeiro, 1986.
- _____. **NBR 9578:** arquivos: terminologia. Rio de Janeiro, 1986.
- _____. **NBR 10518:** informação e documentação: guias de unidades informacionais: elaboração. Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **NBR 10519:** critérios de avaliação de documentos de arquivo: procedimento. Rio de Janeiro, 1988.
- _____. **NBR 10525:** informação e documentação: Número Padrão Internacional para Publicação: ISSN. Rio de Janeiro, 2005.

_____. NBR 10526: editoração de traduções: procedimento. Rio de Janeiro, 1988.

_____. NBR 10719: apresentação de relatórios técnico-científicos: procedimento. Rio de Janeiro, 1989.

_____. NBR 12676: métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação: procedimento. Rio de Janeiro, 1992.

_____. NBR 15287: informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

BATY, Gordon B. **Pequenas e médias empresas dos anos 90**: guia do consultor e do empreendedor. Traduzido por Sandra Regina Garcia Palumbo. São Paulo: Makron Books, 1994.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Bibliografia do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações, 1971. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações, 1971.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOWDITCH, J. L.; BUONO, A. F. **Elementos do comportamento organizacional**. São Paulo: Pioneira, 1992.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional. **Educação profissional**: um projeto para o desenvolvimento sustentado. Brasília: SEFOR, 1995.

CAMPOS, Celso José. A competitividade e o aprendizado das organizações brasileiras. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 71-88, maio/jun. 2000.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1997.

DRUCKER, Peter Ferdinand. Árvores não crescem até o céu. **HSM Management**. São Paulo, n. 54, ano 10, vol. 1, p. 12-22, jan./fev. 2006.

EBOLI, Marisa. O desenvolvimento das pessoas: educação corporativa. In: KRAMER Érika. **As pessoas na organização**: estudos de casos. São Paulo: Gente, 2002.

ELETROBRÁS. **Tecnologia Digital: Aplicação a controle de processos em usinas e subestações** (filme-vídeo). Brasil, 1998. 1 fita de vídeo VHS 45 min., color.

FERREIRA, Ademir A. et al. **Gestão empresarial**: de Taylor aos nossos dias. São Paulo: Pioneira, 1998.

FLEURY, Maria Tereza. No universo da cultura, o centro se encontra em toda parte. In: EBOLI, Marisa (coord.). **Coletânea universidades corporativas**: educação para as empresas do século XXI. São Paulo: Adolfo Schmukler, 1999.

FUNDAÇÃO PARA O PRÊMIO NACIONAL DA QUALIDADE. **Critérios de excelência**: o estado da arte da gestão para a excelência do desempenho e o aumento da competitividade. São Paulo: FNQ, 2006.

IUDÍCIBUS, Sergio de; MARION, Jose Carlos. **Curso de contabilidade para não contadores**: para as áreas de administração, economia, direito e engenharia. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LANER, Aline dos S.; CRUZ JUNIOR, João B. (Org.). **Repensando as organizações**: da formação a participação. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004.

LEMOS, Dannyela da Cunha. **Educação corporativa**: pesquisa de soluções em e-learning e modelos de universidades corporativas. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 1991.

MELO, Pedro Antônio de. **Política, estrutura e funcionamento do ensino superior**. Curso de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal de Santa Catarina. De 02.03 à 29.06.2005. 18 fls. Notas de aula. 2005.

MENEGASSO, Maria Ester; SALM, Jose Francisco. A Educação continuada e (a) capacitação gerencial: discussão de uma experiência. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 27-35, mar. 2001.

MICKLETHWAIT, John; WOOLDRIGDE, Adrian. **Os bruxos da administração**: como entender a Babel dos gurus empresariais. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

MINTZBERG, Henry. **Criando organizações eficazes**: estruturas em cinco configurações. São Paulo: Atlas, 1995.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MOSCOVICI, Fela. **Equipes dão certo**: a multiplicação do talento humano. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

MOSER, Maristela Deise. **O comportamento do spread e a evolução das tarifas bancárias à luz dos custos e receitas do BESC, no período de 1994 a 2004.** Florianópolis, 2005. 118 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

OLIVEIRA, Janaina Mendes de. Modelo para a integração dos mecanismos de fomento ao empreendedorismo no âmbito das universidades: o caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006. 169 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

OTANI, Nilo. **A educação corporativa como estratégia competitiva:** a universidade da Caixa Econômica Federal. 2005. 178 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

PONCHIROLI, Osmar. **A importância do capital humano na gestão estratégica do conhecimento sob a perspectiva da teoria do agir comunicativo.** Florianópolis, 2003. 172p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

RESNIK, Paul. **A bíblia da pequena e média empresa.** São Paulo: Makron Books, 1991.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 11, 1999, p. 5-16.

SENGE, Peter M. **A dança das mudanças.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SILVEIRA, Rosana Rosa. **Cultura organizacional conservadora e inovadora:** estudo de caso nos Supermercados Imperatriz. 2002. 191p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SOUZA, Marli Palma. **A publicização da violência de pais contra filhos:** um estudo das implicações da denúncia. São Paulo, 2000. 210 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universitária Católica de São Paulo, 2000.

TRATTION, Cláudio; MACEDO-SOARES, Diana. Medição de desempenho e estratégias orientadas para o cliente: resultados de uma pesquisa de empresas líderes no Brasil. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 39, n. 4, p. 46-59, out/dez.1999.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto Astronômico e Geográfico. **Anuário astronômico.** São Paulo, 1988.

WOOD JÚNIOR, Thomaz. **Mudança organizacional:** aprofundando temas atuais em administração de empresas (Coord.). São Paulo: Atlas, 1995.

Apêndice A: Modelo de TCC

NOME DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

NOME DO GRADUANDO

TÍTULO DO TRABALHO

Subtítulo

Cidade

Ano

NOME DO GRADUANDO

TÍTULO DO TRABALHO

Subtítulo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em... da Instituição... como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado/Bacharel em...

Orientador: Prof. (nome), Especialista, MSc. ou Dr.

Cidade

Ano

NOME DO GRADUANDO

TÍTULO DO TRABALHO

Subtítulo

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado para a obtenção do título de Bacharel em (nome do curso) no Programa de Graduação em (nome do curso) do (Instituição).

Cidade, (dia) de (mês) de (ano).

Prof. (nome)

Coordenador do Programa

Banca Examinadora

.....
Prof. (nome), Dr. - Orientador

.....
Prof^a (nome), Dra.

.....
Prof. (nome), MSc.

Dedico este trabalho a ... (incluir aqui o nome de pessoas importantes, às quais se deseja dedicar este trabalho)

AGRADECIMENTOS

Determinadas pessoas fizeram parte...

Agradeço ao...

Agradeço à...

Ao...

Aos...

Finalmente, agradeço àqueles que...

Epígrafe

Feliz aquele que transfere o que
sabe e aprende o que ensina.

(Cora Coralina)

RESUMO

SOBRENOME, Nome. Título do trabalho. Ano. xx f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em...) – Nome da instituição, Cidade, Ano.

Trata-se de uma apresentação objetiva e resumida do trabalho, salientando os aspectos de maior relevância. Redigida de modo impessoal, contendo até 500 palavras. Deve conter o objetivo, alguns aspectos da fundamentação, os procedimentos metodológicos, os principais resultados e as conclusões.

Palavras-chave: Metodologia de pesquisa. Trabalho de conclusão de curso. Manual.

ABSTRACT

SOBRENOME, Nome. **Título do trabalho.** Ano. xx f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em...) – Nome da instituição, Cidade, Ano.

Obedece à mesma formatação do Resumo. Tradução para a língua estrangeira do resumo. É a versão do resumo em idioma internacional (nesse caso, em inglês).

Key words: Research's methodology. Work of superior course conclusion. Handbook.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição de itens	29
Quadro 2 – Descrição de etapas	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo de serviço	44
Gráfico 2 – Evolução orçamentária	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de itens	19
Tabela 2 – Resultados obtidos em 2006	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Tema e problema	16
1.2 Objetivos	19
1.2.1 Geral	19
1.2.2 Específicos	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2. 1 A contextualização	25
2.1.1 O surgimento	25
2.2 Educação	37
2.3 Corporação	42
2.4 Estratégia	47
2.4.1 Planejamento	51
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
3.1 Natureza	56
3.2 População e amostra	57
3.3 Coleta de dados	58
3.3.1 Roteiro de entrevista	58
4 RESULTADOS DE PESQUISA	59
4.1 Instituição	61
4.2 Amostra	62
4.3 Resultados	64
5 CONCLUSÕES	67
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO (seção primária, sem recuo, maiúsculo, negrito)

Recuo de 1,25 cm. Fonte: Times New Roman ou Arial. Corpo 12. Espaçamento 1,5 entre linhas.

A introdução apresenta ao leitor o propósito do trabalho de pesquisa. Podem ser contextualizados fatos históricos e aspectos que levaram os pesquisadores ao interesse do tema, bem como o tema e o problema de pesquisa, hipóteses e justificativas. Não se trata de uma fundamentação teórica, apesar de autores poderem ser citados. Ao final da introdução, apresentar o objetivo geral do trabalho e os objetivos específicos, bem como a síntese dos itens que irão compor o corpo do trabalho.

1.1 Tema e problema (seção secundária, negrito)

Texto.

1.2 Objetivos

Texto.

1.2.1 Geral (seção terciária, sem negrito)

Texto.

1.2.2 Específicos

Texto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (início de página)

É o texto que alicerça o trabalho e os resultados de pesquisa. Deve buscar a explanação por intermédio da construção de teorias pela citação dos autores. Recomenda-se que se utilize a terceira pessoa (singular ou plural) ou a forma impessoal com a partícula de indeterminação do sujeito “-se”. Divide-se em seções e subseções.

2.1 A contextualização

Texto.

2.1.1 O surgimento

Texto.

2.2 Educação

Texto.

2.3 Corporação

Texto.

2.4 Estratégia

Texto.

2.4.1 Planejamento

Texto.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (Início de página)

Texto.

3.1 Natureza

Texto.

3.2 População e amostra

Texto.

3.3 Coleta de dados

Texto.

3.3.1 Roteiro de entrevista

Texto.

4 RESULTADOS DE PESQUISA (início de página)

Texto.

4.1 Instituição

Texto.

4.2 Amostra

Texto.

4.3 Resultados

Texto.

5 CONCLUSÕES (início de página)

Apresenta de modo sintético o encerramento do trabalho, contemplando a fundamentação teórica, os resultados de pesquisa e os objetivos alcançados. Sugere-se que o pesquisador registre, nesta seção, aspectos da pesquisa que não foram (totalmente) contemplados e que podem ser aprofundados.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação:** noções práticas. São Paulo: Atlas, 1995.
- BARROS, Aidil J. da S.; LEHFELD, Neide A. de S. **Fundamentos de metodologia:** um guia para a iniciação científica. 2. ed. ampl. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BRYMAN ; CRAMER. **Qualitative analysis for social scientists.** London: Routledge, 1990.
- CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em ciências humanas e sociais.** 2. ed. São Paulo, Cortez, 1995.

Apêndice B: Quadro ABNT NBR

Fundada em 1940, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) – endereço eletrônico: <http://www.abnt.org.br> – é o órgão responsável pela normalização técnica no país, fornecendo a base necessária ao desenvolvimento tecnológico brasileiro.

É uma entidade privada, sem fins lucrativos, reconhecida como único Foro Nacional de Normalização através da Resolução nº 07 do CONMETRO, de 24.08.1992.

É membro fundador da ISO (*International Organization for Standardization*), da COPANT (Comissão Panamericana de Normas Técnicas) e da AMN (Associação Mercosul de Normalização).

A ABNT é a única e exclusiva representante no Brasil nas seguintes entidades internacionais: ISO (*International Organization for Standardization*), IEC (*International Electrotechnical Commission*), e das entidades de normalização regional COPANT (Comissão Panamericana de Normas Técnicas) e a AMN (Associação Mercosul de Normalização).

Sua missão é prover a sociedade brasileira de conhecimento sistematizado, por meio de documentos normativos, que permita a produção, a comercialização e uso de bens e serviços de forma competitiva e sustentável nos mercados interno e externo, contribuindo para o desenvolvimento científico e tecnológico, proteção do meio ambiente e defesa do consumidor.

A Normalização é a atividade que estabelece, em relação a problemas existentes ou potenciais, prescrições destinadas à utilização comum e repetitiva com vistas à obtenção do grau ótimo de ordem em um dado contexto.

Objetivos da normalização:

- **Economia:** Proporcionar a redução da crescente variedade de produtos e procedimentos;
- **Comunicação:** Proporcionar meios mais eficientes na troca de informação entre o fabricante e o cliente, melhorando a confiabilidade das relações comerciais e de serviços;
- **Segurança:** Proteger a vida humana e a saúde;
- **Proteção do Consumidor:** Prover a sociedade de meios eficazes para aferir a qualidade dos produtos;
- **Eliminação de Barreiras Técnicas e Comerciais:** Evitar a existência de regulamentos conflitantes sobre produtos e serviços em diferentes países, facilitando, assim, o intercâmbio comercial.

Na prática, a normalização está presente na fabricação dos produtos, na transferência de tecnologia, na melhoria da qualidade de vida através de normas relativas à saúde, à segurança e à preservação do meio ambiente.

Benefícios da normalização: numa economia onde a competitividade é acirrada e onde as exigências são cada vez mais crescentes, as empresas dependem de sua capacidade de incorporação de novas tecnologias de produtos, processos e serviços. A competição internacional entre as empresas eliminou as tradicionais vantagens baseadas no uso de fatores abundantes e de baixo custo. A normalização é utilizada cada vez mais como um meio para se alcançar a redução de custo da produção e do produto final, mantendo ou melhorando sua qualidade.

O quadro a seguir identifica as principais normas da ABNT relacionadas aos trabalhos acadêmicos, descreve o objetivo da norma e a data de início de vigência¹.

ABNT NBR	Título e Objetivo da Norma	Vigência
5892	NORMA PARA DATAR Fixa as condições exigíveis para indicação da data de um documento ou acontecimento. Aplica-se a datas históricas que têm como referência o início da era cristã.	Ago./1989
6021	PUBLICAÇÃO PERIÓDICA CIENTÍFICA IMPRESSA – APRESENTAÇÃO Especifica os requisitos para apresentação dos elementos que constituem a estrutura de organização física de uma publicação científica impressa.	Maio/2003
6022	ARTIGO EM PUBLICAÇÃO PERIÓDICA CIENTÍFICA IMPRESSA – APRESENTAÇÃO Estabelece um sistema para a apresentação dos elementos que constituem o artigo em publicação periódica científica impressa.	Maio/2003
6023	REFERÊNCIAS – ELABORAÇÃO Fixa a ordem dos elementos das referências e estabelece convenções para transcrição e apresentação da informação originada do documento e/ou outras fontes de informação.	Ago./2002
6024	NUMERAÇÃO PROGRESSIVA DAS SEÇÕES DE UM DOCUMENTO ESCRITO – APRESENTAÇÃO Estabelece um sistema de numeração progressiva das seções de documentos escritos, de modo a expor numa seqüência lógica o inter-relacionamento da matéria e a permitir sua localização.	Maio/2003
6027	SUMÁRIO – APRESENTAÇÃO Normatiza os requisitos para apresentação de sumário de documentos que exijam visão de conjunto e facilidade de localização das seções e outras partes.	Maio/2003
6028	RESUMO – APRESENTAÇÃO Estabelece os requisitos para redação e apresentação de resumos.	Nov./2003
6029	LIVROS E FOLHETOS – APRESENTAÇÃO Estabelece os princípios gerais para apresentação dos elementos que constituem o livro ou folheto. Destina-se a editores, autores e usuários. Não se aplica à apresentação de publicações seriadas.	Abr./2006
6033	ORDEM ALFABÉTICA Fixa critérios de aplicação da ordem alfabética em listas, índices, catálogos, bibliografias e trabalhos de natureza semelhante.	Ago./1989
6034	ÍNDICE – APRESENTAÇÃO Estabelece os requisitos de apresentação e os critérios básicos para a elaboração de índices.	Jan./2005
10520	CITAÇÕES EM DOCUMENTOS – APRESENTAÇÃO Normatiza as características exigíveis para apresentação de citações em documentos.	Ago./2002
10526	EDITORAÇÃO E TRADUÇÕES Fixa as condições exigíveis para identificação e apresentação de traduções em publicações impressas.	Out./1988
10719	APRESENTAÇÃO DE RELATÓRIOS TÉCNICO-CIENTÍFICO Fixa as condições exigíveis para a elaboração e a apresentação de relatórios técnico-científicos. Trata exclusivamente de aspectos técnicos de apresentação, não incluindo questões de direitos autorais.	Ago./1989
12225	LOMBADA – APRESENTAÇÃO Estabelece os requisitos para apresentação de lombadas.	Jul./2004
14724	TRABALHOS ACADÉMICOS – APRESENTAÇÃO Indica os princípios gerais para elaboração de trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e outros), visando sua apresentação à instituição (banca, comissão examinadora de professores, especialistas designados e/ou outros). Essa norma aplica-se, no que couber, aos trabalhos intra e extraclasse da graduação.	Jan./2006

¹ Informações coletadas do site institucional da ABNT: <<http://www.abnt.org.br>>.

Acesso em: 10 jul. 2007.